

TIAGO ELÍDIO

**A PERSEGUIÇÃO NAZISTA AOS HOMOSSEXUAIS:
O TESTEMUNHO DE UM DOS ESQUECIDOS DA MEMÓRIA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de mestre em Teoria e História Literária.

Orientação do Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva.

CAMPINAS

2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

EL
42p Elídio, Tiago.
A perseguição nazista aos homossexuais : o testemunho de um dos esquecidos da memória / Tiago Elídio da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Márcio Orlando Seligmann-Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Nazismo. 2. Homossexualidade. 3. Silêncio. 4. Testemunho. 5. França. I. Seligmann-Silva, Márcio Orlando. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The Nazi persecution of homosexuals: the testimony of one of the forgotten by the memory.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Nazism; Homosexuality; Silence; Testimony; France

Área de concentração: Literatura Geral e Comparada.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann-Silva (orientador), Profa. Dra. Jeanne Marie Gagnebin de Bons, Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa. Suplentes: Prof. Dr. Jaime Ginzburg, Profa. Dra. Carmen Lucia Soares.

Data da defesa: 06/08/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

Márcio Orlando Seligmann-Silva



Jeanne Marie Gagnebin de Bons



Susel Oliveira da Rosa



Jaime Ginzburg

Carmen Lucia Soares

IEL/UNICAMP
2010

RESUMO:

O genocídio nazista foi uma das grandes catástrofes que marcaram o século XX. Entre os grupos perseguidos e assassinados estavam os homossexuais. Após o final da guerra, devido às leis que ainda estavam em vigor contra eles, os que sobreviveram não puderam prestar seu testemunho e contar o que havia passado nesse período. Isso só foi possível décadas depois, quando tais leis deixaram de existir e os homossexuais passaram a ter mais visibilidade, sendo, assim, possível falar. Um importante testemunho desse grupo é a autobiografia de um sobrevivente francês, *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel* (“Eu, Pierre Seel, deportado homossexual”, sem tradução para o português). Em sua obra, podemos vislumbrar as principais características desse tipo de narrativa testemunhal, como, por exemplo, a questão da denúncia e da violência sofrida. No entanto, sua homossexualidade traz algumas diferenças. Uma delas é a distância temporal entre o evento e a escrita. Passados muitos anos após o fim do regime, sua narrativa não só faz uma denúncia ao sistema nazista, como também ao período pós-guerra. Em seu livro, narra a dificuldade enfrentada pelos homossexuais ao longo dos anos e a dificuldade de reconhecimento desse grupo como vítima do regime de Hitler.

Palavras-chave: Nazismo, homossexualidade, silêncio, França, testemunho

ABSTRACT:

The Nazi genocide was one of the major disasters that marked the 20th century. The homosexuals were one of the groups that were persecuted and murdered. After the war, due to laws that were still in force against them, those who survived were unable to provide their testimony and tell what had passed in that period. This was only possible some decades later, when such laws no longer exist and homosexuals had more visibility, and therefore it was possible to speak. An important testimony of this group is the autobiography of a French survivor, *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel* ("I, Pierre Seel, deported homosexual", without translation into Portuguese). In his work, we can observe some points of this kind of testimonial narrative, for example, the issues of the denunciation and of the violence. However, the homosexuality brings some differences. One is the temporal distance between the event and the writing. Many years had passed after the end of the regime, so his narrative not only makes a complaint to the Nazi system, but also to the postwar period. In his book, he recounts the difficulty that homosexuals had passed over the years and also the difficulty about recognizing this group as a victim of Hitler's regime.

Key-words: Nazism, homosexuality, silence, France, testimony

RÉSUMÉ:

Le génocide nazi a été une des grandes catastrophes qui ont marqué le 20ème siècle. Les homosexuels ont été l'un des groupes qui ont été persécutés et assassinés. Après la guerre, en raison des lois qui étaient encore en vigueur contre eux, ceux qui ont survécu ont été incapables de fournir leur témoignage et de dire ce qui s'était passé durant cette période. Cela n'a été possible quelques décennies plus tard, lorsque de telles lois n'existent plus et les homosexuels ont plus de visibilité, et il était donc possible de parler. Un témoignage important de ce groupe est l'autobiographie d'un survivant français, *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*. Dans son œuvre, on peut observer certains points de ce genre de récit testimonial, comme, par exemple, les questions de la dénonciation et de la violence. Toutefois, l'homosexualité apporte quelques différences. L'une est la distance temporelle entre l'événement et l'écriture. De nombreuses années ont passé après la fin du régime, alors son récit ne rend pas seulement une dénonciation du système nazi, mais aussi de la période d'après-guerre. Dans son livre, il raconte la difficulté que les homosexuels avaient passé au fil des ans et aussi la difficulté à reconnaître ce groupe comme une victime du régime hitlérien.

Mots-clés: Nazisme, homosexualité, silence, France, témoignage

RESUMEN:

El genocidio nazi fue una de las grandes catástrofes que marcaron el siglo 20. Los homosexuales eran uno de los grupos que fueron perseguidos y asesinados. Después de la guerra, debido a las leyes que aún estaban en vigor contra ellos, los que sobrevivieron no pudieron aportar su testimonio y decir lo que había pasado en ese período. Esto sólo fue posible algunas décadas más tarde, cuando esas leyes ya no existían y los homosexuales tenían más visibilidad, y por lo tanto era posible hablar. Un testimonio importante de este grupo es la autobiografía de un superviviente francés, *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel* (“Deportado homosexual”). En su obra, podemos observar algunos puntos de este tipo de narrativa testimonial, por ejemplo, las cuestiones de la denuncia y de la violencia. Sin embargo, la homosexualidad trae algunas diferencias. Una de ellas es la distancia temporal entre el acontecimiento y la escritura. Habían pasado muchos años después del final del régimen, por lo tanto, su narración no sólo hace una denuncia al sistema nazi, sino al período de posguerra. En su libro, narra la dificultad que los homosexuales han pasado al transcurso de los años, y también la dificultad del reconocimiento de ese grupo como una víctima del régimen de Hitler.

Palabras clave: Nazismo, homosexualidad, silencio, Francia, testimonio

meus agradecimentos
a todos
que ajudaram a constituição desse trabalho
mesmo que mínima e indiretamente...
e um agradecimento especial a
Pierre Seel
por ter escrito sua autobiografia
e trazer à luz essa memória
que por tanto tempo esteve oculta...
também dedico a ele
essa minha dissertação
e a todos que morreram
e continuam morrendo
por serem diferentes...

Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele.

Kafka, *O Processo*

SUMÁRIO...

Introdução...	...11
1. O Parágrafo 175 e suas consequências...	...18
2. Uma sexualidade perseguida...	...29
3. A autobiografia de um sobrevivente...	...49
4. O testemunho de um dos esquecidos da memória...	...65
Considerações finais...	...91
Bibliografia...	...93

INTRODUÇÃO...

Walter Benjamin, em seu texto “O Narrador” (1980), aborda a questão da transmissão, descrevendo as transformações que ocorreram ao longo do tempo sobre essa questão. Sua conclusão é de que atualmente não se consegue mais contar histórias como antigamente, de geração a geração. Isso se deve ao fato de ninguém ter mais uma relação viva com a experiência. Além disso, aqueles que a tiveram, dado o contexto de grandes catástrofes dos últimos tempos, como os sobreviventes de guerras, voltaram das trincheiras mudos, pois aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras. Havia uma certa impossibilidade, para a linguagem cotidiana e para a narração tradicional, de assimilar o choque, o trauma, pela grande dificuldade de simbolizar através da linguagem, como afirma a filósofa Jeanne Marie Gagnebin.

Além disso, nota-se uma ausência de pessoas que queiram escutar as experiências. Ainda de acordo com Benjamin, na transmissão tradicional, os ouvintes, além de possuir o mesmo tipo de linguagem do contador, teriam valores comuns. Porém, esse não é o caso quando se fala dos sobreviventes homossexuais, vistos como seres imorais por muitos. Assim, além da dificuldade de narrar em consequência do evento-limite vivido, havia uma imposição do silêncio, ficando ainda mais difícil transmitir a experiência.

Ademais, como ressalta Gagnebin, para Benjamin, o narrador seria também aquele que recolhe as sucatas, o lixo, sendo um “narrador sucateiro”, que “deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer” (GAGNEBIN, 2006, p. 54), como, por exemplo:

Aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que não foi tão bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste – aqueles que desapareceram tão por completo que ninguém lembra de seus nomes. Ou ainda: o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda. Essa tarefa paradoxal consiste, então, na transmissão do inenarrável, numa fidelidade ao passado e aos mortos, mesmo – principalmente – quando não conhecemos nem seu nome nem seu sentido. (GAGNEBIN, 2006, p. 54)

Poderíamos pensar, portanto, que esse narrador também teria como função gerar a memória emblemática dessas pessoas. O historiador Steve J. Stern afirma que nossa memória é formada por lembranças de experiências significativas para todos nós, e fundamentais para definir quem somos. Porém, essa memória solta e pessoal não está necessariamente dotada de um

sentido maior, de um significado social que a coloca no coração do imaginário coletivo (STERN, 2000, p. 12). No entanto, quando várias pessoas passam por experiências semelhantes, essas memórias podem se tornar emblemáticas. As pontes interativas entre as memórias soltas e as emblemáticas se constroem a partir de conjunturas ou fatos históricos especiais, a partir dos casos em que uma ou duas gerações de pessoas sentem que viveram uma experiência pessoal ligada a grandes processos ou fatos históricos, de viradas ou rupturas extraordinárias, que mudam o destino.

Stern afirma que a história da memória e do esquecimento coletivo é um processo de desejo e de luta para construir as memórias emblemáticas, para criar certos tipos de pontes entre a experiência e o esquecimento pessoal e solto por um lado, e a experiência e a lembrança emblemática e coletivamente significativa por outro lado. Segundo o autor, há três tipos de nós (laços) que convocam a memória e o esquecimento. Nós que são grupos humanos, nós de “fatos e datas”, e nós que são lugares ou restos físicos. Tais nós vão convocando múltiplas memórias e exigindo que se construam pontes em direção à memória e ao esquecimento coletivo.

A memória emblemática seria, portanto, um marco e não um conteúdo concreto. Assim, dá um sentido interpretativo e um critério de seleção às memórias pessoais, vividas e meio-soltas, pois não é uma memória única, homogênea e substantiva. Para ilustrar, o autor afirma que ela seria uma grande tenda onde há um “show”, que vai incorporando, dando sentido e organizando várias memórias, articulando-as ao sentido maior. Este, por sua vez, vai definindo quais são as memórias soltas que devem ser recordadas, dando a elas as boas-vindas à tenda e a seu show. Há também o outro lado, formado pelas coisas que o melhor a se fazer é esquecê-las ou empurrá-las para as margens.

Um exemplo disso é a memória coletiva em relação ao nazismo. De um lado, encontramos os judeus, que, através dos relatos de suas experiências, conseguiram gerar uma memória emblemática sobre o que passaram. Isso se deve sobretudo ao fato de que tal grupo possuía uma relação privilegiada com a escrita e com a memória, bem como a tradição de escrever sobre suas tragédias. Por outro lado, temos a memória esquecida de outros grupos. Entre eles, estavam os homossexuais, que, à época, encontravam-se à mercê das leis anti-homossexuais e não constituíam coletivos. Assim, não puderam gerar essa memória emblemática, fadados ao esquecimento por um certo tempo, até emergir o movimento homossexual e permitir quebrar esse laço. No entanto, Stern ressalta que esse tipo de memória como esquecimento também não deixa

de ser um tipo de memória emblemática. É uma caixa que é deixada fechada. Porém, como afirma, trata-se de um esquecimento cheio e carregado de memória. Define o lado útil do esquecimento e define as coisas que mais vale esquecer.

Se trata, más bien, de pegarse a una especie de amnesia voluntaria, una voluntad más o menos consciente de poner al lado ciertos recuerdos tachados como insuperables y peligrosos. Define cuáles son las memorias sueltas que tienen un sentido emblemático justamente porque simbolizan la peligrosidad, y cuáles son las cosas que no hay que recordar y hablar en las esferas sociales compartidas con otros.¹ (STERN, 2000, p. 17).

O historiador nota que, embora essas memórias emblemáticas sejam invenções humanas, elas não são arbitrárias. A experiência pessoal às vezes encontra um “eco” na sociedade e na cultura. É essa dinâmica complexa do eco que faz com que uma memória emblemática possa “convencer” a setores significativos, dando assim sentidos maiores a várias memórias soltas. Assim, podemos inferir que as dos homossexuais não convenceram, justamente por eles, após o nazismo, ainda serem considerados seres passíveis de punição e assassinato. Muitas vezes, sequer chegaram a ser colocadas, limitando-se muitas vezes às instâncias familiares, onde também sofriam seu silenciamento.

Essas memórias emblemáticas nascem e adquirem sua influência através dos esforços múltiplos, conflituosos e competitivos de dar sentido às grandes experiências humanas – os grandes processos, traumas e viradas históricas. Existem alguns critérios que influem na capacidade de “convencer” e assim chegar a ter peso cultural. Um deles é a historicidade. As memórias emblemáticas são mais fortes quando se trata de um fato percebido como “histórico e fundamental” para uma ou várias gerações. Outro critério é a autenticidade. Ela convence mais se consegue incorporar alusões a experiências concretas reais das pessoas, encontrando assim um “eco” real na sociedade. Há também a questão da amplitude. A memória emblemática é mais eficaz quando funciona como uma grande tenda, capaz de incorporar várias lembranças e conteúdos concretos e de dar-lhes um sentido compartilhado.

Outro critério importante é a projeção nos espaços públicos ou semi-públicos, como observa Stern:

En la medida que las memorias quedan en el ámbito de lo muy encerrado – como algo compartido entre familiares o amigos muy íntimos, o algo que no logra ir más allá de los rumores

1 Trata-se, na verdade, de se agarrar a uma espécie de amnésia voluntária, uma vontade mais ou menos consciente de deixar de lado certas lembranças tachadas como insuperáveis e perigosas. Define quais são as memórias soltas que possuem um sentido emblemático justamente porque simbolizam a periculosidade, e quais são as coisas de que não se deve lembrar e falar nas esperas sociais compartilhadas com outros. (tradução minha)

–, la fragmentación y la semi-clandestinidad imponen barreras formidables, que impiden construir puentes hacia las memorias emblemáticas. Las memorias emblemáticas potenciales necesitan contar con una elaboración y circulación más o menos públicas, sea en los medios de comunicación públicos de amplia circulación; o en los espacios de elaboración cultural e intelectual como las universidades. (...) Si no hay proyección, las memorias potencialmente emblemáticas quedan culturalmente arrinconadas como algunos recuerdos sueltos más, personales y quizás arbitrarios o equivocados, sin mayor sentido colectivo.² (STERN, 2000, p. 19-20).

Podemos pensar, portanto, que esse é um dos critérios mais fortes que inviabilizou a constituição de uma memória emblemática dos homossexuais perseguidos pelos nazistas, deixando suas memórias soltas relegadas ao esquecimento, pois, com o fim da guerra, em razão das leis homofóbicas, não puderam partilhar suas histórias e criar uma projeção pública, tendo que se fechar em si mesmos. Isso só começou a mudar a partir do final dos anos 60 e sobretudo na década de 70 e ao longo dos 80, quando tais leis foram revogadas e associações homossexuais se tornaram mais fortes, com maior peso político, maior visibilidade e maior influência. Assim, muitos homossexuais viram que não estavam sozinhos. E os que haviam passado por eventos trágicos, como o nazismo, puderam, por fim, testemunhar. Dessa maneira, essas memórias soltas começaram a circular e ganhar mais projeção.

Outro critério importante na criação da memória emblemática, segundo Stern, é a identificação com um referente social convincente. Se este provoca o respeito e até a empatia cultural, dá à memória emblemática uma certa autenticidade e uma maior capacidade de convencer. Os homossexuais também não contaram com isso. O que aconteceu foi justamente o contrário. Ao invés de simpatia e solidariedade, nos anos posteriores à guerra, tiveram que enfrentar uma hostilidade feroz, tanto no âmbito jurídico, pelas leis, como pela sociedade civil em geral, que ainda os condenavam.

Por fim, como critério imprescindível, temos os porta-vozes. Sem eles, todo o resto não pode funcionar. “Se trata de los portavoces humanos, comprometidos y organizados para compartir memorias, organizarlas y proyectarlas, insistiendo en ellas. Son los actores humanos que convocan a la memoria como algo suyo, colectivo e importante, a la vez que van indagando,

2 Na medida em que as memórias ficam no âmbito do muito fechado – como algo compartilhado entre familiares ou amigos muito íntimos, ou algo que não consegue ir além dos rumores – a fragmentação e a semi-clandestinidade impõem barreiras formidáveis, que impedem que se construam pontes em direção às memórias emblemáticas. As memórias emblemáticas potenciais precisam contar com uma elaboração e circulação mais ou menos públicas, seja nos meios de comunicação públicos de ampla circulação; ou nos espaços de elaboração cultural e intelectual como as universidades. (...) Se não há projeção, as memórias potencialmente emblemáticas ficam culturalmente abandonadas como mais algumas lembranças soltas, pessoais e talvez arbitrárias ou equivocadas, sem maior sentido coletivo. (tradução minha)

organizando e interpretando los recuerdos³” (STERN, 2000, p. 21). Isso também esteve ausente em relação aos homossexuais por muito tempo. Somente depois das mudanças comentadas acima é que certos sobreviventes tiveram a possibilidade de começar a falar e buscar o reconhecimento desse grupo como vítima.

Os nós, observa Stern, ao imporem a ruptura, exigem que pensemos e interpretemos as coisas mais conscientemente. Sendo negativos ou positivos, estes são nós que interrompem os fluxos e ritmos “normais”, que constituem um mundo de hábitos e reflexos cotidianos. Rompem a normalidade que não necessita muito pensamento ou muita memória consciente. Exigem que pensemos, sintamos, atendamos. “Los nudos convocantes de la memoria son a menudo fenómenos molestos y conflictivos. Son gritos y griterío. Exigen la atención⁴” (STERN, 2000, p. 22). Um desses nós é o testemunho de Pierre Seel, que pode ser visto como um desses gritos.

Pierre Seel, francês da região da Alsácia, na França, havia sido capturado pelos nazistas em 3 de maio de 1941, ainda aos 17 anos, quando a região foi tomada pelo regime de Hitler. Depois de ficar dez dias na cadeia de sua cidade, onde sofreu tortura, foi transferido, alguns dias depois, ao campo de concentração de Schirmeck-Vorbrück, situado a cerca de 30km a oeste de Estrasburgo. Em 6 de novembro de 1941, após meses de muita tortura, fome e trabalho forçado, Seel foi libertado, por boa conduta, por ser jovem e por ter assinado uma declaração em que aceitava se tornar um cidadão alemão, como podiam fazer os alsacianos sob a ocupação. No entanto, essa era uma tática nazista, pois, com isso, foi obrigado a fazer parte do exército alemão e a lutar na guerra, durante três anos.

Com o fim desta, o governo Charles de Gaulle modificou o código penal francês, retirando principalmente leis antissemitas. Porém, os artigos contra homossexualidade impostos durante a guerra continuaram, sendo revogados somente em 1982, como veremos mais detalhadamente adiante. Portanto, as vítimas da guerra se sentiam inseguras para contar suas verdadeiras histórias, por medo do estigma e de possíveis ações legais, e, assim, mentiam ou permaneciam em silêncio, como aconteceu com Seel.

3 Trata-se dos portavozes humanos, comprometidos e organizados para compartilhar memórias, organizá-las e projetá-las, insistindo nelas. São os atores humanos que convocam a memória como algo seu, coletivo e importante, ao mesmo tempo em que vão indagando, organizando e interpretando as lembranças. (tradução minha)

4 Os nós convocadores da memória são geralmente fenômenos incômodos e conflituosos. São gritos e gritaria. Exigem a atenção. (tradução minha)

Somente em 1979, após assistir a um debate no lançamento da edição francesa do testemunho de Hans Heger, sobrevivente homossexual austríaco que inspirou Martin Sherman a escrever a peça *Bent*, Seel percebeu que não estava sozinho. Depois do evento, encontrou-se com os palestrantes, que não esperavam encontrar um sobrevivente francês. Isso marcou seu renascimento e a quebra de seu silêncio, pois, depois disso, vendo que estava amparado, deu seu primeiro testemunho, que foi publicado anonimamente na edição especial da peça *Bent*, em 1981.

No ano seguinte, em 1982, após a declaração do bispo de Estrasburgo que denunciava a homossexualidade como uma doença, Seel, sentindo-se indignado, afirmou que foram discursos como esse que levaram à perseguição e ao assassinato de milhares de inocentes por parte dos nazistas. Assim, resolveu sair do anonimato e, anos mais tarde, escreveu sua autobiografia, publicada em 1994, com o título *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel* (“Eu, Pierre Seel, Deportado Homossexual”, sem tradução para o português). Isso trouxe à tona na França a questão do reconhecimento dos homossexuais que foram para os campos de concentração nazistas.

Portanto, a partir desses gritos e desses múltiplos nós, os seres humanos vão construindo um sentido de historicidade e autenticidade, uma tenda de memória ampla capaz de incluir muitos ou uma tenda pequena que convida poucos, uma projeção pública formidável ou marginalizada, um referente social convincente ou pouco convincente. Por isso, faz-se necessário o presente estudo desse testemunho, em busca de uma projeção maior à perseguição dos homossexuais por parte dos nazistas e uma afirmação dessa memória emblemática. Além disso, é importante também fazer a relação disso com os dias atuais, pois muito da mentalidade nazista ainda ecoa no presente. Muitos gays ainda hoje são considerados doentes e pervertidos e muitas vezes são assassinados por isso. Desse modo, pode-se pensar também na questão da rememoração.

Como afirma Gagnebin,

Rememoração implica uma certa ascensão da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembranças nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa no *presente*, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. (GAGNEBIN, 2006, p. 55)

Outro ponto, como também ressalta a filósofa, é o de que a testemunha não seria somente aquela pessoa que viu com seus próprios olhos, mas aquela que fica para escutar e não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por sua culpabilidade ou por compaixão, mas

porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Assim, o presente trabalho busca ouvir e analisar o que esse narrador, Pierre Seel, tem a dizer sobre sua experiência, através do viés da literatura. Em um primeiro momento, no entanto, faz-se necessário acrescentar uma apresentação do contexto histórico no qual Seel estava inserido, o período de atuação do partido nazista. É feita também uma análise, partindo da noção de biopolítica, sobre a questão da sexualidade, mostrando como os nazistas se apoderaram de certos discursos para perseguir e levar milhares de homossexuais aos campos de concentração. Além disso, busca-se observar também, em um plano mais individual, como tais discursos se inserem na vida e no corpo dos indivíduos. Em um segundo momento, a questão da escrita autobiográfica é colocada em evidência, mostrando que esse desnudamento de si através da escrita representa uma grande mudança identitária. Seel saiu de um silêncio envergonhado para se tornar um narrador com voz ativa, trazendo, assim, seu testemunho. O caráter testemunhal de sua autobiografia é, por fim, o último ponto de análise. Novamente, é necessária uma contextualização histórica. Dessa vez, dos anos do pós-guerra até o período de publicação do livro, anos de grande silenciamento e violência simbólica. Façamos, portanto, parte dessa rememoração e ouçamos seu grito.

1. O PARÁGRAFO 175 E SUAS CONSEQUÊNCIAS...

Em seu livro *Reflexões sobre a questão gay*, o filósofo francês Didier Eribon afirma que foi a cidade grande que deu aos moldes de vida gay a possibilidade de se desenvolverem plenamente. Isso, porque, segundo Eribon, ela é um mundo de estranhos. Dessa forma, é possível preservar o anonimato e, portanto, a liberdade, ao invés das sufocantes pressões das redes de contatos que caracterizam a vida nas cidades pequenas, onde cada um é conhecido (e reconhecido) por todos e deve esconder o que é, ainda mais quando se afasta da norma. Além disso, a cidade grande é também um mundo social, um mundo de socialização possível, e ela permite tanto superar a solidão quanto proteger o anonimato, ressalta.

No início do século XX, por exemplo, Berlim, na Alemanha, era uma capital moderna, com uma enorme agitação cultural e noturna. Em 1920, com seus quatro milhões de habitantes, o que a qualificava como a capital mais povoada da Europa, era uma cidade que proporcionava uma liberdade muito grande, especialmente para os homossexuais, que possuíam diversas opções de divertimento. Em 1933, a título de ilustração, o número de bares gays da cidade era de 130. Isso fazia de Berlim uma das três grandes capitais homossexuais europeias, juntamente com Paris e Londres (ERIBON, 2008).

O filósofo francês afirma também que, nas cidades pequenas, é difícil escapar do único espelho disponível, aquele que é apresentado pela vida familiar, e também pela escola, e das “interpelações” a se conformar aos modelos afetivos, culturais e sociais da heterossexualidade. Nas cidades grandes, ao contrário, é possível se libertar disso e também do horizonte de injúria na medida em que este significa a impossibilidade de viver a homossexualidade sem ter de dissimulá-la permanentemente. Dessa maneira, a participação de uma mesma sexualidade estigmatizada, assim como a marginalização e a exclusão que ela implica, é o fundamento da constituição de um mundo específico, inscrito tanto na topografia das cidades quanto na personalidade dos indivíduos que ali vêm se agregar, fazendo-o existir e perpetuando-o ao longo das gerações.

Estar com outros homossexuais permite ver a si mesmo neles. Permite partilhar e interpretar a própria existência. As redes de amigos são, como as associações ou os *pubs* e os bares, uma das instituições mais importantes da vida homossexual. Só nesse quadro é que é possível desenvolver uma identidade mais concreta e mais positiva como homossexual. (BECH *apud* ERIBON, 2008, p. 38).

Berlim, portanto, se enquadrava nesse perfil, sendo uma cidade com uma abertura muito

grande, onde os homossexuais se sentiam de fato mais livres que em outros lugares. Vale ressaltar, no entanto, que nas pequenas cidades, isso também ocorria, porém, em um nível muito menor, como vemos, por exemplo, na cidade de Pierre Seel, Mulhouse, na região francesa da Alsácia, que foi mais tarde anexada pela Alemanha nazista. Ali também havia os pontos de encontros dos homossexuais, como a praça relatada por Seel em sua autobiografia:

J'avais dix-sept ans, et je savais bien que je prenais un risque à fréquenter ce square situé entre le lycée et la maison familiale. Nous nous y retrouvions avec quelques camarades à la fin des cours. Pour bavarder entre nous. Pour attendre aussi l'inconnu qui saurait nous séduire.⁵ (SEEL, 1994, p. 11).

Era, dessa forma, um dos poucos lugares de socialização possível para os homossexuais nessa pequena cidade. Havia também um café-cabaré, como nos conta:

Je pratiquais mon homosexualité. Bientôt, mès discussions avec les autres jeunes habitués du square Steinbach m'apprirent l'existence, sur une grande place du centre-ville, dans le périmètre des magasins les plus élégants, d'une salle em étage au-dessus d'un café-concert constuit sous Louis-Philippe. Cette salle avait un billard em son centre. Mais il n'en était que le prétexte. À l'abri des regards indiscrets, des relations se nouaient entre les jeunes que nous étions et des moins jeunes, sans que la question de l'argent intervînt de quelque manière que ce fût.⁶ (SEEL, 1994, p. 23)

Porém, embora fosse um espaço possível de encontros, era um lugar clandestino, que só os homossexuais conheciam, e se resumia a práticas sexuais, como relata:

Ces rencontres se produisaient à l'heure de l'apéritif. Au rez-de-chaussée, une clientèle huppée, bercée par un petit orchestre, ignorait tout des moments de plaisir que nous nous offrions au-dessus de leurs têtes. Loin d'être amoureux, ces échanges étaient uniquement sexuels. Cette clandestinité convenait parfaitement aux grands bourgeois homosexuels de la ville qui, une fois la porte refermée à clé, pouvaient tranquillement assouvir leurs désirs. Puis ils redescendaient dans la salle du rez-de-chaussée, saluaient quelques connaissances, et rejoignaient leur voiture où parfois un chauffeur patientait. La bourgeoisie locale tenait em forte estime et choisissait d'ignorer les quelques rumeurs malveillantes les concernant.⁷ (SEEL, 1994, p. 23-24).

5 Eu tinha dezessete anos, e sabia bem que eu me arriscava frequentando aquela praça situada entre o colégio e a casa familiar. Reuníamos-nos ali com alguns colegas depois das aulas. Para conversar entre nós. E também para esperar o desconhecido que conseguisse nos seduzir. (tradução minha)

6 Eu praticava minha homossexualidade. Em pouco tempo, minhas discussões com os outros jovens frequentadores da praça Steinbach me fizeram tomar conhecimento da existência, em uma praça do centro da cidade, no perímetro das lojas mais elegantes, de uma sala no andar superior de um café-cabaré, construído sob o reinado de Luís Filipe. Essa sala tinha um bilhar em seu centro. Mas era somente um pretexto. Longe de olhares indiscretos, as relações se enlaçavam entre os jovens que éramos e os menos jovens, sem que, em nenhum momento, a questão do dinheiro interviesse. (tradução minha)

7 Esses encontros aconteciam na hora do aperitivo. No térreo, uma clientela de alto nível, agitada por uma orquestra, ignorava tudo sobre os momentos de prazer que nós nos oferecíamos em cima de suas cabeças. Longe de sermos amorosos, essas trocas eram unicamente sexuais. Essa clandestinidade convinha perfeitamente aos grandes burgueses homossexuais da cidade que, uma vez trancada a porta, podiam tranquilamente saciar seus desejos. Depois, desciam ao térreo, cumprimentando alguns conhecidos, e entravam em seus carros onde, às vezes, um chofer esperava. A burguesia local os estimava e preferia ignorar alguns rumores malévolos que lhes

Vemos, portanto, que os homossexuais, nas pequenas cidades, estavam fadados aos encontros fortuitos e feito às escondidas, vivendo uma vida dupla e ocultando sua homossexualidade, sobretudo os burgueses, como observamos através das palavras de Seel. Isso era bem diferente do que ocorria nas grandes cidades, onde uma “cultura gay” emergia, resultando assim em uma maior visibilidade. Porém, Eribon ressalta que, embora a cidade seja o lugar de existência da “cultura gay”, ela é também o lugar da vigilância social desta, no que ela tem de mais banal e de mais cotidiano, e da interação entre esses dois fenômenos.

Assim, as cidades evocadas mais acima como exemplos de símbolos de liberdade sonhada ou vivida (Berlim, Paris, Amsterdam, Londres, San Francisco, Nova York...) representaram, ao mesmo tempo e simetricamente, tudo aquilo que os detentores da ordem moral e social e os apóstolos da religião, do familiarismo e da opressão das mulheres e dos homossexuais sempre execraram e execram. A atmosfera da cidade é viciada, deletéria: é, a um só tempo, doente e lugar da doença. Em todo o discurso das ideologias tradicionalistas, como no das revoluções ou das restaurações conservadoras, dos nacionalismos e dos fascismos (ligados à cidade pela própria estrutura da mobilização política em que se apoiam), a ideia da cidade sempre esteve associada às ameaças de decadência (oposta à saúde) e de mistura (oposta à pureza – da raça). Não se deve ter medo de escrever que o nazismo e os fascismos prosperaram sobre a denúncia de tudo o que fazia da cidade um paraíso para os homossexuais. Não esqueçamos que o nazismo se apresentou como um empreendimento de 'purificação' não só racial, mas também sexual. (ERIBON, 2008, p. 60-61).

Portanto, se isso ocorria nas cidades grandes, onde existia maior liberdade, nas cidades menores, por outro lado, o nível de vigilância e perseguição era ainda maior. Seel conta que, ao denunciar o roubo do seu relógio na delegacia de polícia, relatou também que o incidente havia ocorrido na praça que frequentava. Os policiais sabiam que esse lugar era um ponto de encontro de homossexuais. Por isso, fizeram Seel se sentir humilhado e envergonhado, além de acossado, deixando-lhe com medo:

Le commissariat central de Mulhouse se trouve à l'arrière de l'hôtel de ville. Je fus courtoisement reçu. *Mais quel ne fut pas mon embarras lorsque, au fur et à mesure des questions et des réponses nécessaires à l'établissement de la déclaration, l'officier de police, réalisant la signification du lieu et de l'heure tardive, se fit de plus en plus soupçonneux.* Je rougis mais voulus établir la vérité de l'incident. *Le délit était le vol, pas mas sexualité.* Il me fit signer la déposition et la classa.

Mais, au moment de me lever pour le quitter, il me fit rasseoir. *Puis il se mit brutalement à me tutoyer. Serais-je content si mon père, à la réputation intègre dans la ville, venait à apprendre où traînait son fils de dix-sept ans au lieu d'être à la maison? Je ne souhaitais créer aucune ombre à la bonne réputation de ma famille. Je commençais alors à pleurer. Des larmes de honte ou de vexation d'avoir été piégé, je ne sais plus.* En tout cas, je réalisai trop tard la naïveté de ma démarche. *L'officier de police, après m'avoir humilié et fait peur, finit par se faire plus rassurant: Pour cette fois-ci, rien ne transpirerait de cette affaire compromettante; il me suffirait à l'avenir*

*de ne plus fréquenter ce lieu mal famé. Puis il me libéra. Entré au commissariat en tant que citoyen volé, j'en ressortais homosexuel honteux.*⁸ (SEEL, 1994, p. 24-25, grifos meus).

Observamos, portanto, que a polícia cumpria bem seu papel de vigilância e controle social. Embora não o pudessem prender, pois a homossexualidade não era um delito, fizeram tortura psicológica, ameaçando contar ao seu pai e, dessa forma, “sujar” o nome da família. Como afirma Seel, ele havia entrado na delegacia como vítima de um roubo, mas havia saído sentindo-se culpado, como se fosse ele que tivesse cometido um crime.

Com a ascensão dos nazistas ao poder, o cenário piorou drasticamente, em particular para os homossexuais, pois a questão da vigilância social começou a prevalecer. E ela era amparada pela lei. Estava presente, desde 1871, no código penal alemão, o Parágrafo 175, que condenava atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. O artigo possuía o seguinte texto:

Parágrafo 175:

Um homem que cometa atos contranatureza com outro homem ou com animais será punido com aprisionamento; a perda de direitos civis também pode ser imposta.

Os nazistas se apoiaram nessa lei para começar a caça aos homossexuais. Após a derrota alemã da Primeira Guerra Mundial, eles passaram a ser vistos como uma ameaça à expansão do império germânico. E a cidade de Berlim, nos anos vinte e trinta, foi denunciada como capital internacional da decadência, sendo chamada de “Berlim-Sodoma”. Assim, para intensificar a perseguição aos “indecentes”, o regime de Hitler modificou o texto em 28 de junho de 1935, acrescentando novas emendas:

8 A delegacia central de Mulhouse se encontra atrás da prefeitura da cidade. Eu fui gentilmente recebido. *Mas meu maior embaraço foi quando, durante as perguntas e as respostas necessárias para a elaboração da declaração, o oficial de polícia, percebendo o significado do lugar e da hora tardia, ficou cada vez mais desconfiado.* Eu enrubesci mas quis estabelecer a verdade do incidente. *O delito era o roubo, não minha sexualidade.* Ele me fez assinar a declaração e a arquivou.

Porém, no momento de me levantar para sair, ele me fez sentar novamente. *Depois, ele começou de repente a me tratar de maneira informal. Ficaria eu contente se meu pai, com a íntegra reputação na cidade, descobrisse onde seu filho de dezessete anos vagabundeava ao invés de estar em casa? Eu não desejava criar nenhuma dúvida sobre a boa reputação da minha família. Comecei então a chorar. Lágrimas de vergonha ou de vexame de ter sido pego, já não sei mais.* Em todo caso, eu percebi tarde demais a ingenuidade da minha ação. *O oficial de polícia, depois de me humilhar e me deixar com medo, terminou mais tranquilizador: dessa vez, nada seria divulgado desse comprometedor assunto; bastava eu não frequentar mais aquele lugar de má fama.* Em seguida, ele me liberou. *Entreí na delegacia como cidadão roubado, saí de lá como homossexual envergonhado.* (tradução e grifos meus)

Parágrafo 175 - Atos indecentes entre homens:

1. Um homem que cometa atos indecentes com outro homem ou que se permita participar de tais atos será punido com aprisionamento.

2. Caso uma das partes for menor de 21 anos na data do ocorrido, e o crime não for grave, o tribunal pode, em casos especiais, isentá-lo de punição.

Parágrafo 175a - Severos atos indecentes:

Servidão penal de até 10 anos ou, quando houver circunstâncias atenuantes, prisão de não menos que três meses deve ser aplicada a:

1. Qualquer homem que, com uso de violência ou ameaça do uso de violência física e emocional ou à vida, leve outro homem a cometer atos indecentes, ou se permita participar de tais atos;

2. Qualquer homem que force outro homem a cometer atos indecentes com ele, aproveitando-se de uma relação de dependência seja no trabalho ou em outro lugar, ou se permita participar de tais atos;

3. Qualquer homem acima de 21 anos que seduza um homem menor de 21 a cometer atos indecentes, ou se permita participar de tais atos;

4. Qualquer homem que cometa atos indecentes, de maneira profissional e por dinheiro, com outros homens, ou se permita ser usado para tais atos ou se ofereça para o mesmo.

Parágrafo 175b - Sodomia:

Atos indecentes não-naturais de homens com animais são passíveis de pena de prisão; além disso, a perda dos direitos civis também pode ser imposta.

Com essas modificações, o espaço de interpretação se ampliou perigosamente, da sodomia às expressões declaradas periféricas, do homossexual às situações homossexuais, da investigação policial aos rumores, e das delações de vizinhos às vinganças familiares, como afirma Jean Le Bitoux (2002). Segundo o autor, a delação ampliou os aprisionamentos, e os interrogatórios sob tortura alargaram o arquivo de homossexuais, principalmente entre os mais abastados ou entre aqueles que eram investidos de qualquer poder social, pois sobre eles se exerciam diferentes pressões.

O Parágrafo 175 anteriormente só considerava delituoso o coito entre homens e os atos semelhantes ao coito. As masturbações recíprocas estavam excluídas dessa lei. A revisão

ênfatezou, portanto, a criminalização dos homens envolvidos em qualquer tipo de “obscenidades”, abrindo caminho para novas interpretações judiciais segundo os interesses nazistas. Qualquer contato entre homens poderia ser considerado ilícito. Dessa forma, um simples olhar, um gesto, um toque, poderiam ser suficientes para a detenção e a condenação.

No caso das lésbicas, elas não estavam mencionadas nesse artigo de lei. Elas seriam, mais tarde, discriminadas por serem mulheres. A partir de abril de 1933, não era mais possível que elas fossem funcionárias públicas, e um ano mais tarde, médicas. Certos locais lésbicos foram fechados, mas, como nota o historiador Florence Tamagne:

(...) de manière générale, il faut conclure que les lesbiennes n’ont pas subi de persécutions comparables à celles des homosexuels. Si elles acceptaient d’abdiquer leur personnalité et de se conformer aux normes en vigueur, elles avaient peu de chances d’être inquiétées.⁹ (TAMAGNE *apud* LE BITOUX, 2002, p. 248).

Para Gerard Koskovich, essa omissão está longe, de fato, de ser um sinônimo de liberdade. “Elle traduit en fait le maintien des femmes dans un état d’exclusion à l’égard du marché du travail et des territoires publics inscrits dans une vie sociale et politique dominée par les hommes¹⁰” (Koskovich *apud* Le Bitoux, 2002, p. 75). Além disso, como aponta o autor, a dependência econômica das mulheres sustentadas pelos pais ou pelos maridos, e seu confinamento aos afazeres domésticos, à procriação e à educação dos filhos deveriam bastar para canalizar a expressão possível de um desejo lésbico e para desviar a atenção vigilante dos legisladores.

Para a comissão do código penal alemão, quase todas as mulheres procriavam, ao contrário dos homens. Além disso, a homossexualidade feminina era menos evidente, menos visível. Assim, o perigo de “corrupção” seria menor. Como analisa a comissão do Código penal alemão, em 1935:

Une des raisons majeures qui nous conduisent à réprimer les relations homosexuelles, c’est la falsification de la vie publique. Des mesures décisives doivent être prises contre cette épidémie. (...) Si une telle prédisposition n’est pas combattue, du moins ses manifestations peuvent-elles l’être. Ce que nous qualifions de falsification de la vie publique est à peine applicable aux femmes car celles-ci jouent un rôle relativement mineur de la vie publique.¹¹ (LE

9 De maneira geral, é preciso concluir que as lésbicas não sofreram perseguições comparáveis a dos homossexuais. Se elas aceitassem abdicar de sua personalidade e de se conformar às normas em vigor, elas tinham poucas chances de serem perturbadas. (tradução minha)

10 Ela traduz, na verdade, a manutenção das mulheres no estado de exclusão no que diz respeito ao mercado de trabalho e aos territórios públicos inscritos numa vida social e política dominada pelos homens. (tradução minha)

11 Uma das maiores razões que nos conduzem a reprimir as relações homossexuais, é a da falsificação da vida pública. Medidas decisivas devem ser tomadas contra essa epidemia. (...) Se uma tal pré-disposição não é combatida, ao menos suas manifestações podem ser. Isso que qualificamos de falsificação da vida pública é

BITOUX, 2002, p. 76)

Dessa forma, as lésbicas não constituíram uma categoria específica de deportados.

Além do Parágrafo 175, um acontecimento contribuiu significativamente para a perseguição aos homossexuais, a “Noite das Facas Longas”, que aconteceu na noite de 30 de junho para 1 de julho de 1934, quando o oficial nazista Ernst Röhm, chefe da milícia paramilitar SA, foi assassinado brutalmente juntamente com outros membros do grupo pelos homens da SS, que seguiam ordens de Hitler. Tal episódio ficou assim conhecido devido a um verso de uma canção da SA cujo assunto principal eram massacres. Röhm era homossexual assumido e um dos principais nomes do Partido Nacional Socialista. Porém, sua sexualidade estava trazendo problemas ao partido. Assim, algumas divergências com o Führer e outros membros do Partido foram suficientes para motivar seu extermínio. Esse era apenas o começo de tudo. Como afirma Richard Plant,

(...) by eliminating Roehm and the SA, Hitler had resolve the old conflict between political and paramilitary leadership, removed a potential and embarrassing rival, gained the support of the generals, freed Himmler and the SS from their subordinate role, and bolstered his own image as a tough leader capable of imposing discipline and high moral standards on his own party. But the real meaning of the Roehm affair escaped even seasoned observers: namely, that under Hitler wholesale murder had become a permissible principle of state.¹² (PLANT, 1986, p. 69).

Segundo Plant, esse princípio, expresso na “descontaminação” de Röhm, teve implicações enormes e dramáticas para todos os “contragênicos”, nome dado aos grupos perseguidos pelos nazistas, como os judeus, homossexuais, antifascistas, ciganos, testemunhas de Jeová, entre outros. Isso marcou o começo de uma campanha de aviltamento, primeiramente aos homossexuais, e depois estendida aos outros grupos. Orquestrada pelo ministro da Propaganda, Joseph Goebbels:

Non seulement cette campagne répandit la terreur parmi les homosexuels mais elle aida les nazis à mettre au point les tactiques de manipulation de l'opinion publique qui leur seront très utiles plus tard dans le cadre de leurs programmes racistes et antisémites. (...) Parce qu'elle s'appuyait sur des préjugés existant au sein de la population, l'idéologie antihomosexuelle qui servit de prétexte à la Nuit de longs couteaux contribua incontestablement à cimenter l'approbation publique qui entoura l'événement. C'est cette approbation qui incita les nazis à

difícilmente aplicável as mulheres, pois elas desempenham um papel relativamente menor da vida pública. (tradução minha)

- 12 Eliminando Röhm e o SA, Hitler resolveu o velho conflito entre líderes políticos e paramilitares, removeu um potencial e vergonhoso rival, ganhou o apoio dos generais, libertou Himmler e os SS de seu papel secundário, e reforçou a sua própria imagem como um forte líder capaz de impor disciplina e padrões morais altos em seu próprio partido. Mas o verdadeiro significado do caso Röhm escapou até mesmo de espertos observadores: ou seja, que sob Hitler, assassinatos em atacado haviam se tornado um admissível princípio de Estado. (tradução minha)

penser qu'ils pourraient, à l'avenir, recourir au meurtre à grand échelle dans des conditions identiques.¹³ (KOSKOVICH *apud* LE BITOUX, 2002, p. 65).

Outro importante nome do Partido Nazista era o de Heinrich Himmler. Além de liderar a SS e a Gestapo, foi também o responsável pela criação dos campos de concentração e o consequente extermínio dos grupos perseguidos. Juntamente com Joseph Goebbels, foi um dos que estiveram por trás da “Noite das Facas Longas” e um dos principais perseguidores dos homossexuais, como podemos observar em seu discurso:

Lorsque nous avons pris le pouvoir, en 1933, nous avons découvert les associations d'homosexuels. Elles comptaient deux millions de membres. Les prudentes estimations des fonctionnaires chargés de ce problème indiquent jusqu'à quatre millions d'homosexuels en Allemagne. J'estime personnellement que les chiffres ne sont pas aussi élevés (...). J'estime qu'il y en avait de un à deux millions. Cela signifie que 7 à 10% des hommes sont homosexuels. Et si la situation ne change pas, cela signifie que notre peuple sera anéanti par cette maladie contagieuse. À long terme, aucun peuple ne pourrait résister à une telle perturbation de sa vie et de son équilibre sexuel. (...) Vous pouvez imaginer combien ces deux millions d'homosexuels et ces deux millions de morts, donc quatre millions d'hommes en tout, déséquilibrent les relations sexuelles en Allemagne. Cela va provoquer une catastrophe.¹⁴ (HIMMLER *apud* LE BITOUX, 2002, p. 46).

Podemos observar muito bem, em sua fala, a questão do controle do Estado sobre a população, tema que abordaremos adiante. Em uma outra ocasião, afirmou:

'Ce que je fais ne regarde personne, c'est ma vie privée.' Mais ce n'est pas leur vie privée quand le domaine sexuel peut être synonyme de vie ou de mort pour un peuple, d'hégémonie mondiale ou de réduction de notre importance à celle de la Suisse.¹⁵ (HIMMLER *apud* LE BITOUX, 2002, p. 47)

Em 1936, Himmler criou o Serviço Central de Combate ao Aborto e à Homossexualidade, e a vigilância policial aos homossexuais se intensificou ainda mais. Eles constituíram, portanto,

13 Essa campanha não só propagou o terror entre os homossexuais, como também ajudou os nazistas a prepararem as táticas de manipulação da opinião pública que lhes seria muito úteis mais tarde no quadro de seus programas racistas e antissemitas. (...) Por se apoiarem nos preconceitos existentes no seio da população, a ideologia anti-homossexual que servia de pretexto à Noite das Longas Facas contribuiu incontestavelmente a cimentar a aprovação pública que rodeava o evento. Foi essa aprovação que incitou os nazistas a pensarem que eles podiam, no futuro, recorrer ao assassinato em grande escala sob condições idênticas. (tradução minha)

14 Quando nós tomamos o poder, em 1933, nós descobrimos as associações de homossexuais. Elas contavam com dois milhões de membros. As prudentes estimativas de funcionários encarregados desse problema indicam até quatro milhões de homossexuais na Alemanha. Eu estimo pessoalmente que os números não são assim tão elevados. (...) Eu estimo que haja de um a dois milhões. Isso significa que de 7 a 10% dos homens são homossexuais. E se a situação não mudar, isso significa que nosso povo será aniquilado por essa doença contagiosa. A longo prazo, nenhum povo poderia resistir a tal perturbação de sua vida e de seu equilíbrio sexual. (...) Vocês podem imaginar o quanto esses dois milhões de homossexuais e esses dois milhões de mortos, quatro milhões de homens ao total, portanto, desequilibram as relações sexuais na Alemanha. Isso vai provocar uma catástrofe. (tradução minha)

15 'O que eu faço não diz respeito a ninguém, é minha vida privada'. Mas não é sua vida privada quando o domínio sexual pode ser sinônimo de vida ou de morte para um povo, de hegemonia mundial ou de redução da nossa importância àquela da Suíça. (tradução minha)

uma das principais categorias de deportados. Segundo Jean Le Bitoux, temos a seguinte definição para deportação:

Il y a déportation lorsque les personnes sont déplacées de force et parquées ou brutalement assignées à une juridiction nouvelle ou étrangère, victimes d'un arrachement qui viole leur vie quotidienne et détruit l'équilibre de leur mode d'existence, encouragées à nier voire à trahir leur identité, et condamnées à un encasernement arbitraire aux mille dangers¹⁶. (LE BITOUX, 2002, p. 80).

No auge do 3º Reich, havia mais de mil campos existentes na Europa. E era para esses locais que os deportados eram enviados. Le Bitoux afirma ainda que, primeiramente, a partir de 1933, foram enviados para esses locais os alemães antinazistas, os prisioneiros de direito comum e os indivíduos julgados perigosos, como uma medida de segurança. Entre esses indivíduos que representavam perigo, estavam os homossexuais. Assim, como medida preventiva ou de reeducação, eram enviados aos campos.

O historiador Jean Vigreux, por sua vez, ressalta o sistema de classificação que ocorria dentro desse espaço concentracionário:

Le déporté porte sur son pyjama rayé le triangle ou l'étoile qui stigmatisent. C'est une hiérarchie raciste et sociale établie et voulue par les nazis. Chaque déporté en camp de concentration ou d'extermination était confronté à la mort. Mort par la faim, mort par épuisement, mort par les maladies, par les expériences médicales, par les tortures ou les exécutions sommaires. Ou encore la mort par les chambres à gaz.¹⁷ (VIGREUX *apud* LE BITOUX, 2002, p. 81).

O sistema de classificações, a taxonomia de cores, os triângulos e os signos distintos eram elementos decisivos para a configuração de classes sociais nos campos. Le Bitoux acrescenta:

Ces codifications visuelles permettaient non seulement aux SS de mieux identifier ces populations captives pour leur gestion des camps mais surtout de créer en permanence une différence entre les détenus voire entretenir une méfiance par cette mise en visibilité, la mise en blason, oserions-nous dire, de ces différences sociales. Elles signifiaient également une hiérarchie complexe et précise, une graduation de l'avilissement mise à la disposition des kapos.¹⁸ (LE BITOUX, 2002, p. 83).

16 Há deportação quando as pessoas são deslocadas a força e encarceradas ou brutalmente atribuídas a uma jurisdição nova ou estrangeira, vítimas de um afastamento que violenta sua vida cotidiana e destrói o equilíbrio de seu modo de existência, encorajadas a negar, inclusive trair, sua identidade, e condenadas a um aquartelamento arbitrário correndo mil perigos. (tradução minha)

17 O deportado porta em seu pijama listrado o triângulo ou a estrela que estigmatizam. É uma hierarquia racista e social estabelecida e desejado pelos nazistas. Cada deportado no campo de concentração ou de extermínio era confrontado com a morte. Morte pela fome, morte pela exaustão, morte pelas doenças, pelas experiências médicas, pelas torturas ou execuções sumárias. Ou ainda a morte pelas câmeras a gás. (tradução minha)

18 Essas codificações visuais permitiam não somente aos SS identificar melhor essas populações capturadas por sua gestão dos campos, mas sobretudo criar permanentemente uma diferença entre os detentos, inclusive conservar uma suspeita por essa visibilidade, esse brasão, ousaríamos dizer, dessas diferenças sociais. Elas significavam também uma hierarquia complexa e precisa, uma graduação do aviltamento colocado à disposição dos kapos. (tradução minha)

Essa hierarquia contribuía, portanto, não somente para os algozes nazistas tratarem de maneira distinta os diferentes presos, como também para criar conflitos entre os próprios encarcerados. Os homossexuais, por exemplo, como veremos através do testemunho de Pierre Seel, eram estigmatizados pela questão de sua sexualidade, e não conseguiam constituir um grupo de solidariedade, fadados à solidão e às mais variadas formas de violência.

O alsaciano francês Pierre Seel estava, portanto, entre esses prisioneiros. A região da Alsácia havia sido anexada ao território alemão durante a Segunda Guerra Mundial¹⁹. Dessa forma, as leis nazistas também foram impostas à região e os grupos-alvo do regime que aí habitavam também foram perseguidos, entre eles os homossexuais. No caso destes, havia arquivos de polícia com nomes de homossexuais. “Les fichiers de police remis à jour année après année avant l'arrivée des nazis, et la délation aidant pendant l'Occupation, avaient pourtant fait leur oeuvre pour des centaines d'entre nous.”²⁰ (SEEL, 1994, p. 114). Embora, à época anterior à ocupação, nada pudesse ser feito com os homossexuais pelo simples fato de serem homossexuais, eles eram, no entanto, colocados em listas, pois eram vistos como pessoas “perigosas”, como “delinquentes sociais”.

Como vimos, Seel havia entrado nessa lista quando reportou o roubo de seu relógio. E para ele, quem o delatou aos nazistas foi aquele policial que lhe passou sermão e lhe humilhou:

Il ne s'était pas contenté de me faire signer ce document avant de me chapitrer. Il avait fait plus: il avait complété le fichier des homosexuels de la ville par le nom de cet adolescent que j'étais encore. Car, plus tard, pendant ma séance de torture, c'est bien ce procès-verbal que la Gestapo m'avait mis sous les yeux pour me faire avouer mon homosexualité.²¹ (SEEL, 1994, p. 121)

Pierre Seel conta também a transformação que havia ocorrido em Berlim, quando aí

19 A Alsácia, junto com a Lorena, foi durante séculos objeto de disputas e guerras entre a Alemanha e a França. Ambas foram anexadas pela França sob a administração de Luís XIV, no século XVII. As duas regiões foram reunificadas à Alemanha após a Guerra Franco-Prussiana, em 1871. A Alsácia permaneceu parte do território alemão até o final da Primeira Guerra Mundial, quando a Alemanha a cedeu de volta à França no Tratado de Versalhes. Após a guerra, os habitantes que tinham vindo de outras partes da Alemanha foram expulsos e a identidade germânica foi reprimida com uma política sistemática de proibição do uso do alemão e de seus dialetos, além da obrigação do uso do francês como língua vernacular. Isso humilhou os alemães, trazendo o revanchismo da Segunda Guerra Mundial, quando o território alsaciano foi anexado à Alemanha.

20 Os arquivos de polícia colocados em dia ano após ano antes da chegada dos nazistas, com a ajuda da delação durante a ocupação, haviam, no entanto, feito seu trabalho com centenas de nós. (tradução minha)

21 Ele não havia se contentado em me fazer assinar esse documento antes de me repreender. Ele havia feito mais: ele havia completado o arquivo de homossexuais da cidade com o nome daquele adolescente que eu ainda era, pois, mais tarde, durante minha sessão de tortura, foi esse atestado que a Gestapo havia colocado sob meus olhos para me fazer confessar minha homossexualidade. (tradução minha)

esteve durante sua participação forçada no exército alemão, após sua liberação do campo de concentração. Embora continuasse sendo uma cidade de grande vitalidade, não era mais aquele espaço de liberdade para os homossexuais, como havia descrito Eribon. Os lugares noturnos, bares, boates e associações haviam sido fechados por um comando especial da segurança nacional.

Berlin, centre névralgique de cette Europe mise à feu et à sang, au début de l'année 43, en pleine guerre, n'en était pas moins une capitale d'une vitalité extraordinaire. À nouveau, comme à Vienne, je pouvais flâner un peu, aller parfois au restaurant, et observer de loin les lumières de quelques grandes soirées. Je ne tardai pas à constater dans cette ville la quasi-disparition des homosexuels. J'ignorais que, dix ans plus tôt, tous les lieux nocturnes avaient été vidés de leurs habitués, toutes les associations interdites et leurs milliers d'adhérents arrêtés par une unité spéciale de la Gestapo. Ceux qui avaient un casier judiciaire ou une fiche de police avaient été les premiers à être raflés. Le centre d'archives et d'associations homosexuelles le plus important d'Europe, celui de Magnus Hirshfeld, avait depuis longtemps été mis à sac par les SA. La délation avait fait le reste.²² (SEEL, 1994, p. 78).

Portanto, com a subida dos nazistas ao poder, o cenário para os homossexuais mudou muito, tanto nas grandes quanto nas pequenas cidades. E era nesse ambiente que se encontravam os homossexuais, e mais especificamente, Pierre Seel.

22 Berlim, centro nevrálgico dessa Europa transformada em fogo e sangue, no começo dos anos 43, em plena guerra, continuava sendo uma capital de uma vitalidade extraordinária. De novo, como em Viena, eu podia vaguear um pouco, ir às vezes ao restaurante, e observar de longe as luzes de algumas grandes festas. Eu não demorei a constatar nessa cidade a quase desaparecimento dos homossexuais. Eu ignorava que, dez anos mais cedo, todos os lugares noturnos haviam sido fechados, todas as associações proibidas e seus milhares de membros presos por uma unidade especial da Gestapo. Aqueles que tivessem um processo judicial ou uma ficha de polícia haviam sido os primeiros a ser capturados. O centro de arquivos e de associações homossexuais mais importante da Europa, o de Magnus Hirshfeld, havia há muito tempo sido saqueado pelos SA. A delação havia feito o resto. (tradução minha)

2. UMA SEXUALIDADE PERSEGUIDA...

O regime nazista foi, como afirma o filósofo-historiador francês Michel Foucault (1999), o desenvolvimento até o paroxismo dos novos mecanismos de poder que haviam sido introduzidos desde o século XVIII. É o extremo de uma política que toma o corpo como forma de manipulação da população.

Não há Estado mais disciplinar, claro do que o regime nazista; tampouco há Estado onde as regulamentações biológicas sejam adotadas de uma maneira mais densa e mais insistente. Poder disciplinar, biopoder: tudo isso percorreu, sustentou a muque a sociedade nazista (assunção do biológico, da procriação, da hereditariedade; assunção também da doença, dos acidentes). Não há sociedade a um só tempo mais disciplinar e mais previdenciária do que a que foi implantada, ou em todo caso projetada, pelos nazistas. O controle das eventualidades próprias dos processos biológicos era um dos objetivos imediatos do regime” (Foucault, 1999, p. 309)

Algumas dessas questões sobre a biopolítica e sua consequência na vida das pessoas, através dos processos de controle e sujeição pelos quais passam os indivíduos, podem ser observadas no testemunho de Pierre Seel, *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*, pois, os homossexuais, vistos como degenerados, eram um dos principais alvos dessa política de controle. A narrativa desse sobrevivente homossexual dos campos nazistas é, portanto, um importante material para examinar alguns pontos tratados por autores como Michel Foucault e Giorgio Agamben. Além disso, possibilita fazer a relação desse biopoder com o regime totalitário de Adolf Hitler, e ver como isso tudo se insere na vida, e no corpo, dos homossexuais.

Para Foucault, a biopolítica se dirige, em suma, aos acontecimentos aleatórios que ocorrem numa população considerada em sua duração. De acordo com o filósofo-historiador, “trata-se sobretudo de estabelecer mecanismos reguladores que, nessa população global com seu campo aleatório, vão poder fixar um equilíbrio, manter uma média, estabelecer uma espécie de homeóstase, assegurar compensações”. (FOUCAULT, 1999, p. 293). E, para a obtenção desse estado global de equilíbrio, leva-se em conta os processos biológicos do homem-espécie, que são o nascimento, a morte, a produção, a doença, entre outros, criando-se uma regulamentação sobre eles. Como importante elemento desse controle está a sexualidade.

No fundo, por que a sexualidade se tornou, no século XIX, um campo cuja importância estratégica foi capital? (...) De um lado, a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente. (...) E depois, por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. (FOUCAULT, 1999, p. 300).

Para Foucault, a extrema valorização médica da sexualidade no século XIX teve seu princípio nessa posição privilegiada da sexualidade entre organismo e população, entre corpo e fenômenos globais. Em *A História da sexualidade: a vontade de saber*, o autor afirma que, a partir do século XIX, houve uma institucionalização de uma sistemática médico-científica sobre o sexo, a *Scientia Sexualis*, que foi essencial para a constituição do discurso político totalitário, como salienta:

De fato, era uma ciência feita de esquivas já que, na incapacidade ou recusa em falar do próprio sexo, referia-se sobretudo às suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas, exasperações mórbidas. Era, também, uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiteram sob a forma de normas médicas (FOUCAULT, 1993, p. 61).

Houve uma separação da medicina do sexo da medicina geral do corpo. Foi por volta dos anos 1840 que ocorreu a relativa autonomização do sexo com relação ao corpo e ocorreu o aparecimento correlativo de uma medicina e de uma ‘ortopedia’ específicas do sexo, gerando a abertura desse grande domínio médico-psicológico das “perversões”, que viria tomar o lugar das velhas categorias morais da devassidão e da extravagância, como afirma Foucault.

Assim, foram caracterizados todos os desvios possíveis. Os médicos e moralistas trouxeram todo um vocabulário enfático da abominação. “Em nome de uma urgência biológica e histórica, justificava os racismos oficiais, então iminentes. E os fundamentava como ‘verdade’” (FOUCAULT, 1993, p. 62).

A sexualidade, sob esse plano médico, é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, tendo efeitos disciplinares e regulamentadores. Ela tem, portanto, uma atuação tanto em um plano individual quanto em um plano mais global. Como afirma Foucault, ela tem sempre duas ordens de efeito:

um sobre o corpo, sobre o corpo indisciplinado que é imediatamente punido por todas as doenças individuais que o devasso sexual atrai sobre si. (...) Mas, ao mesmo tempo, uma sexualidade devassa, perversa, etc., tem efeitos no plano da população, uma vez que se supõe que aquele que foi devasso sexualmente tem uma hereditariedade, uma descendência que, ela também, vai ser perturbada, e isso durante gerações e gerações, na sétima geração, na sétima da sétima. É a teoria da degenerescência. (Foucault, 1999, p. 300-301)

Dessa forma, se o sexo não fosse controlado, podia transmitir doenças ou criá-las para as gerações futuras. Foi pensando nessa possibilidade que o nazismo levou o controle ao limite, baseando-se na medicina das perversões e nos programas de eugenia, que “foram, na tecnologia do sexo, as duas grandes inovações da segunda metade do século XIX” (FOUCAULT, 1993, p.

129).

Essas duas inovações se baseavam tanto numa ideia de raça, que abordaremos mais adiante, quanto numa ideia de norma. Em relação a essa última, segundo Foucault, ela é “o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica” (FOUCAULT, 1999, p. 302).

Portanto, como consequência da ciência sexual, Foucault afirma que o que passa a ser interrogado são as sexualidades desviantes. Isso se tornou uma das formas de operação do poder, através da incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos, como o homossexual, por exemplo.

A categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal, em 1870, sobre as ‘sensações sexuais contrárias’, pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1993, p. 50-51).

O ensaísta francês Guy Hocquenghem, em seu livro *O desejo homossexual*, na mesma época que Foucault, e seguindo seus passos anteriores, também escreve sobre a invenção da “homossexualidade” como uma categoria produzida pelo discurso médico:

A sociedade capitalista fabrica homossexual como ela produz proletário, suscitando sem parar seu próprio limite. A homossexualidade é uma fabricação do mundo normal [...]. O que é fabricado é essa categoria psico-policia, a homossexualidade; essa divisão abstrata do desejo que permite reger até aqueles que escapam; essa colocação está fora da lei. A categoria em questão e a própria palavra são uma invenção relativamente recente. O imperialismo crescente de uma sociedade que quer dar um estatuto social a todo o inclassificável criou essa particularização do desequilíbrio: até o fim do século XVIII, aqueles que recusam Deus, aqueles que não sabem falar ou aqueles que praticam a sodomia são trancados nas mesmas prisões. Da mesma forma que o aparecimento da psiquiatria e do hospício manifesta a capacidade da sociedade de inventar meios específicos para classificar o inclassificável (ver Foucault, *História da loucura na idade clássica*), da mesma forma o pensamento moderno vai criar uma nova doença, a homossexualidade. Segundo Havelock Ellis (a *Inversão sexual*), a palavra homossexual teria sido inventada em 1869 por um médico alemão. Dividindo para melhor reinar, o pensamento pseudocientífico da psiquiatria transformou a intolerância bárbara em intolerância civilizada. (HOCQUENGHEM *apud* ERIBON, p. 359-360).

O filósofo Didier Eribon afirma, no entanto, que uma das primeiras teorizações da “inversão sexual” e a própria invenção da palavra “homossexualidade” foram obra não de psiquiatras hostis aos homossexuais, e desejosos de “curá-los” ou de “interná-los”, ou, ao menos,

de “medicalizá-los” ou de “patologizá-los”, mas, sim, de juristas e de homens de letras, que queriam, ao contrário, legitimar os amores entre pessoas do mesmo sexo.

Um deles foi o jurista alemão Karl-Heinrich Ulrichs. Em sua teoria científica, dizia que havia um “hermafroditismo da alma”. Para ele, os homossexuais traziam a “alma da mulher num corpo de homem”. Assim, a homossexualidade era inata e cada um devia poder viver tal como era e não mais ser “atingido pela espada da injustiça”. Ulrichs pretendia, com sua teoria, lutar pela descriminalização da homossexualidade, presente no Parágrafo 175 do código penal alemão.

Eribon afirma que, na verdade, a medicalização da “inversão” operou-se mais a partir da teoria de Ulrichs, e contra ela.

Foi referindo-se a ele, embora tomasse distância de modo bem seco, que Westphal escreveu, em 1869, que as “inclinações perversas” que orientam indivíduos para pessoas do mesmo sexo pertencem ao âmbito da medicina. Com efeito, Westphal aceitava a ideia de que a inversão sexual era inata, e, por conseguinte, lamentava que fosse reprimida pela lei. Disso deduzia, no entanto, que se tratava de uma “doença”, de um “fenômeno patológico”, do que estavam bem conscientes, acrescentava, os indivíduos que disso eram vítimas. Por isso, parecia-lhe que um “invertido” que, como Ulrichs, recusava admitir o caráter patológico de seu estado estava ainda mais profundamente doente do que aqueles que o reconheciam. (ERIBON, 2008, p. 347).

O filósofo conclui, portanto, que a invenção da palavra “homossexualidade” operou-se numa ótica favorável aos gays, antes que dela se apoderassem e a usassem em um tom depreciativo. Além disso, como afirma Foucault, esses “pervertidos” também eram vistos como delinquentes e loucos. Assim, por causa de “vícios” e “delitos”, os desviantes “povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e asilos; levam aos médicos suas infâmias e aos juízes suas doenças” (FOUCAULT, 1993, p. 47). Ou então são levados aos campos de concentração. Lugar extremo para o “tratamento” de tais perversos. Para lá foram levados os homossexuais, como Pierre Seel, que foi para o campo de Schirmeck-Vorbrüch, na região da Alsácia. Nesses locais, os prisioneiros eram obrigados a passar pelos trabalhos mais penosos e degradantes, um dos meios pelos quais os nazistas buscavam a possível “reeducação” desses “delinquentes”, que tinham em suas roupas sua demarcação:

Une énigmatique petite barrette bleue sur la vareuse et le calot. C’était le signalement des détenus, une codification assez difficile à décrypter et connue de nos seuls geôliers. Bleu, d’après les tableaux que j’ai consultés plus tard, signifiait que j’étais catholique ou asocial. Il incluait également dans ce camp les homosexuels. En Allemagne, les déportés homosexuels étaient déjà marqués du triangle rose²³. (SEEL, 1994, p. 44)

23 Uma enigmática pequena faixa de cor azul no casaco e no gorro. Era a sinalização dos detentos, uma codificação muito difícil de decifrar e conhecida só por nossos carcereiros. Azul, segundo os quadros que consultei mais

Uma outra passagem, em uma nota de rodapé do livro de Seel, fala sobre o tratamento dos homossexuais deportados à Alemanha:

À Sachsenhausen, les homosexuels avaient été, dès le début, internés dans un seul baraquement. Ils travaillaient, séparés des autres, dans une carrière de terre glaise. [...] Ce travail pénible, destiné à les rendre normaux, n'exerçait pas la même influence sur les diverses catégories d'homosexuels. Tandis que les hommes animés d'une ferme volonté de renoncer à leurs habitudes se montraient capables de supporter le travail le plus dur, on voyait les autres dépérir lentement. [...] Il n'était pas non plus difficile de prévoir une issue fatale chaque fois que la maladie ou la mort enlevait à l'un de ces hommes son 'ami'. Beaucoup d'entre eux se sont suicidés. [...] Dans plusieurs cas, nous avons vu deux amis se donner simultanément la mort²⁴. (MICHEL *apud* SEEL, 1994, p. 181-182).

Assim, podemos observar que os nazistas, caso não conseguissem a “reeducação” de suas vítimas, na maioria das vezes obtinham sua morte, seja em consequência dos trabalhos subumanos, seja através de suicídios. Além disso, o regime de Hitler também fazia uso de experimentos científicos, a fim de descobrir a origem desses “males” e “desvios” e a busca de uma possível cura. Seel testemunha:

J'étais terrifié à chaque fois que les haut-parleurs citaient mon nom. Car parfois, c'était pour pratiquer sur moi des monstruosité expérimentales. Elles consistaient la plupart du temps en de très douloureuses piqûres aux tétons. Je me souviens très bien des murs blancs, des blouses blanches, et des rires des infirmiers. Nous étions une demi-douzaine, torse nu et alignés contre le mur. Pour réaliser leurs injections, ils aimaient lancer en notre direction leurs seringues comme on lance des fléchettes à la foire. Un jour de séance de piqûres, mon infortuné voisin s'écroula, perdant connaissance. La seringue avait atteint le cœur. Nous ne le revîmes jamais²⁵. (SEEL, 1994, p. 56).

Portanto, vemos que os prisioneiros eram tratados como ratos de laboratórios, utilizados para os diversos fins dessa ciência sexual. Eram realizadas desde simples injeções de

tarde, significava que eu era católico ou associal. Incluía nesse campo também os homossexuais. Na Alemanha, os deportados homossexuais já estavam marcados com o triângulo rosa. (tradução minha)

24 Em Sachsenhausen, os homossexuais haviam estado, desde o início, internados em um só acampamento. Eles trabalhavam, separados dos outros, em um canteiro de terra argilosa. [...] Esse trabalho penoso, destinado a lhes deixar normais, não exercia a mesma influência sobre as diversas categorias de homossexuais. Enquanto os homens animados com uma firme vontade de renunciar a seus hábitos se mostravam capazes de suportar o trabalho mais duro, viam-se os outros definir lentamente. [...] Não era mais tão difícil prever uma saída fatal cada vez que a doença ou a morte levava o "amigo" de um deles. Muitos deles se suicidaram. [...] Em muitos casos, nós vimos dois amigos se darem simultaneamente a morte. (tradução minha)

25 Eu ficava aterrorizado cada vez que os autofalantes citavam meu nome, pois, às vezes, era para praticar monstruosidades experimentais sobre mim. Elas consistiam na maior parte do tempo em dolorosas picadas no mamilo. Eu me lembro muito bem das paredes brancas, dos médicos, e dos risos dos enfermeiros. Nós éramos uma meia-dúzia, com o torso nu e alinhados contra a parede. Para realizar suas injeções, eles adoravam lançar em nossa direção suas seringas como se lançam dardos numa feira. Num dia de sessão de picadas, meu desafortunado vizinho desabou, perdendo consciência. A seringa havia ferido o coração. Nós não voltamos a vê-lo nunca mais. (tradução minha)

medicamentos até lobotomias e castrações. Isso era legitimado pelo fato de serem vistos como inferiores, degenerados.

Essa ideia de degenerescência está diretamente relacionada com a de raça, ou seja, a ideia de que existe um desvio e algo que torna certos indivíduos inferiores. Para Foucault, “a raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização. (...) A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo.” (FOUCAULT, 1999, p. 306). Portanto, segundo o filósofo, “o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano” (FOUCAULT, 1999, p. 309). Isso, portanto, atinge seu auge com o regime nazista.

Esse poder de matar, o poder de vida e de morte é dado não simplesmente ao Estado, mas a toda uma série de indivíduos, a uma quantidade considerável de pessoas (sejam os SA, os SS, etc.). No limite, todos têm o direito de vida e de morte sobre o seu vizinho, no Estado nazista, ainda que fosse pelo comportamento de denúncia, que permite efetivamente suprimir, ou fazer suprimirem, aquele que está a seu lado. (FOUCAULT, 1999, p. 310)

Giorgio Agamben, ao tratar da questão da biopolítica, traz alguns termos importantes para suas análises. Um deles é o de vida nua, que, de acordo com ele, é essa vida *matável* (exterminável) e insacrificável do *homo sacer*. Este, por sua vez, é a figura do direito romano arcaico na qual o caráter de sacralidade se liga pela primeira vez a uma vida humana como tal.

Homo sacro é, portanto, aquele que o povo julgou por um delito; e não é lícito sacrificá-lo, mas quem o mata não será condenado por homicídio; na verdade, na primeira lei tribunícia se adverte que 'se alguém matar aquele que por plebiscito é sacro, não será considerado homicida'. Disso advém que um homem malvado ou impuro costuma ser chamado sacro. (AGAMBEN, 2002, p. 196).

Além disso, Agamben retoma outro ponto presente na concepção de *sacer*, que é a coligação desse termo em latim com a categoria de tabu:

the *homo sacer* is an outcast, a banned man, tabooed, dangerous... originally the word may have meant simply taboo, i.e. removed out of the region of the profanum, without any special reference to a deity, but “holy” or accursed according to the circumstances²⁶” (FOWLER *apud* AGAMBEN, 2002, p. 87)

Portanto, um ser que a sociedade repele, pois é perigoso. Assim, o autor afirma que se trata de uma pessoa que é simplesmente colocada para fora da jurisdição humana sem, no

26 O *homo sacer* é um pária, um homem banido, tabu, perigoso... originalmente a palavra talvez tenha significado simplesmente tabu, quer dizer, tirado da região do profano, sem qualquer referência especial a uma divindade, mas “sacro” ou maldito de acordo com as circunstâncias. (Tradução minha)

entanto, ultrapassar para a divina. Dessa forma, a violência contra ele não constituía sacrilégio. No *homo sacer*, nos encontramos diante de uma vida nua residual e irreduzível, que deve ser excluída e exposta à morte como tal, sem que nenhum rito e nenhum sacrifício possam resgatá-la. (AGAMBEN, 2002, p. 107). Seel, ao relatar sobre o tempo em que esteve no campo de Schirmeck, afirma: “Dans l'univers des détenus, j'étais un élément tout à fait *négligeable*, une *demi-portion* menacée à *tout moment* d'être *sacrifiée*, sans état d'âme, selon les exigences *aléatoires* de nos geôliers²⁷” (SEEL, 1994, p. 52, grifos meus). Um ser desprezível, uma minúcia, uma coisa insignificante. Assim eram considerados. Dessa forma, estavam passíveis de serem mortos a qualquer momento, do modo mais arbitrário e aleatório possível. Tratava-se, portanto, de uma “vida sem valor” (ou “indigna de ser vivida”), outro conceito de Agamben, que se aplica antes de tudo aos indivíduos que devem ser considerados “incuravelmente perdidos”, como eram vistos os homossexuais.

Assim, partindo desses pressupostos, Agamben afirma que houve uma “crescente implicação da vida natural do homem nos mecanismos e nos cálculos do poder” (AGAMBEN, 2002, p.125), e o nazismo, como observa, é um movimento biopolítico em sentido próprio, pois fez da vida natural o local por excelência da decisão soberana. Segundo ele, na biopolítica moderna, soberano é aquele que decide sobre o valor ou sobre o desvalor da vida enquanto tal. “Somente porque em nosso tempo a política se tornou integralmente biopolítica, ela pôde constituir-se em uma proporção antes desconhecida como política totalitária (AGAMBEN, 2002, p. 126).

Dessa maneira, o Estado totalitário alemão, liderado por Adolf Hitler, detentor da soberania, decidiu quais eram as vidas com valor e aquelas indignas de serem vividas. Os homossexuais faziam parte desse segundo grupo, pois eram considerados seres inferiores, doentes, degenerados. Enfim, perigosos. Portanto, de acordo com essa mentalidade, era necessário que se controlasse tal situação, pois essa “doença” poderia se difundir e “corromper” o império germânico.

A revolução nacional-socialista deseja fazer apelo às forças que tendem à exclusão dos fatores de degeneração biológica e à manutenção da saúde hereditária do povo. Ela almeja, portanto, fortificar a saúde do conjunto do povo e eliminar as influências que prejudicam o desenvolvimento biológico da nação. (AGAMBEN, 2002, p. 154).

27 No universo dos detentos, eu era um elemento completamente *desprezível*, uma *minúcia* ameaçada de ser *sacrificada* a *todo o momento*, sem alma, segundo as exigências *aleatórias* dos nossos carcerários. (tradução e grifos meus)

Com isso, chegamos aos campos de concentração, que são, portanto, o paradigma biopolítico do moderno, pois seu objetivo último é a dominação total do homem. “Os campos de concentração são laboratórios para a experimentação do domínio total, porque, a natureza humana sendo o que é, este fim não pode ser atingido senão nas condições extremas de um inferno construído pelo homem” (ARENDDT *apud* AGAMBEN, 2002, p. 126).

Justamente porque privados de quase todos os direitos e expectativas que costumamos atribuir à existência humana e, todavia, biologicamente ainda vivos, eles vinham a situar-se em uma zona-limite entre a vida e a morte entre o interno e o externo, na qual não eram mais que a vida nua. Condenados à morte e habitantes do campo são, portanto, de algum modo inconscientemente assemelhados a *homines sacri*, a uma vida que pode ser morte sem que se cometa homicídio. O intervalo entre a condenação à morte e a execução, assim como o recinto dos *lager*, delimita um limiar extratemporal e extraterritorial, no qual o corpo humano é desligado de seu estatuto político normal e, em estado de exceção, é abandonado às mais extremas peripécias, onde o experimento, como um rito de expiação, pode restituí-lo à vida (graça ou indulto da pena são, é bom recordar, manifestações do poder soberano de vida e de morte) ou entregá-lo definitivamente à morte à qual já pertence. O que aqui nos interessa especialmente, porém, é que, no horizonte biopolítico que caracteriza a modernidade, o médico e o cientista movem-se naquela terra de ninguém onde, outrora, somente o soberano podia penetrar. (AGAMBEN, 2002, p. 166)

Foucault (1993) ressalta que, se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta ao velho direito de matar. É porque o poder se situa e se exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços da população. É o que podemos observar ao analisar o regime nazista, onde foram mortos legitimamente aqueles que constituíam uma espécie de perigo biológico para os outros, a exemplo dos judeus, não-arianos, homossexuais, ciganos, deficientes mentais, entre outros.

Populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver. Os massacres se tornaram vitais. Foi como gestores da vida e da sobrevivência dos corpos e da raça que tantos regimes puderam travar tantas guerras, causando a morte de tantos homens (FOUCAULT, 1993, p. 149).

Portanto, o poder passou a estabelecer sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar seus pontos de fixação. Ele desenvolveu-se a partir do século XVII, através de duas formas principais, afirma Foucault: o corpo como máquina – adestramento, utilidade, docilidade –, e o corpo como espécie – corpo como mecânica do ser vivo e suporte dos processos biológicos, que “são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica da população. As disciplinas do corpo e as regulações da população em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 1993, p. 152).

Retomando o dispositivo da sexualidade, formado pelas técnicas, discursos e ideias que capturam as práticas sexuais em noções normativas, ele é um dos dispositivos mais importantes da grande tecnologia do poder no século XIX, pois é através dele que se realiza o processo de sujeição que leva o indivíduo a vincular-se à própria identidade e à própria consciência e, conjuntamente, a um poder de controle externo, como afirmam Foucault e Agamben.

Através desse dispositivo, vemos, portanto, que o sujeito passa a ser constituído a partir de sua sexualidade. Para Foucault, a questão sobre o que somos, em alguns séculos, levou-nos a colocá-la em relação ao sexo.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1993, p. 116-117).

O filósofo-historiador afirma que esse dispositivo de sexualidade, apesar de ter se desenvolvido primeiro nas margens das instituições familiares (na direção espiritual, na psicologia), vai se recentrando pouco a pouco na família. Aparecem então as seguintes novas personagens:

A mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou assediada por obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica ou neurastênica, a criança precoce e já esgotada, o jovem homossexual que recusa o casamento ou menospreza sua própria mulher. São as figuras da aliança desviada e da sexualidade normal (FOUCAULT, p. 121-122).

Dessa forma, no fim do século XIX, o corpo social inteiro foi dotado de um “corpo sexual”. Portanto, era necessário redefinir a especificidade da sexualidade da burguesia, uma linha que serviria de barreira à sexualidade. Assim, essa classe “se atribuiu um corpo para ser cuidado, protegido, cultivado, preservado de todos os perigos e de todos os contatos, isolada dos outros para que mantivesse seu valor diferencial” (FOUCAULT, 1993, p. 135).

Portanto, as novas tecnologias, centradas no núcleo sólido do conjunto perversão-hereditariedade-degenerescência, surgem para maximizar a vida, e não uma renúncia ao prazer ou uma desqualificação da carne. Assim, “ao invés de uma repressão do sexo das classes a serem exploradas, tratou-se, primeiro, do corpo, do vigor, da longevidade, da progenitura e da descendência das classes que ‘dominavam’” (FOUCAULT, 1993, p. 134). Não houve uma sujeição de uma classe, mas uma auto-afirmação de si mesma.

Foucault afirma:

É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo da sexualidade, que

todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história). (FOUCAULT, 1993, p. 169-170).

Seguindo a lógica de Foucault, Didier Eribon ressalta:

Um 'sujeito' sempre é produzido em e pela 'subordinação' a uma ordem, a regras, normas, leis... Isso é verdade para todos os 'sujeitos'. Ser 'sujeito e estar subordinado a um sistema de constrangimentos são uma única e mesma coisa. Mas é ainda mais para os 'sujeitos' aos quais um lugar 'inferiorizado' é atribuído pela ordem social e sexual, como é o caso dos homossexuais. (ERIBON, 2008, p. 15-16).

Dessa forma, existe um tipo particular de violência simbólica que se exerce sobre aqueles que amam o mesmo sexo, e os esquemas de percepção, as estruturas mentais que sustentam essa violência, com certeza amplamente fundada na visão centrada em valores machistas do mundo, são mais ou menos os mesmos por toda parte, ao menos no mundo ocidental, e assim o foram pelo menos ao longo do século e meio que acaba de transcorrer, afirma Eribon.

Assim, atribui-se uma característica a um indivíduo e o reduz a certa identidade, dando-lhe também uma nomeação. Porém, não se trata de uma simples denominação. Pois é uma designação pejorativa, estigmatizada, que confere um lugar inferior. Além disso, funciona como injúria, um tipo de violência simbólica que perpassa a vida de todo homossexual.

“Viado nojento” (“sapata nojenta”) não são simples palavras lançadas *en passant*. São agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo (pois a timidez, o constrangimento, a vergonha são atitudes corporais produzidas pela hostilidade do mundo exterior). E uma das consequências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo. E, por conseguinte, moldar a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo. (ERIBON, 2008, p. 27)

Como afirma Eribon, ela faz saber que alguém não é como os outros, que não está na norma. Os nazistas souberam fazer bem essa separação. Além de constantemente insultarem os homossexuais, como observamos em certo trecho da narração de Seel, “Aussitôt, le SS en face de moi, après avoir violemment fermé mon dossier, me traita de '*Schweinhund*', de '*cochon de chien*', c'est-à-dire de sale *pédé*²⁸.” (SEEL, 1994, p. 38, grifos meus), separaram-nos de toda a “normalidade” não somente com o simbólico, mas também espacialmente, enviando aos campos de concentração, onde também havia as demais marcações e separações, como vimos. Além disso, os homossexuais estavam passíveis de serem xingados não somente pelos nazistas, mas

28 Nesse momento, o SS que estava na minha frente, depois de fechar violentamente meu processo, tratou-me de "*Schweinhund*", de "*cachorro asqueroso*", ou seja, de *viado imundo*. (tradução e grifos meus)

pelos outros prisioneiros.

O insulto funciona, portanto, como um veredito. “É uma sentença quase definitiva, uma condenação perpétua, e com a qual vai ser preciso viver.” (ERIBON, 2008, p. 28). No caso dos homossexuais perseguidos pelos nazistas, *sobreviver*.

O filósofo afirma que, através do insulto, os homossexuais descobrem que são pessoas de quem e a quem se pode dizer isto ou aquilo, pessoas que são objetos dos olhares, dos discursos e que são estigmatizadas por esses olhares e esses discursos. A “nomeação” produz, assim, uma conscientização de si mesmo como um “outro” que os outros transformam em “objeto”, ressalta Eribon.

Aquele que lança a injúria me faz saber que tem domínio sobre mim, que estou em poder dele. E esse poder é primeiramente o de me ferir. De marcar a minha consciência com essa ferida ao inscrever a vergonha no mais fundo da minha mente. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, torna-se um elemento constitutivo da minha personalidade. (ERIBON, 2008, p. 28-29).

A injúria funciona, dessa forma, como um ato de linguagem – ou uma série repetida de atos de linguagem – pelo qual um lugar particular é atribuído no mundo àquele que dela é o destinatário. Essa atribuição, para Eribon, determina um ponto de vista sobre o mundo, uma percepção particular, produzindo efeitos profundos na consciência de um indivíduo pelo que ela diz a ele: “Eu te assimilo a”, “Eu te reduzo a”. A injúria é, desse modo, um enunciado performativo, tem por função produzir efeitos e principalmente instituir, ou perpetuar, o corte entre os normais e os “estigmatizados”, fazendo esse corte entrar na cabeça dos indivíduos. Assim, o filósofo ressalta que a injúria diz o que tal pessoa é na medida em que a faz ser o que é.

A personalidade que eles constroem, a identidade que moldam, não são elas determinadas pelas consequências psicológicas dessa posição social de “assedados” na vida cotidiana (pela injúria, a gozação, a agressão, a hostilidade ambiente)? Entendemos que um dos princípios estruturantes das subjetividades gays e lésbicas consiste em procurar os meios de fugir da injúria e da violência, que isso costuma passar pela dissimulação de si mesmo ou pela emigração para lugares mais clementes. (ERIBON, 2008, p. 31).

Como vimos, Pierre Seel também buscou fugir dessa violência, casando-se e indo morar em outra cidade, pois, em Mulhouse, era possível que novamente fosse vítima dessas hostilidades, como observamos em certo trecho:

Une nouvelle hantise m'avait envahi: les femmes de ma famille, si solidaires entre elles, si proches les unes des autres, n'étaient-elles pas une vraie menace pour moi? Hormis mon épouse, elles savaient toutes la raison de ma déportation. Moi, j'étais l'homme qui ne pouvait pas parler, qui ne parlait pas, donc qui ne pouvait pas se défendre face aux rumeurs. Je tenais farouchement à mon secret, même, et d'abord, à l'égard de ma femme. Aurais-je dû lui parler? Ce n'est que bien plus tard que, constatant l'ampleur du désastre, je me suis accusé d'avoir fait silence, de ne pas

avoir eu le courage d'exposer plut tôt les faits, tous les faits. Mais c'était trop tard²⁹. (SEEL, 1994, p. 130-131, grifos meus)

Portanto, os gays vivem num mundo de injúrias. Como afirma Eribon, a linguagem os cerca, os encerra, os designa. O mundo os insulta, fala deles, do que dizem de si. As palavras da vida cotidiana tanto quanto as do discurso psiquiátrico, político, jurídico, atribuem a cada um deles e a todos coletivamente um lugar, inferiorizado, na ordem social. E essa linguagem já os precedia, as injúrias já estavam ali antes deles, e deles se apoderam antes mesmo que possam saber o que são.

A eficácia da injúria: ela preenche a função, como na interpelação pelo policial, de uma injunção que atribui a alguém um lugar num espaço social sexualizado. Mas, no funcionamento real da linguagem e da vida social, não há sucessão temporal (sou injuriado e, então, reconheço-me como aquele que é visado por essa injúria). Pois a injúria preexistiu a mim. Estava ali antes de mim, e ela *sempre-já*, como diz tão bem Althusser, sujeitou-me às estruturas da ordem social e sexual que ela só faz exprimir e lembrar. (...) É porque o insulto e seus efeitos são apenas a parte visível da interpelação mais profunda que as estruturas sociais, mentais e sexuais já, e sempre-já, operaram sobre mim. A ordem social e sexual de que a linguagem é o veículo, e de que a injúria é um dos sintomas mais agudos, produz ao mesmo tempo o sujeito como subjetividade e como sujeição, isto é, como uma pessoa adaptada às regras e às hierarquias socialmente instituídas. Logo, a subjetividade gay é uma subjetividade “inferiorizada”, não só por encontrar a situação inferior dada aos homossexuais na sociedade, mas, sobretudo, por ser produzida por ela. (ERIBON, 2008, p. 77-78).

Eribon ressalta que o “sujeito” homossexual, embora sempre tenha uma história singular, essa própria história sempre tem relação com um “coletivo” que é constituído pelos outros “sujeitos” que são sujeitados pelo mesmo processo de “inferiorização”. Dessa forma, a homossexualidade não designa apenas uma classe de indivíduos definidos por preferências e práticas sexuais, mas também um conjunto de processos de “sujeição” que são tanto coletivos quanto individuais, na medida em que uma estrutura comum de inferiorização está em ação e que tem ainda mais força porquanto é a mesma para todos e, no entanto, sempre específica a cada indivíduo.

Se cada homossexual sujeita-se a processos idênticos, que operam em referência às mesmas normas sociais e sexuais e produzem nas mentes e nos corpos os mesmos efeitos e, se, por conseguinte, um gay está sempre já-inscrito num coletivo que o compreende antes mesmo de

29 Uma nova obsessão me havia invadido: as mulheres da minha família, tão solidárias entre elas, tão próximas umas das outras, não seriam elas uma verdadeira ameaça para mim? Exceto minha esposa, todas elas sabiam a razão da minha deportação. Eu era o homem que não podia falar, que não falava. Logo, que não podia se defender frente aos rumores. Eu tinha de modo persistente meu segredo, inclusive, e de início, em consideração à minha mulher. Deveria ter falado? Foi somente bem mais tarde que, constatando a amplitude do desastre, eu fui acusado de ter permanecido em silêncio, de não ter tido a coragem de expor mais cedo os fatos, todos os fatos. Mas era tarde demais. (tradução minha)

a ele pertencer ou de saber ou de querer a ele pertencer, isso quer dizer também que todo gesto gay, toda participação, ainda que a mais longínqua, a mais distante, a mais secreta, na vida gay, põe qualquer homossexual em relação com todos os outros e com toda a história da homossexualidade e de suas lutas. (ERIBON, 2008, p. 78)

Eribon conclui, portanto, que um dos efeitos mais temíveis e mais eficazes dessa injúria é que ela opera como um ato de censura, como a formulação de um interdito que se endereça a todos pelo fato de editar, garantir e reforçar a norma heterossexual, barrando o acesso àquilo que é estigmatizado pela linguagem. Além disso, funciona sempre e fundamentalmente como uma lembrança à ordem sexual, pois, ainda que a pessoa designada não seja homossexual, fica subentendido que ser homossexual não só é condenável, como todos devem considerar ultrajante ser acusado de sê-lo.

Assim, uma consequência disso, como observaremos melhor no capítulo seguinte, é um palco interior repleto de contradições, onde se inscrevem as dificuldades encontradas por um gay antes de se aceitar e poder se assumir, isto é, aceitar identificar-se ou ser identificado com outros gays. Essa identificação é rejeitada muitas vezes, pois eles não querem se identificar com esses seres que são considerados inferiores e buscam de todas as formas se dissociar dessa “espécie”. Assim, “por coletivizar, o insulto leva ao individualismo” (ERIBON, 2008, p. 94), pelo fato de inscrever um indivíduo num conjunto do qual se busca escapar. Temos, portanto, um ódio de si, uma certa homofobia interiorizada. Há como que a vontade de apagar o que se é, como veremos mais adiante com o exemplo de Seel. Eribon também ressalta o fato de muitos homossexuais desejarem se tornar heterossexuais. Alguns, para isso, até se esforçam de várias formas. Uma delas, por exemplo, é o casamento, que também foi uma tentativa de Seel. Segundo Eribon, “o casamento de 'complacência' foi, para um grande número de homossexuais, o meio de escapar à suspeita e ao 'estigma'.” (ERIBON, 2008, p. 81).

Gerações de homossexuais foram, assim, obcecadas pela ideia de que deviam mudar para que pudessem ser felizes ou simplesmente para que pudessem viver. (...) A “marca da opressão” se inscreve na consciência e no inconsciente dos oprimidos não só sob a forma de uma dificuldade de viver o que se é, mas também da rejeição radical – que pode assumir várias formas – do que se é. (ERIBON, 2008, p. 88).

Como consequência dessa dificuldade, temos também presente a vergonha de si e a vontade de se dissociar, de mostrar que não somos daqueles de quem se pode rir ou daqueles que podem ser objetos de insultos. Para Eribon, esses sentimentos são tão fortes que foram durante muito tempo um obstáculo à possibilidade até de instaurar uma “solidariedade” mínima dos

estigmatizados entre si, como foi observado com os homossexuais nos campos nazistas. O filósofo recorre a uma citação de Sartre: “A vergonha isola”. Isso também foi algo muito presente na relação de Pierre com sua família, como veremos.

A família, portanto, é, de fato, outro importante dispositivo de sujeição dos indivíduos. É uma outra forma de operação do poder. Isso ocorre, pois, como afirma Foucault, ela faz parte dos “dispositivos de saturação sexual”, que é definido por ele da seguinte forma:

[A sociedade] inventou, ou pelo menos organizou cuidadosamente e fez proliferar, grupos com elementos múltiplos e sexualidade circulante: uma distribuição de pontos de poder hierarquizados ou nivelados, uma “busca” de prazeres – no duplo sentido de desejados e perseguidos; sexualidades parcelares toleradas ou encorajadas; proximidades que se apresentam como procedimentos de vigilância e funcionam como mecanismos de intensificação; contatos indutores. Assim é a família, ou melhor, assim são as pessoas da casa, os pais, os filhos e em certos casos, os serviços. (FOUCAULT, 1993, p. 53).

Através da autobiografia de Seel, podemos vislumbrar, no momento em que narra sobre sua infância e adolescência, a estruturação da família, com seus procedimentos de hierarquização e controle:

Au repas de midi, la famille se répartissait immuablement en trois tables : celles des hommes, au milieu de la pièce, où mon père avait sa place avec à sa droite mon frère, celui qui était appelé à lui succéder. Puis le premier ouvrier et ainsi de suite jusqu’aux apprentis, en bout de table. Ma mère officiait à la table des femmes, avec le personnel féminin de la pâtisserie. Ma tante maternelle réglait l’agitation de la table des plus jeunes avec la cuisinière. Le soir venu, la maison se faisait moins ruche, l’agitation de la journée s’apaisait. La famille pouvait se retrouver autour de la même table. À midi comme le soir, seul mon père parlait et questionnait. Nous faisons silence. Ce n’était pas un interdit mas le signe tangible d’un grand respect collectif. Je n’ai d’ailleurs jamais entendu ma mère le contredire aux yeux des autres. Du coup, il ne montait jamais le ton³⁰. (SEEL, 1994, p. 18).

Podemos observar um forte patriarcalismo, com separação dos homens, das mulheres e das crianças. E somente quem podia falar era o pai. No parágrafo seguinte, fala da questão da sexualidade:

Loin des oreilles des parents, mes frères aimaient se valoriser en se racontant des histoires de flirts et de copines. Mais oser aborder ces sujets de conversation hors de nos chambres eût été par contre sévèrement réprimé. Comme le désir ou la sexualité, beaucoup d’autres aspects de la

30 Na refeição do meio-dia, a família se repartia imutavelmente em três mesas: a dos homens, no meio da sala, presidida pelo meu pai, tendo a sua direita meu irmão, que estava destinado a sucedê-lo. Depois, vinha o primeiro empregado e dessa forma até os aprendizes, no final da mesa. Minha mãe presidia a mesa das mulheres, com as empregadas da confeitaria. Minha tia materna controlava a agitação da mesa dos mais jovens, ajudada pela cozinheira. À noite, a casa ficava menos segmentada como uma colmeia e a agitação do dia se acalmava. A família podia se reunir ao redor da mesma mesa. Tanto ao meio-dia quanto à noite, somente meu pai falava e perguntava. Nós fazíamos silêncio. Não era uma proibição, mas o sinal tangível de um grande respeito coletivo. Além disso, nunca ouvi minha mãe contradizê-lo em público. Portanto, ele nunca elevava o tom de voz. (tradução minha)

vie se trouvaient frappés de silence. Et les secrets étaient bien gardés³¹. (SEEL, 1994, p. 18-19).

Vemos, dessa forma, que a sexualidade tinha seus locais específicos de circulação, como dentro dos quartos, por exemplo, e as praças, como aquela que Pierre Seel frequentava, onde teve seu relógio roubado, ou ainda os espaços clandestinos frequentados pelos burgueses, que foram comentados anteriormente. Mas, no espaço familiar, os aspectos referentes à sexualidade estavam cobertos de silêncio, como afirma.

Assim, tudo faz da família, mesmo reduzida às suas menores dimensões, uma rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas, fragmentárias e móveis. E por sua penetrabilidade e sua repercussão voltada para o exterior, ela se torna um dos elementos táticos mais preciosos do dispositivo de sexualidade, pois quando ela se deparava com algo que lhe fosse perigoso, diferente, entrava a questão médica, com a separação desses “doentes”. “Com isso, a medicina chamava a si, e de acordo com as regras de um saber específico, uma sexualidade com a qual ela própria incitara as famílias a se preocuparem como tarefa essencial e como grande perigo” (FOUCAULT, 1993, p. 123).

Isso, de fato, ocorreu com Seel quando sua família tomou conhecimento de sua homossexualidade, pois, como veremos mais adiante, uma barreira foi criada e o silêncio foi imposto. Podemos observar, além disso, que sua “reintegração” familiar incomodava aos mais sensíveis e preocupados com a imagem pública. “Chez les plus haineux ou les plus sensibles à l’image publique, ma ‘réintégration’ familiale gênaît³². (SEEL, 1994, 116). Afinal, como era possível uma família permitir em seu seio um ser “aberrante” e “anormal”, tal qual era considerado o homossexual? Assim, o silêncio se impunha e fazia-se de conta que tudo corria dentro da normalidade. No entanto, impunham-no um isolamento social.

De acordo com Foucault, há um poder que procede mediante a redução das sexualidades singulares. “É através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas” (FOUCAULT, 1993, p. 56).

Seel, por exemplo, em sua adolescência, ao se dar conta de sua sexualidade “desviante”,

31 Longe dos ouvidos dos pais, meus irmãos adoravam se valorizar contando histórias de paquera e garotas. Mas ousar abordar esses assuntos de conversação fora de nossos quartos teria sido, no entanto, severamente reprimido. Como o desejo ou a sexualidade, muitos outros aspectos da vida se encontravam cobertos de silêncio. E os segredos estavam bem guardados. (tradução minha)

32 No caso dos mais raivosos ou dos mais sensíveis à imagem pública, minha “reintegração” familiar incomodava. (tradução minha)

teve dificuldades para lidar com a situação, pois não sabia como conduzir isso frente a sua família. Em sua narração, observamos:

Jeune, je pris conscience que cette différence allait mettre une distance irrémédiable entre moi et mes proches. J'avais alors autour de quinze ans et la question de savoir comment le vivre, comment le devenir, était âpre. Je fus long à l'accepter et à l'admettre³³. (SEEL, 1994, p. 21).

Não encontrando possibilidade de diálogo na família, Seel buscou na figura do padre e da confissão uma forma de recorrer a suas inquietações. Porém, como afirma Foucault, essa prática é outro importante dispositivo de controle dos indivíduos. “A confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade” (FOUCAULT, 1993, p. 67).

Analisando a obra de Seel, podemos observar que a questão da confissão perpassa toda sua narrativa, em suas mais variadas formas. Podemos perceber também uma grande mudança em relação a isso, pois antes, em sua adolescência, observamos uma compactuação, mesmo que inconsciente, a esse tipo de discurso, em sua vertente religiosa. Mas, seu olhar do momento presente sobre o passado mostra uma visão crítica a esse tipo de confissão, como, por exemplo, aquela em que contou ao sacerdote sobre sua sexualidade “desviante”:

Je tentai de m'en ouvrir à mon confesseur. Mais je souffris des conséquences de mes audacieuses confidences. L'aveu d'une simple masturbation faisait que le prêtre me refusait l'absolution. Cela me jetait des nuits entières dans la hantise de l'enfer et dans la honte du péché. Aiguisé par mes embarras d'adolescent, il poussait plus loin ses investigations, et la question du désir homosexuel surgissait tout naturellement. *Il fouillait ainsi dans l'intimité de ma conscience avec le voyeurisme d'une caméra impudique*. Provocantes, ses questions enflammaient mon imagination ou avivaient mes angoisses. As-tu fait ceci? En avais-tu envie? Avec qui? Comment? Où? Quand? Combien de fois? As-tu eu de la honte ou du plaisir? *Quand le harcèlement cessait, j'avais la conviction que je n'étais qu'un monstre*³⁴. (SEEL, 1994, p. 21-22, grifos meus).

O sacerdote buscava uma confissão completa, dos mínimos detalhes, fazendo com que o confessor se sentisse como se estivesse sendo observado através de uma câmera sem pudor, como é narrado. Assim, em consequência dessa confissão religiosa, obtém-se o castigo e a libertação desses “males”. Além disso, o mais importante: uma maior vigilância sobre si mesmo. Temos,

33 Jovem, tomei consciência que essa diferença iria criar uma distância irremediável entre mim e meus próximos. Eu tinha então uns quinze anos e a questão de saber como viver isso, como vir a sê-lo, era áspera. Demorei muito a aceitá-la e admiti-la. (tradução minha)

34 Tentei me abrir com meu confessor. Mas eu sofri as consequências das minhas audaciosas confidências. A confissão de uma simples masturbação fazia o padre me recusar a absolvição. Isso me levava a noites inteiras de obsessão com o inferno e com vergonha do pecado. Aquecido por minhas angústias de adolescente, ele ia mais longe na sua investigação, e a questão do desejo homossexual surgia naturalmente. Assim, *ele explorava a intimidade da minha consciência com o voyeurismo de uma câmera impudica*. Provocantes, suas questões inflamavam minha imaginação ou avivavam minhas angústias. Você fez isso? Teve vontade? Com quem? Como? Onde? Quando? Quantas vezes? Teve vergonha ou prazer? *Quando o assédio parava, eu tinha a convicção de que eu não passava de um monstro*. (tradução e grifos meus)

portanto, uma eficiente forma de controle e sujeição. Seel, quando já havia voltado do campo de concentração e decidido “apagar” sua homossexualidade, ainda era acometido por certos pensamentos. Frente a isso, ainda via na confissão ainda uma forma de desabafo:

J'avais décidé de rayer de ma vie mon homosexualité. Mais peut-on s'empêcher de penser? Il m'arrivait de me confesser, et j'étais bien obligé d'avouer quelques plaisirs solitaires. Le prêtre me demandait aussitôt:

- En pensant à qui?
- À un garçon.
- Alors, je ne peux vous donner l'absolution.
- Mais enfin c'est une force face à laquelle je ne peux rien.
- Je suis désolé.
- Mais enfin, je suis un époux digne et un père responsable!
- Désolé. Vous êtes en état de péché grave. Pas d'absolution.

Ressortant du clair-obscur de ces églises et retrouvant la clarté de la ville, ses devoirs et ses tentations, je me sentais plus désemparé que lorsque j'y étais entré. À quoi cela servait-il donc?³⁵ (SEEL, 1994, p. 135).

Respondendo à sua pergunta, servia para esse processo de sujeição. Além disso, Pierre Seel se deparou com outro tipo de confissão, essa ainda mais dolorosa. Isso porque, quando a confissão não é mais espontânea, como a ocorrida perante o padre, obrigam-na, nem que seja necessário o uso da tortura. “Desencavam-na na alma ou arrancam-na ao corpo” (FOUCAULT, 1993, p. 68), como observamos com os algozes nazistas, ao interrogarem Seel:

Aussitôt, le SS en face de moi, après avoir violemment fermé mon dossier, me traita de 'Schweinhund', de 'cochon de chien', c'est-à-dire de sale pédé. L'interrogatoire ne faisait que commencer. Est-ce que je connaissais d'autres homosexuels? Quels étaient leur nom et adresse? Avais-je entendu parler d'un tel ou d'un tel? N'était-il pas vrai que tel ecclésiastique aimait beaucoup les jeunes gens ? Quels étaient nos lieux de rencontre ? Il en savait en fait beaucoup que moi. Je restai coi³⁶. (SEEL, 1994, p. 38)

Mais uma vez, um interrogatório que buscava os mínimos detalhes, as informações mais

35 Eu havia decidido apagar da minha vida minha homossexualidade. Mas se pode impedir de pensar? Acontecia de me confessar, e eu era obrigado a confessar alguns prazeres solitários. O padre me perguntava imediatamente:

- Pensando em quem?
- Em um garoto.
- Então eu não lhe posso dar a absolvição.
- Mas, afinal, é uma força frente a qual eu não posso fazer nada.
- Sinto muito.
- Mas, afinal, sou um esposo digno e um pai responsável!
- Sinto muito. Você está em estado de pecado grave. Nada de absolvição.

Saindo do claro-escuro dessas igrejas e voltando a claridade da cidade, seus deveres e suas tentações, eu me sentia mais desamparado do que quando eu havia entrado. Para que servia isso, então? (tradução minha)

36 Nesse momento, o SS que estava na minha frente, depois de fechar violentamente meu processo, tratou-me de "Schweinhund", de "cachorro asqueroso", ou seja, de viado imundo. O interrogatório estava apenas começando. Eu conhecia outros homossexuais? Quais eram seu nome e endereço? Eu havia ouvido falar de fulano ou cicrano? Não era verdade que tal eclesiástico gostava muito dos jovens? Quais eram nossos locais de encontro? Ele sabia na verdade muito mais do que eu. Eu permaneci calado. (tradução minha)

sigilosas. Como não obtinham sucesso, partiam para a violência. Frente ao silêncio, a forma de se obter a confissão era através do uso da barbárie. Com isso, buscava-se encontrar todos os homossexuais da cidade. Uma verdadeira caça às bruxas, ou melhor, uma grande busca de todos esses seres considerados “pervertidos” e “aberrantes”, de acordo com o discurso científico de então. Pode-se afirmar, portanto, que a injúria se fazia também pelo corpo, através do uso dessa violência física, indo ao extremo do que afirma Eribon, e chegando a um nível psicológico ainda mais devastador.

Seel também foi exposto a outros mecanismos de controle. Um deles eram os espaços de procriação ariana criados pelo regime nazista, os “Lebensborn”. Sobre esses locais, ele conta:

Il y avait une douzaine de 'Lebensborn' en Allemagne. Il s'agissait d'une appellation forgée de toutes pièces, d'une néologisme comme les nazis en inventèrent beaucoup: Leben, la vie, et Born, la source. Une source de vie, une fontaine de jeunesse, en fait une usine de bébés blonds issus d'accouplements sélectionnés entre des partenaires de 'race aryenne pure'. Les bébés, après une grossière cérémonie de baptême devant un autel frappé de la croix gammée, SS au garde-à-vous devant le berceau, n'avaient qu'un seul père sur leurs papiers: Adolf Hitler³⁷. (SEEL, 1994, p. 79).

Tratava-se de um dos programas de longo prazo do Reich. Os “Lebensborn” eram lugares onde se concebiam crianças conformes os critérios raciais do Terceiro Reich, por parte de uma juventude ariana orgulhosa de sua missão de procriação anônima. Podemos observar aqui uma dominação total do Estado sobre a vida, pois o pai dessas crianças era o chefe da Nação. O controle de natalidade do Estado em relação à população é, de fato, uma das outras linhas de ataque dessa política sobre a vida. Além disso, estava presente a questão da pureza, como podemos ver pela nota de rodapé que acompanha a passagem anterior:

'Rassemblez un millier de jeunes filles. Obligez-les à s'unir à une centaine de jeunes Allemands. Avec cent camps de cet ordre, vous obtiendrez, d'un coup, une génération pur sang de cent mille enfants.' (Dr. Willbard Hentschel in *Der Hammer*, journal de propagande national-socialiste, Berlin, vol. 640, p. 17.) Les 'Lebensborn', comme les camps de concentration ou la 'solution finale' sont l'œuvre du même Heinrich Himmler, qui se suicidera en 1945, lors de la débâcle allemande. C'est le même qui déclare: 'Ceux qui pratiquent l'homosexualité privent l'Allemagne des enfants qu'ils lui doivent.' (Discours du 26 janvier 1938.) Il n'a qu'une obsession, le sang pur et sa reproduction forcenée: 'J'ai l'intention de chercher le sang german dans le monde entier. Nous prendrons tout ce qui est de bon sang [...]. Nous leurs volerons même leurs enfants et nous les élèverons chez nous.' (Discours du 8 novembre 1938 et du 4 octobre

37 Havia uma dezena de "Lebensborn" na Alemanha. Tratava-se de uma denominação forjada em todas as partes, de um neologismo como os nazistas inventaram aos montes: Leben, a vida, e Born, a fonte. Uma fonte de vida, um chafariz da juventude; na verdade, uma fábrica de bebês loiros descendentes de acoplamentos selecionados entre casais de "raça ariana pura". Os bebês, depois de uma grosseira cerimônia de batismo diante de um altar enfeitado com a suástica, com SS atentos diante do berço, só tinham um único pai em seus papéis: Adolf Hitler. (tradução minha)

1943)³⁸. (BOISSON *apud* SEEL, 1994, p. 186.).

Foucault também fala sobre essa busca de um ser puro. Para ele, isso gerava e institucionalizava o racismo oficial, que era visto como justificativa em função da preocupação mítica de proteger a pureza do sangue e de fazer triunfar a raça. O filósofo-historiador afirma:

Sem dúvida, o nazismo foi a combinação mais ingênua e a mais ardilosa (ardilosa porque ingênua – dos fantasmas do sangue com os paroxismos de um poder disciplinar. Uma ordenação eugênica da sociedade, com o que ela podia comportar da extensão e intensificação dos micropoderes, a pretexto de uma estatização ilimitada, era acompanhada pela exaltação onírica de um sangue superior; esta implicava, ao mesmo tempo, o genocídio sistemático dos outros e o risco de expor a si mesmo a um sacrifício total. (FOUCAULT, 1993, p. 163).

Novamente, percebe-se uma atuação tanto em um nível mais global, de controle da população como um todo, quanto em um nível individual, pois, além dessa questão natalista, esse espaço servia também para os indivíduos se adequarem a certos padrões. Seel, por exemplo, questiona o porquê de sua presença nos “Lebensborn”:

Je m'interrogeai beaucoup sur les raisons de ma présence en ces lieux: je n'avais rien d'un blond arien et j'étais certainement fiché comme homosexuel. Et si un désir m'avait traversé, ce n'aurait certainement pas été pour ces femmes. Pourquoi voulait-on que je connaisse cette réalisation si chère à Himmler, son concepteur fervent? Pour que je puisse témoigner avec ravissement des délices du national-socialisme une fois de retour dans mon casernement, devant des camarades incrédules ou jaloux? Ou était-ce pour parfaire ma 'rééducation'? Pour me convaincre des valeurs de l'hétérosexualité? Pour pâllir devant la beauté de ces grasses 'gretchen'?³⁹ (SEEL, 1994, p. 82)

Seel interrogava-se, portanto, sobre o que seus superiores queriam lhe mostrar com isso, qual seria a mensagem que queriam lhe transmitir. Podemos concluir que essa era mais uma forma de controle poderosa, pois ao mesmo tempo em que esses locais juntavam jovens arianos

38 "Reúnam milhares de garotas. Obriguem-nas a se unir a uma centena de jovens alemães. Com cem campos dessa ordem, vocês obterão, de uma só vez, uma geração puro sangue de cem mil crianças." (Dr. Willbard Hentschel in *Der Hammer*, jornal de propaganda nacional-socialista, Berlim, vol. 640, p. 17.) Os "Lebensborn", como os campos de concentração ou a "solução final", são obras do mesmo Heinrich Himmler, que se suicidou em 1945, durante a derrota alemã. Foi o mesmo que declarou: "Aqueles que praticam a homossexualidade privam a Alemanha das crianças que eles lhe devem." (Discurso de 26 de janeiro de 1938.) Ele só tinha uma obsessão, o sangue puro e a reprodução feroz: "Eu tenho a intenção de procurar o sangue alemão no mundo inteiro. Nós pegaremos todos os que tiverem bom sangue [...]. Inclusive roubaremos os seus filhos e nós os criaremos conosco." (Discurso de 8 de novembro de 1938 e de 4 de outubro de 1943. (tradução minha)

39 Eu me interrogava muito sobre as razões da minha presença nesses lugares: eu não tinha nada de loiro ariano e estava certamente fichado como homossexual. E se tivesse me atravessado algum desejo, certamente não teria sido por essas mulheres. Por que queriam que eu conhecesse esse projeto tão caro a Himmler, seu criador entusiasta? Para que eu pudesse testemunhar com encanto essas delícias do nacional-socialismo quando voltasse ao meu quartel, diante dos camaradas incrédulos ou invejosos? Ou seria para aperfeiçoar minha "reeducação"? Para me convencer dos valores da heterossexualidade? Para empalidecer diante a beleza dessas gordas "gretchen"? (tradução minha)

para fins procriatórios segundo os critérios nazistas, eram também lugares que serviriam de reeducação para os homossexuais. Serviam para mostrar qual era o modelo de sexualidade “correto”.

Frente a todo esse dispositivo da sexualidade, as vidas homossexuais costumam ser vidas dissociadas que produzem personalidades elas mesmas dissociadas, pois em condições sociais diferentes, eles apresentam imagens diferentes de si mesmo, afirma Eribon. De acordo com o filósofo francês, essa dissociação e “a necessidade de se esconder costumam conduzir não só a vergonha, ao ódio de si, mas também, para preservar o segredo e se premunir contra toda suspeita, a uma atitude hostil e repressiva para com os outros homossexuais” (ERIBON, 2008, p. 14).

Isso tudo é consequência direta desse biopoder. Como afirma Michel Foucault, o homem moderno nada mais é que um animal, em cuja política está em questão sua vida de ser vivo. E um poder que tem a tarefa de se encarregar da vida terá necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos. “De um pólo a outro dessa tecnologia do sexo, escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e o da regulação das populações” (FOUCAULT, 1993, p. 159). E foi através disso tudo que se valeu o regime nazista, levando o biopoder à sua face mais extrema e cruel e conduzindo os indivíduos a processos de sujeitamento difíceis de serem rompidos, como observaremos melhor adiante.

3. A AUTOBIOGRAFIA DE UM SOBREVIVENTE...

Escrever sobre si mesmo não é uma tarefa fácil, sobretudo quando as memórias que vão ser narradas evocam momentos dolorosos, sofridos e traumáticos... E envolvem um assunto polêmico, como a perseguição nazista aos homossexuais. Porém, Pierre Seel, homossexual deportado durante a Segunda Guerra Mundial e prisioneiro de um campo de concentração, depois de um longo período de silêncio, quase meio século, resolveu contar sua história. Assim, escreveu sua autobiografia, *Moi, Pierre Seel, Déporté Homosexuel*. Publicada em 1994, essa obra pode ser vista como o ponto auge de um longo processo de mudança interior.

Para se escrever uma autobiografia, algumas condições de possibilidade são necessárias, como afirma Jean Starobinski. Uma essencial, segundo ele, é a modificação, a transformação subjetiva radical perante a existência anterior.

Le moi révolu est *différent* du *je* actuel, quand ce dernier peut vraiment s'affirmer dans toutes ses prérogatives. Il ne racontera pas seulement ce qui lui est advenu en un *autre* temps, mais surtout comment, d'*autre* qu'il était, il est devenu lui-même. Ici, la discursivité de la narration trouve une nouvelle justification, non plus par son destinataire, mais par son contenu: il s'agit de retracer la genèse de la situation actuelle, les antécédents du moment à partir duquel se tient le 'discours' présent. La chaîne des épisodes vécus trace un chemin, une *voie* (parfois sinueuse) qui aboutit à l'état actuel de connaissance récapitulative.⁴⁰ (STAROBINSKI, 1970, p. 261, grifos meus).

Foi justamente isso o que aconteceu com Seel, pois, depois de uma existência infeliz, repleta de silêncio e vergonha, uma grande mudança ocorreu. Seu "eu" presente passou a aceitar sua condição de homossexual. Dessa forma, tornou-se uma pessoa mais aliviada, livrando-se da culpa e da vergonha que sentia, e sem medo de falar sobre a perseguição aos homossexuais, dando assim seu testemunho e fazendo a sua denúncia.

O aspecto da mudança interior, do "eu" que passa por uma ruptura, também é ressaltado pelo filósofo Georges Gusdorf. Segundo ele, o começo da escrita do "eu" corresponde sempre a uma crise da personalidade. A identidade pessoal é colocada em questão:

'Je veux savoir qui je suis; je ne suis pas ce que j'ai l'air d'être, aux yeux des autres

40 O eu passado é *diferente* do eu atual, quando esse último pode verdadeiramente se afirmar em todas suas prerrogativas. Ele não somente contará em quem ele se transformou em um outro tempo, mas sobretudo, como, do *outro* que ele era, ele se tornou ele-mesmo. Aqui, a discursividade da narração encontra uma nova justificação, não mais pelo seu destinatário, mas por seu conteúdo: trata-se de retrazar a gênese da situação atual, os antecedentes do momento a partir do qual se tem o 'discurso' presente. A cadeia de episódios vividos traça um caminho, uma *via* (às vezes sinuosa) que dá no estado atual de conhecimento recapitulado. (tradução e grifos meus)

comme à mes propres yeux; j'ai vécu jusqu'ici selon l'ordre des illusions familiales, familiales et sociales. Je ne peux me contenter de vivre à la périphérie de moi-même, j'ai un secret, je suis un secret pour moi-même, et je suis seul à pouvoir le déchiffrer⁴¹. (GUSDORF, 1991, p. 23).

De acordo com o filósofo, o retorno ao domínio da intimidade responde à ruptura de um contrato social que fixa a descrição do indivíduo segundo a ordem de aparências usuais. O sujeito descobre que vivia no mal-entendido. Pierre Seel, alguns anos depois do seu retorno da guerra, havia tentado levar uma vida “normal” (leia-se heterossexual), acreditando que o casamento com uma mulher seria a solução.

J'eus envie de fonder un foyer, de *donner à ma vie une suite honorable*. Cela me permettait d'imaginer un espoir légitime: *d'avoir un jour des enfants, et plus tard des petits-enfants*. C'est ainsi, je crois, que je pris la décision étrange de me marier. Peut-être je pris la *décision étrange* de me marier. *Peut-être que des enfants sauraient me réconcilier avec ma jeunesse perdue et avec la vie*.⁴². (SEEL, 1994, p. 127, grifos meus).

Talvez o que mais pesasse ao tentar levar essa vida “normal” não fosse o fato de se casar com uma mulher. Talvez fosse o que isso representasse, ou seja, a possibilidade de ter filhos, como ele bem frisa em sua narrativa. Dessa forma, poderia dar uma continuidade honrável a sua vida, como diz. Porém, muitos sinais de que havia tomado o caminho errado foram surgindo com o tempo. Além das dificuldades enfrentadas na relação com a esposa, havia também a distância entre ele e seus filhos. “À y réfléchir avec le recul, je reconnais que, dès les premières années, j'eus un rapport difficile avec mes enfants. [...] *J'ignorais comment leur exprimer de l'amour sans qu'il fût mal interprété. Une immense timidité me paralysait*.”⁴³ (SEEL, 1994, p. 133-134, grifo meu). Por todas as dificuldades que já havia enfrentado pela questão homoafetiva, tinha medo de se aproximar de seus filhos e ser mal-interpretado. Sentindo vergonha e timidez, afastava-se deles, portanto.

Apesar de todos os problemas que foram surgindo ao longo dos seus anos de casado, tentava suportar a situação. “Je me disais que *j'avais malgré tout fondé un foyer* et retrouvé une

41 'Eu quero saber quem eu sou; eu não sou aquele que pareço ser, aos olhos dos outros como aos meus próprios olhos; eu vivi até aqui segundo a ordem de ilusões familiares e sociais. Eu não posso me contentar em viver na periferia de mim mesmo, eu tenho um segredo, eu sou um segredo para mim mesmo, e eu estou sozinho em poder decifrá-lo'. (tradução minha)

42 Eu tive vontade de fundar um lar, de *dar a minha vida uma continuação honrável*. Isso me permitia imaginar uma esperança legítima: *de ter um dia filhos, e mais tarde, netos*. Foi assim, acredito, que eu tomei a *estranha decisão* de me casar. *Talvez as crianças soubessem me reconciliar com minha juventude perdida e com a vida*. (tradução e grifos meus)

43 Refletindo com a perspectiva temporal, eu reconheço que, desde os primeiros anos, eu tive uma relação difícil com meus filhos. (...) *Eu ignorava como lhes exprimir amor sem que fosse mal interpretado. Uma imensa timidez me paralisava*. (tradução e grifos meus)

certaine dignité professionnelle. *Mais ce que je n'avais toujours pas dit était là, comme un os planté en travers de ma gorge*⁴⁴ (SEEL, 1994, p. 136, grifos meus).

Porém, não estava conseguindo. Como disse metaforicamente, seu segredo o estava sufocando. Em consequência disso, “une sensation de malaise plus général s'installa. Paralysé par toutes ces contradictions, j'avais l'impression que notre projet de bonheur nous échappait lentement, glissait peu à peu entre nos doigts⁴⁵” (Seel, 1994, p. 138). Assim, à medida que tal situação escapava do controle, o mal-estar aumentava. “Une dépression couvait. Ma déchéance s'annonçait⁴⁶” (SEEL, 1994, p. 144). Em meio a esse estado extremamente desconfortável, conta como era passar o verão com sua família na Alsácia, e um episódio em particular:

Au cours de chaque été, nous passions en famille quelques semaines en Alsace dans la propriété vosgienne de mes défunts grands-parents. Mais pour moi, le contour de ces montagnes des Vosges était *oppressant*. Schirmeck n'était qu'à quelques kilomètres de là. *Insomniaque*, je marchais la nuit sous les arbres et *je retrouvais mes impressions terribles* de l'été de 41. En 1973, mon épouse organisa une grande fête pour mes cinquante ans. Je devais sourire à tous pour cette exceptionnelle fête de famille. Mais je fus soudain pris de syncope, et il fallut m'allonger. Tous eurent des sourires embarrassés et des paroles de réconfort. *Mais mon secret était toujours là, et me dévorait silencieusement comme un cancer. J'allais encore m'accrocher à lui pendant huit ans*⁴⁷. (SEEL, 1994, p. 144, grifos meus)

Podemos observar que esse incômodo foi tomando maiores proporções. E a situação ficando cada vez mais complicada. Seu cotidiano, já sob tranquilizantes, estava cada dia mais difícil, com muitas brigas e discussões. Além disso, ele já havia perdido a esperança de que o casamento pudesse sair dessa crise e melhorar. Sentia também um pai indigno, como narra:

Déjà, nous ne parlions presque plus. Le silence ne se déchirait que pour de stériles orages, des disputes cruelles et maladroites où ni l'un ni l'autre n'arrivions à nous faire entendre ou à comprendre le point de vue adverse. Nous jouions la fin d'un couple. J'étais distrait avec tous, invivable sans doute, et en retour je n'étais plus informé de rien. Le soir à table, drogué par mes tranquillisants, il m'arrivait d'être la proie de crises de sanglots ou de m'endormir sur ma chaise, en plein repas. J'accumulais malgré moi tous les signes visibles d'un père indigne. J'avais perdu l'espoir de retrouver un jour la quiétude de nos premières années de mariage. Quant à mon passé,

44 *Apesar de tudo, eu me dizia que eu tinha fundado uma família e encontrado uma certa dignidade profissional. Mas o que eu não havia dito nunca estava ali, como um osso atravessado na garganta.* (tradução e grifos meus)

45 Uma sensação de mal-estar mais geral se instalou. Paralisado por todas essas contradições, eu tinha a impressão que nosso projeto de felicidade nos escapava lentamente, deslizando pouco a pouco pelos dedos.

46 Uma depressão se incubava. Minha decadência se anunciava. (tradução minha)

47 Ao longo de cada verão, nós passávamos em família algumas semanas na Alsácia, na propriedade dos meus falecidos avós. Mas, para mim, o contorno das montanhas dos Vosges era *opressivo*. Schirmeck só ficava a um quilômetro dali. *Insone*, eu andava à noite sob as árvores e *reencontrava minhas terríveis impressões do verão de 41*. Em 1973, minha esposa organizou uma grande festa pelos meus cinquenta anos. Eu devia sorrir para todos por essa excepcional festa de família. Mas, de repente, eu fui pego por um desmaio e foi necessário que eu me deitasse. Houve sorrisos constrangidos e palavras de conforto. *Mas meu segredo ainda estava ali, e me devorava silenciosamente como um câncer. Eu ainda iria me prender a ele por oito anos.* (tradução e grifos meus)

*il continuait à me ronger de l'intérieur. Je me sentais perdu, sans avenir.*⁴⁸ (SEEL, 1994, p. 146, grifos meus)

Tal situação se tornou, portanto, insustentável. Seu passado continuava a lhe corroer por dentro, como afirma, consumindo-o como um câncer. Porém, embora se sentisse perdido e sem futuro, permanecia com seu autopacto de silêncio. Desafabar e se livrar de toda essa angústia não estava então em questão. Frente a essa situação complicada, sua esposa, portanto, entrou com o pedido de divórcio:

*Mon homosexualité n'y était pour rien. Simplement, l'incompatibilité entre nous était désormais flagrante. Et puis cette image de déchéance que mon épouse avait sous les yeux était certainement, pour nos enfants, insoutenable. La honte du père*⁴⁹. (SEEL, 1994, p. 146, grifos meus)

Apesar de dizer que essa situação com sua esposa não era por conta de sua homossexualidade, mas sim pela incompatibilidade que havia entre eles, talvez essa dificuldade enfrentada pudesse, sim, decorrer do fato de ele ser homossexual, pois, por não poder se abrir e contar a verdade, as coisas iam ficando mais difíceis. Além disso, ele mesmo afirma em seu texto, quando reflete sobre esse passado, que não havia servido de nada renunciar sua homossexualidade:

*Ainsi donc il n'avait servi à rien que j'endure ce que j'avais enduré et que je renonce à mon homosexualité. Il n'avait servi à rien que j'entreprenne de construire pendant presque trente ans un foyer, puisqu'il entreprenait de m'abandonner.*⁵⁰ (SEEL, 1994, p. 146-147, grifo meu)

Ademais, outro sinal de que estava vivendo no mal-entendido é a fuga através do álcool. Segundo ele, “ce n'était pas une envie, c'était une façon d'en finir lentement mais inexorablement. C'était une obstination traversée de dégoût. Je ne pouvait plus résister à rien⁵¹” (SEEL, 1994, p.

48 *Nós já não nos falávamos quase nada. O silêncio só se rompia para estereis tormentas, disputas cruéis e idiotas em que nem um, nem outro chegava a se fazer entender ou a compreender o ponto de vista adverso. Interpretávamos o papel do fim de um casal. Eu estava distraído com todos, sem dúvida, insuportável; em contrapartida, eu não era mais informado de nada. À noite, na mesa, drogado por meus tranquilizantes, acontecia-me de ser vítima de crises de soluços ou de dormir na cadeira, em plena refeição. A despeito de mim mesmo, eu acumulava todos os sinais visíveis de um pai indigno. Eu havia perdido a esperança de reencontrar um dia a quietude dos nossos primeiros anos de casados. Quanto ao meu passado, ele continuava a me corroer interiormente. Eu me sentia perdido, sem futuro.* (tradução e grifo meus)

49 *Não tinha nada a ver com minha homossexualidade. Simplesmente a incompatibilidade entre nós estava cada vez mais flagrante. E depois, essa imagem de decadência que minha esposa tinha sob os olhos era, certamente, para nossos filhos, insustentável. A vergonha do pai.* (tradução e grifos meus)

50 *Portanto, não havia servido para nada tentar construir por quase trinta anos um lar, já que ele tentava me abandonar.* (tradução e grifo meus)

51 *Não era uma vontade, era uma maneira de acabar com isso lenta mas inexoravelmente. Era uma obstinação atravessada pelo desgosto. Eu já não podia mais resistir a nada.* (tradução minha)

147). Assim, podemos perceber que o álcool era uma forma de fuga da realidade e tentativa de acabar com essa situação angustiante. Uma forma de lidar com sua vergonha, como narra:

Cette honte, faite de mille hontes, y compris sans doute celle de faire honte à ma famille, m'attirait vertigineusement vers le bas. Les clochards, désormais, me fascinaient. Je les interrogeai à chaque fois que je le pouvais sur la façon dont ils vivaient leur condition. *Je voulais me persuader qu'il avait là une vie certes fragile mais sereine, une vie en tout cas libérée de toute contrainte et de toute image sociale.* Trois fois, pour m'éprouver, je dormis dans la rue sur un banc.⁵² (SEEL, 1994, p. 147-148, grifo meu).

Buscava através da bebida, portanto, uma forma de se libertar dessa imagem social que já não aguentava mais levar. Bebendo “até cair”, como conta, chegou a dormir três vezes na rua, em cima de um banco. Um dia, seu filho, surpreendendo-o em um de seus momentos de forte embriaguez, afirma que nunca mais voltaria a vê-lo, se ele não parasse de beber. “Je compris l'avertissement. Je tentai d'endiguer ce *désespoir suicidaire*.⁵³” (SEEL, 1994, p. 149, grifo meu). Logo em seguida, em sua narrativa, novamente com os olhos do presente, reflete sobre sua situação passada: “Je suis aujourd'hui persuadé qu'il s'en fallut de peu pour que je verse du côté de la folie⁵⁴” (SEEL, 1994, p. 149).

Podemos perceber, portanto, que ele chegou ao fundo do poço, nessa situação forte de desespero, de não conseguir mais imaginar saídas possíveis, de perder os rumos e as perspectivas de vida. Para ele, já não fazia diferença continuar vivendo ou morrer. Encontrava-se na beira do abismo, próximo à loucura e ao suicídio, como disse. Porém, seu filho veio lhe tirar dessa situação. De fato, seus filhos foram importantes para sua continuação honrável. Sem esses laços, provavelmente teria se decomposto totalmente ao longo do caminho.

Assim, depois de anos de frustração e muita resistência consigo mesmo, viu que não era mais possível continuar vivendo essa situação, pois já estava à beira do precipício, como conta. Houve então a ruptura com essa vida que havia criado para si, vida da qual havia tentando de todas as formas excluir sua homossexualidade. “Comment ai-je pu croire que j'y réussirais? L'expérience homosexuelle est indélébile et, tôt ou tard, ceux qui l'ont connue, ne serait-ce

52 Essa vergonha, feita de mil vergonhas, incluindo aqui sem dúvida aquela de envergonhar a minha família, me atraía vertiginosamente para baixo. Os vagabundos, a partir daí, me fascinavam. Toda vez que eu podia, eu lhes perguntava sobre suas condições de vida. *Eu queria me persuadir de que havia ali uma vida certamente frágil, mas serena, uma vida, em todo caso, livre de qualquer constrangimento e de qualquer imagem social.* Três vezes, para me testar, eu dormi na rua sobre um banco. (tradução e grifo meus)

53 Eu entendi o aviso. Eu tentei conter esse desespero suicida. (tradução minha)

54 Eu hoje estou convencido de que faltou pouco para que eu vertesse para o lado da loucura. (tradução minha)

qu'une fois, y reviennent"⁵⁵ (SEEL, 1994, p. 126).

Retomando mais uma vez Georges Gusdorf, o filósofo afirma que a decisão inicial da escrita do "eu" exprime a esperança de rever a própria existência, pelo desacordo que existe entre o sujeito e sua própria vida.

Ce besoin d'un nouveau contact de soi à soi correspond à une intention critique. *Le sujet se demande s'il n'a pas perdu son temps, gaspillé sa vie, anxiété ou angoisse suscitant un besoin de récapitulation avec désir latent de justification (...)*. Ce vœu de l'écriture autobiographique était le fruit d'une conversion spirituelle⁵⁶. (GUSDORF, 1991, p. 257, grifos meus).

Em relação a Pierre Seel, essa não foi sua ideia inicial, pois sua autobiografia parece assumir prioritariamente o caráter político da denúncia. Além disso, o livro não surgiu, à princípio, de uma vontade própria. Foi uma proposta do jornalista Jean Le Bitoux, que levou anos em ser aceita. Porém, sua escrita, de certa forma, não deixa de ser uma consequência direta de sua conversão, de sua revisão da existência, pois escrever sobre si mesmo abre a possibilidade de se conhecer melhor e de esclarecer a própria identidade. Dessa forma, é possível melhorar a própria situação de homem no mundo, trazendo, portanto, uma promoção da vida pessoal. Ele próprio nos informa que depois que escreveu seu primeiro testemunho e contou a sua história, sentiu-se melhor, mais tranquilo, com um novo respeito por si próprio. "Je reconnais que tout cela me rassura. *Je me sentais soudainement entouré d'un nouveau respect pour mon identité. Et moi-même, je me regardai avec davantage de dignité.*"⁵⁷ (SEEL, 1994, p. 159, grifo meu). Assim, podemos pensar na sua autobiografia como o auge de sua mudança identitária.

No entanto, foi uma mudança que levou bastante tempo. Um processo lento e gradual. Tudo começou quando se deparou com o testemunho de um outro sobrevivente, em 1979. Depois, em 1981, aos 58 anos, contou sua própria história, porém em forma de entrevista, curta e anônima. No ano seguinte, saiu do anonimato e escreveu uma carta aberta ao bispo francês que havia afirmado que a homossexualidade era uma doença. Sua carta foi publicada na revista francesa *Gai Pied*. Foi nesse momento que conheceu Jean Le Bitoux, então editor da revista. Pierre Seel queria também buscar seus direitos como deportado. Porém, ainda em 1988, estava

55 Como pude acreditar que eu conseguiria? A experiência homossexual é indelével e, cedo ou tarde, aqueles que a conheceram, mesmo que uma só vez, voltam a ela. (tradução minha)

56 Essa necessidade de um novo contato de si com si corresponde a uma intenção crítica. O sujeito se pergunta se ele não perdeu seu tempo, desperdiçou sua vida, com ansiedade ou angústia suscitando uma necessidade de recapitulação com desejo latente de justificação (...). Esse desejo da escritura autobiográfica era o fruto de uma conversão espiritual. (tradução minha)

57 Eu reconheço que tudo isso me tranquilizou. *Eu me senti subitamente rodeado de um novo respeito pela minha identidade. E eu mesmo me olhei com mais dignidade.* (tradução e grifos meus)

em conflito com a secretaria de Estado e com as federações de deportados, que não queriam lhe dar um cartão de deportado cinquenta anos depois do fim da guerra. Le Bitoux, para lhe ajudar, fundou com amigos, em 1989, o Memorial da Deportação Homossexual (MDH). Isso permitiu negociações com a Secretaria de Estado aos Antigos Combatentes e Vítimas de Guerra e manteve diálogo com as autoridades para o bom desenrolar do Dia Nacional da Lembrança da Deportação. Isso era algo muito importante a ser feito, pois como afirma Le Bitoux, “quand l'obstruction d'une mémoire va jusqu'à empêcher le recueillement, la violence faite à l'Histoire et aux consciences est totale⁵⁸” (LE BITOUX, 2003, p. 412). Ele, portanto, propõe a presidência de honra a Pierre Seel que, “allergique à toute logique associative, refusa⁵⁹” (LE BITOUX, 2003, p. 412). Porém, embora não tenha aceitado a presidência de honra do MDH, ele aceitou a proposta de escrever o livro.

Un an durant, j'ai sauté dans le train pour Toulouse. Les souvenirs étaient douloureux. Les larmes coulaient. Parfois, il m'en voulait terriblement. Mes questions ravivaient ses blessures. Il vouait alors notre projet aux gémonies. Pendant l'hiver 1993, à mon domicile parisien, il lut devant moi la version finale de l'ouvrage qui fut avalisée par les éditions Calmann-Lévy avec un titre foucauldien: *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*. (...) En 1995, un an après la parution de son livre, Pierre Seel obtint sa carte de déporté⁶⁰. (LE BITOUX, 2003, p. 413)

“À crise sucede o trabalho de reconstrução de nova identidade” (Pollak, 1990, p. 52). Tendo em vista essa mudança, vemos presente em sua autobiografia, portanto, uma distância identitária do “eu” muito grande. A primeira pessoa do passado é quase uma terceira pessoa. Paul Ricoeur, em seu livro *A Memória, a História, o Esquecimento*, fala da questão da identidade. E, de acordo com o filósofo, a relação desta com o tempo é justamente uma das causas de sua fragilidade. “Ora, a relação com o tempo cria dificuldades em razão do caráter ambíguo do mesmo, implícita na do idêntico. (...) Pareceu-me que a manutenção de si no tempo repousa num jogo complexo entre mesmidade e ipseidade” (RICOEUR, 2008, p. 90), ou seja, ao mesmo tempo em que o “eu” mantém certas características ao longo do tempo, também sofre muitas modificações. Outra causa de fragilidade é o confronto com o outro, percebido como uma

58 Quando a obstrução de uma memória chega a impedir o recolhimento, a violência feita à História e às consciências é total. (tradução minha)

59 Alérgico a toda lógica associativa, recusa. (tradução minha)

60 Por um ano, eu tomei o trem em direção a Toulouse. As lembranças eram dolorosas. As lágrimas corriam. Às vezes, ele se ressentia comigo por isso. Minhas perguntas reavivavam suas feridas. Ele então maldizia nosso projeto. Durante o inverno de 1993, no meu domicílio parisiense, ele leu diante de mim a versão final da obra que teve o aval da editora Calmann-Lévy com um título foucaultiano: *Eu, Pierre Seel, deportado homossexual*. (...) Em 1995, um ano depois do lançamento de seu livro, Pierre Seel obteve seu cartão de deportado. (tradução minha)

ameaça. “São mesmo as humilhações, os ataques reais ou imaginários à autoestima, sob os golpes da alteridade mal tolerada, que fazem a relação que o mesmo mantém com o outro mudar da acolhida à rejeição, à exclusão” (RICOEUR, 2008, p. 91). Esse fator também é claramente observado na obra de Pierre Seel, que teve seu “eu” constantemente ameaçado, açoitado e agredido, sobretudo pelo fato de ser homossexual, uma alteridade pouca aceita pela sociedade, e nada tolerada pelos nazistas, que não admitiam as diferenças.

E o desejo de se distinguir e se distanciar dos outros também está presente na autobiografia de Seel, que fez questão de evidenciar que era um sobrevivente *homossexual*, pertencente a outro grupo que foi perseguido. Isso porque somente os judeus eram vistos como perseguidos do nazismo. Ele busca essa diferenciação, como vimos acima. E essa diferenciação seria, portanto, um fator de peso na narração de sua experiência. “J’avais désormais un devoir: faire reconnaître la déportation des homosexuels⁶¹” (SEEL, 1994, p. 159).

Segundo Gusdorf, trata-se de algo que o narrador autobiográfico tem em mente. Segundo o filósofo, ele tem a intenção de afirmar a sua especificidade, a sua diferença, e esse trabalho é para ele uma obra de salvação. “Il se retranche dans son intimité, et entreprend un voyage au centre de son être, afin de découvrir et d’éprouver ses raisons d’exister⁶²” (GUSDORF, 1991, p. 25).

Além disso, a questão da experiência pessoal, a oportunidade de oferecer uma relação sincera aos outros, é outra condição necessária para a autobiografia. Isso, segundo Starobinski, estabelece a legitimidade do “eu”, e autoriza o sujeito do discurso a tomar como tema sua existência passada. Na obra de Pierre Seel, um dos motivos pelos quais narra sua história é justamente para ser verdadeiro não só com os outros, mas também consigo mesmo. Além disso, sua experiência de deportado e de perseguido pelo nazismo também legitima seu discurso, pela questão histórica. Ele quis testemunhar o que realmente aconteceu com os homossexuais durante esse período, algo até então praticamente inaudito. Bella Josef nos diz que “o testemunho nasceu, muitas vezes, da necessidade de apresentar o lado escondido da história, a dos dominados em oposição à dos dominadores” (JOSEF, 1999, p. 298). Ela observa também que, partindo-se do pessoal, tenta-se superá-lo para impor uma problemática coletiva, que foi exatamente o que fez

61 Eu tinha desse momento em diante um dever: fazer reconhecer a deportação dos homossexuais. (tradução minha)

62 Ele se fecha na sua intimidade, e empreende uma viagem ao centro de seu ser, a fim de descobrir e de experimentar suas razões de existir. (tradução minha)

Seel. Ao falar de si e prestar seu testemunho, busca resgatar a memória coletiva desse grupo que, assim como ele, foi perseguido pelo fato de ser homossexual. O “eu” representa, assim, também os outros. Temos um passado particular que pode ser visto também como coletivo. Uma memória particular que pode se tornar uma memória emblemática.

Portanto, Pierre Seel busca, além de tudo, justiça. Segundo Ricoeur, é justamente essa característica que transforma a memória em projeto, extraindo das lembranças traumatizantes seu valor exemplar, e é esse mesmo projeto de justiça que dá ao dever de memória a forma do futuro e do imperativo.

É preciso primeiro lembrar que, entre todas as virtudes, a da justiça é a que, por excelência e por constituição, é voltada para outrem. (...) O dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si. (...) O dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros, que não são mais, mas já foram. (RICOEUR, 2008, p. 101).

Seel dá, portanto, voz a esse coletivo do qual fez parte. Ele testemunhou. “Ele esteve lá”. Ainda de acordo com Ricoeur, a declaração explícita da testemunha é bem expressiva. O imperfeito gramatical marca o tempo e, o advérbio, o espaço. “É em conjunto que o aqui e o lá do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e ao agora absoluto da experiência viva” (RICOEUR, 2008, p. 156). Além disso, a testemunha pede que lhe deem crédito. Ela também diz: ‘Acreditem em mim’. Aqui vemos relação com o pacto autobiográfico definido por Lejeune (1975). Segundo este, graças ao desnudamento muitas vezes difícil, o autor tem o direito de esperar de seus leitores um julgamento justo e equitativo. E Ricoeur ressalta que, ainda que desconfiem, é possível acrescentar: “Se não acreditam em mim, perguntem a outra pessoa”.

De fato, essa é uma importante questão para os sobreviventes da barbárie nazista. Primo Levi, que esteve no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau como preso político, narra em um de seus livros, *Os afogados e os sobreviventes*, que esse descrédito em relação ao que eles testemunhassem era previsto pelos próprios SS, que se divertiam dizendo:

“Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos *Lager*” – campos de concentração. (LEVI, 2004, p. 9)

Levi conta também que o medo dessa desconfiança apareciam nos sonhos dos sobreviventes:

Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites de confinamento, variado nos particulares mas único na substância: o de terem voltado para casa e contado com paixão e alívio seus sofrimentos passados, dirigindo-se a uma pessoa querida, e de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados. Na forma mais típica (e cruel), o interlocutor se virava e ia embora silenciosamente. (LEVI, 2004, p. 10)

É sabido que existiu (e existe até hoje) uma corrente negacionista, que afirma que nada daquilo aconteceu, e que foi apenas uma história inventada pelos judeus para se fazerem de vítimas e obterem certos benefícios. Dessa forma, se observamos que existe essa incredulidade frente a esse grande grupo – considerado por muitos como a única vítima do nazismo–, em relação aos homossexuais, isso se dá de modo ainda mais acentuado, inclusive por não terem tido a possibilidade de contar suas histórias logo após a guerra, como veremos no capítulo seguinte. Para eles, de fato, os interlocutores deram às costas e os deixaram imersos no silêncio. Assim, muitos anos depois, quando finalmente foi possível testemunhar, observamos que na autobiografia de Pierre Seel, para dar veracidade ao que é dito, houve o acréscimo, com a ajuda do jornalista Jean Le Bitoux, de muitas notas e anexos que remetem a outros textos e testemunhos, comprovando dessa forma a autenticidade de seu discurso.

Além disso, outro fator que também contribui para a credibilidade é a descrição do ambiente no qual se estava inserido, que também contribui para a definição de si mesmo. Gusdorf afirma: “Le mouvement constitutif des mémoires est un mouvement centrifuge; le sujet du récit se projette vers l’environnement; il se définit lui-même en termes objectifs, par ses appartenances extrinsèques: famille, patrie, partis, fonctions assumées qui contribuent à aligner autour de lui le panorama du monde⁶³” (GUSDORF, 1991, p. 260). Isso também está presente em *Moi, Pierre Seel, Déporté Homosexuel*, pois ele se caracteriza como francês, da região da Alsácia, oriundo de uma família burguesa, conservadora e católica. Depois conta como foi sua adolescência e a dos outros jovens gays de sua cidade, Mulhouse. Em seguida, continua nesse movimento centrífugo, mostrando também como foi a vida no campo de concentração, depois o período em que esteve no exército alemão, lutando na Segunda Guerra; por fim, fala de seu retorno e narra como foi sua

63 O movimento constitutivo de memórias é um movimento centrífugo; o sujeito da narrativa se projeta em direção ao ambiente; ele se define ele mesmo em termos objetivos, por seus pertencimentos extrínsecos: família, pátria, decisões, funções assumidas que contribuem para alinhar ao redor dele o panorama do mundo. (tradução minha).

vida depois disso. Portanto, exhibe continuamente o mundo que o cercava.

Dessa maneira, observamos que a escrita de si implica a realidade do “eu” em conjunto com a realidade do mundo. Pierre Seel evoca indivíduos, paisagens e situações. Com isso, sua personalidade vai tomando conhecimento de si mesmo e, assim, constituindo-se, pouco a pouco. Há uma interrogação intensa sobre si mesmo, muitas dúvidas acerca da própria identidade. Ademais, nas autobiografias, em geral, vemos uma interioridade dilacerada, um território de lutas, com várias forças interiores brigando entre si. Há um palco interior conturbado. Isso pode ser observado desde as *Confissões* de Santo Agostinho, uma das primeiras autobiografias, até o testemunho de Pierre Seel. Neste último, o conflito se dá principalmente pela questão da vergonha e do silêncio, como veremos no capítulo seguinte. “Mon secret était toujours là, et me dévorait silencieusement comme un cancer” (SEEL, 1994, p. 144).

Além disso, o fato de ver que não se está sozinho também é importante para a quebra do silêncio, para a mudança. Seel resolveu falar somente quando viu que outro homossexual perseguido o havia feito. Tudo começou, como vimos, no lançamento do livro de outro sobrevivente homossexual, Hanz Heger, em uma livraria francesa, onde foi feita também uma apresentação sobre a deportação de homossexuais alemães. Seel conta:

Il décrit la déportation des homosexuels allemands, et lut quelques passages de ce document. Je frissonnai. Il y avait quarante ans que je n’avait entendu ce que j’entendais là. Je retrouvais des équivalences de situation, la description de la même douleur et des mêmes sauvageries. Ma mémoire ankylosée se reconstituait par flashes. Mais tous semblaient ignorer que des choses similaires s’étaient passées em France. J’avais envie de crier du fond de la salle: “Moi aussi, j’ai vécu des choses identiques!” Mais il n’en était pas question. Je tenais encore à mon anonymat⁶⁴. (SEEL, 1994, p. 152).

Falavam, portanto, somente de perseguidos alemães. Vemos que há um grande desconforto por parte de Seel pelo fato de não incluírem os deportados da França. Aqui, mais uma vez, observa-se a busca pela diferenciação. Dessa forma, Seel viu que era preciso testemunhar para mostrar que franceses homossexuais também haviam sido vítimas do regime nazista.

Ce fut le vrai début de toute la suite. Je compris qu’il y avait là un *combat à mener*. *Témoigner*, il fallait que *j’ose témoigner*, même si c’était encore *anonymement*. *Étais-je le seul dans ce cas?* Je voulais aussi le savoir, retrouver d’autres témoins; car celui qui crie tout seul est vite *suspect*. Et *cette suspicion fait très mal*⁶⁵. (SEEL, 1994, p. 154, grifos meus)

64 Ele descreveu a deportação de homossexuais alemães, e leu algumas passagens desse documento. Eu estremei. Fazia quarenta anos que eu não ouvia o que eu ouvi ali. Eu reencontrei equivalências de situação, a descrição da mesma dor e das mesmas selvagerias. Minha memória endurecida se reconstituía por flashes. Mas todos pareciam ignorar que coisas similares haviam acontecido na França. Eu tinha vontade de gritar do fundo da sala: “Eu também, eu vivi coisas idênticas!” Mas não era o caso. Eu mantinha ainda meu anonimato. (tradução minha)

65 Esse foi o verdadeiro início de tudo o que veio depois. Eu compreendi que havia ali um combate a vencer.

Nesse trecho, percebemos que, apesar de ainda existirem algumas forças interiores, como o medo, era necessário lutar contra elas e ousar testemunhar, mesmo que por trás do anonimato. Porém, observamos novamente a preocupação com a veracidade dos fatos, pois ele, sendo o único sobrevivente homossexual francês a falar, poderia gerar suspeitas. Poderiam duvidar dele. E essa suspeita, como afirmou, faz muito mal. Por isso, a preocupação em não ser o único a testemunhar. No entanto, de qualquer forma, sendo o único ou não, era necessário lembrar que não somente homossexuais alemães foram perseguidos, mas também os franceses.

Essa distinção de “quem” lembra e fala/narra evidencia que a memória é reflexiva. Segundo Paul Ricoeur, lembrar-se de alguma coisa é, de imediato, lembrar-se de si. Há que se perguntar não somente “o que?”, mas também “quem?”, passando também pelo “como?”. Isso é importante, porque é diferente a memória de um judeu e de um homossexual, por exemplo. As experiências pelas quais passaram os perseguidos judeus foram muito distintas das quais passaram os homossexuais, não só durante o nazismo, mas após o fim da guerra, pelo fato desses últimos passarem por um silenciamento, ao contrário do que ocorreu com as vítimas judias. Essa diferenciação é, portanto, muito importante para o reconhecimento.

Le nazisme se définit essentiellement par la haine du juif et de l'homosexuel. (...) D'ailleurs on parle toujours de l'holocauste des juifs, on ne parle jamais de celui des homosexuels. C'est curieux, cette espèce de caviardage d'une partie des victimes des camps de concentration⁶⁶. (TOURNIER *apud* SEEL, 1994, p. 191).

A memória é, dessa forma, uma faculdade paradoxal. “Quem lembra e de que lembra?” É impossível falar do objeto sem falar do sujeito que lembra. O processo da memória inclui essas duas coisas. “Eu me lembro de algo”. E, além disso, há uma intervenção subjetiva, pois se vê o passado com os olhos do presente. Na autobiografia não existem objetos em si, independentes da fala do sujeito, de sua lembrança. Sempre se constituem através disso. Ademais, a memória é composta de vestígios, rastros, marcas e sensações que esses objetos deixaram. No caso de Seel, são marcas bem fortes, pois ele vivenciou uma situação limite. Ricoeur afirma que esse tipo de testemunho é de experiências propriamente extraordinárias, de uma inumanidade sem

Testemunhar, era necessário que eu *ousasse testemunhar*, mesmo se ainda fosse *anonimamente*. Era eu o *único* nesse caso? Eu também queria saber, encontrar outras testemunhas, pois quem grita sozinho é rapidamente *suspeito*. E *essa suspeita faz muito mal*. (tradução e grifos meus)

66 O nazismo se definia essencialmente pelo ódio ao judeu e ao homossexual. [...]. No entanto, sempre se fala do holocausto dos judeus, e nunca se fala daquele dos homossexuais. É curiosa essa espécie de censura de uma parte das vítimas dos campos de concentração. (tradução minha)

comparação com a experiência do homem ordinário, e é nesse sentido que se trata de experiências extremas.

O filósofo afirma também que a testemunha não esteve ela mesma distante dos acontecimentos, ela não ‘assistiu’ a eles; ela foi sua *vítima*. “Como ‘contar sua própria morte’ pergunta Primo Levi. A barreira da vergonha acrescenta-se a todas as demais barreiras.” (RICOEUR, 2008, p. 187). Vemos isso claramente com Pierre Seel, que além do fato de ter passado por essa experiência de vítima, tinha também a barreira formada pelo fato de ser um homossexual. “Un doublé secret venait d’un seul coup de se sceller: celui de l’horreur nazie et la honte de mon homosexualité⁶⁷”. (SEEL, 1994, p. 66).

Ricoeur retoma Saul Friedlander, escritor do livro *Probing the Limits of Representation*, para abordar a questão do limite.

O vocábulo pode designar dois tipos de limites: de um lado, um tipo de esgotamento das formas de representação disponíveis em nossa cultura para dar legibilidade e visibilidade ao acontecimento chamado ‘solução final’; de outro lado, uma solicitação, uma exigência de ser dito, representado, elevando-se do próprio cerne do acontecimento, procedendo, portanto, dessa origem do discurso que certa tradição retórica considera como o extralinguístico, banido da terra semiótica. (RICOEUR, 2008, p. 267).

Além disso, a violência sofrida, ou seja,

os danos físicos infligidos das rupturas de contrato, as contestações a respeito de atribuição de bens, de posições de poder e de autoridade, e todos os outros delitos e crimes constituem outras tantas feridas de memória que demandam um trabalho de memória inseparável de um trabalho de luto visando a uma reapropriação por todas as partes do delito e do crime, apesar de sua estranheza essencial. Da cena traumática à cena simbólica, poderíamos dizer. (RICOEUR, 2008, p. 334).

Seel sofreu muitos atos violentos desde que foi preso, violência de toda espécie, de corporal a simbólica. Além disso, presenciou a morte de muitas pessoas, inclusive de pessoas que amava. E também foi obrigado a matar, para não morrer. Todas essas fortes impressões podem gerar traumas, feridas que impedem uma simbolização. Podem ser fortes demais e serem apagados, ou então podem estar presentes para sempre. Permanecem mesmo quando estão inacessíveis, indisponíveis. Em seu lugar, aparecem fenômenos de substituição, sintomas que mascaram o retorno do recalcado de modos diversos, como, por exemplo, os sonhos.

Des cauchemars me visitaient la nuit et le jour, je pratiquais le silence. Je voulais oublier tous les détails et toutes les frayeurs de ces quatre années que je venais de vivre. Je revenais totalement épuisé par mes multiples affrontements avec la mort, et je constatais douloureusement

67 Um duplo segredo acabava de se selar de uma só vez: o do horror nazista e o da vergonha de minha homossexualidade. (tradução minha)

l'impuissance qui avait été mienne devant la mort des autres. Une tristesse immense s'était effondrée sur moi. Et je n'éprouvais aucune envie⁶⁸. (SEEL, 1994, p. 113).

Paul Ricoeur afirma também que, além da vontade de fazer sofrer e de eliminar, por parte dos agentes, ergue-se a vontade de humilhar, de entregar ao abandono, ao autodesprezo.

O injustificável exagera a experiência da falta, na medida em que à confissão do além do não-válido da parte das ações se acrescenta a da cumplicidade do querer da parte do agente. (...) Assim, é o extremo do mal infligido a outrem, na ruptura do vínculo humano, que se torna o indício desse outro extremo, o da maldade íntima do criminoso. É nesse ponto que se anunciam noções como o irreparável do lado dos efeitos, o imprescritível do lado da justiça penal, o imperdoável do lado do juízo moral. (RICOEUR, 2008, p. 471).

Diante disso tudo, Ricoeur ressalta:

É possível um tratamento historiográfico do inaceitável? A dificuldade maior se deve à gravidade excepcional dos crimes. (...) Existem uma singularidade e uma incomparabilidade éticas que se devem à magnitude do crime, ao fato de ele ter sido cometido pelo próprio Estado contra uma parte discriminada da população à qual ele devia proteção e segurança, ao fato de ele ter sido executado por uma administração sem alma, tolerado sem objeções marcantes pelas elites dirigentes, sofrido sem resistência importante por uma população inteira. (RICOEUR, 2008, p. 341).

De qualquer forma, o memorialista não deixa de ser uma testemunha da história, “son témoignage se limite à cette partie des événements dont il fut le spectateur ou l'acteur. Les choses vues ont le pas sur la consultation des sources et archives, sur les témoignages indirects; la première personne prend la direction du récit, organisé selon la perspective propre d'un individu particulier.⁶⁹” (GUSDORF, 1991, p. 251). Mas, de acordo com Georges Gusdorf, as *Memórias*⁷⁰ propõem uma crônica pessoal do devir histórico, colocando a ênfase sobre a ordem das coisas, ao invés da subjetividade própria do narrador. “Sans doute réagit-il à l'événement avec une certaine complaisance à soi-même, qu'il n'a pas besoin de dissimuler, mais l'intérêt principal se porte sur

68 À noite, me visitavam pesadelos e durante o dia eu praticava o silêncio. Eu queria esquecer todos os detalhes e todos os terrores dos quatro anos que eu acabava de viver. Estava totalmente exausto por meus múltiplos enfrentamentos com a morte e constatava dolorosamente a impotência que eu havia sentido ante a morte dos outros. Uma tristeza imensa havia se apossado de mim. E eu não tinha desejo algum. (tradução minha)

69 Seu testemunho se limita àquela parte dos acontecimentos ao qual ele foi o expectador ou o ator. As coisas vistas têm prioridade na consulta de fontes e arquivos, nos testemunhos indiretos; a primeira pessoa toma a direção da narrativa, organizada segundo a perspectiva própria de um indivíduo particular. (tradução minha)

70 Vale ressaltar aqui que esse estudo toma os termos “autobiografia” e “Memórias” como complementários. Como afirma Gusdorf, as fronteiras entre esses dois termos são confusas, vagas e subjetivas. (Gusdorf, 1991, p. 253). Embora talvez a obra de Seel apresente o caráter testemunhal de maneira mais forte e evidente, sua narrativa, como podemos ver, também é um bom exemplo de autobiografia e Memórias, por todas as informações históricas trazidas e também pelo fato de ele se desnudar e mostrar o processo de transformação que seu “eu” passou ao longo de sua vida. Ainda de acordo com Gusdorf, o percurso das Memórias e o da autobiografia não são contraditórios, nem opostos; seriam principalmente concêntricos; o segundo se esforçando em permanecer o mais próximo do núcleo do sentido, o primeiro se rendendo à força centrífuga que projeta a consciência em expansão de universos. (Gusdorf, 1991, p. 273-274).

les événements politiques, militaires, diplomatiques auxquels le rédacteur a été mêlé.⁷¹” (GUSDORF, 1991, p. 252). Ou seja, evidentemente que a questão subjetiva é algo muito presente e forte, principalmente porque o narrador não foi somente expectador e ator, mas *vítima*, e sobretudo de uma situação extrema, no caso de Seel. Porém, a questão dos acontecimentos históricos é um dos eixos centrais dessas *Memórias*. Embora na autobiografia de Seel, por exemplo, exista uma complacência em relação a si mesmo muito grande, uma vitimização muito forte, ele não deixa de ter como foco a perseguição nazista aos homossexuais.

Gusdorf diz também que a autobiografia permite ao historiador ver a realidade com os mesmos olhos dos que a viveram. No entanto, há uma relação objetiva dos acontecimentos dos quais o autor participou, pois busca ser uma testemunha destinada a trazer uma contribuição à história de seu tempo, mesmo estando inscrito no interior de suas lembranças. “Témoigner, tout dire, demander réhabilitation de mon passé, de ce passé qui était aussi celui de tant d’autres, oubliés, enfouis dans les heures noires de l’Europe. Témoigner pour protéger l’avenir, témoigner pour faire cesser l’amnésie de mes contemporains.⁷²” (SEEL, 1994, p. 156-157), afirma Seel.

Assim, vemos que a autobiografia, como afirma Lejeune, “é feita para transmitir um universo de valores, uma sensibilidade ao mundo, experiências desconhecidas, e isto no quadro de uma relação pessoal percebida como autêntica e não ficcional.” (LEJEUNE, 2003, p. 53-54). Inscreve-se, portanto, tanto no campo do conhecimento histórico, pelo desejo de saber e de compreender; no campo da ação, pela promessa de facultar esse conhecimento aos outros; como também na área da criação artística, afinal trata-se de um texto literário.

A autobiografia de Pierre Seel é, deste modo, um importante texto, tanto em termos literários, quanto em termos de documento histórico. Ricoeur afirma que “não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente” (RICOEUR, 2008, p. 156).

Seel escreve justamente para dar seu testemunho. Para fazer visíveis as crueldades sofridas pelos homossexuais, recuperando, assim, a memória de um passado de repressão, e buscando o reconhecimento desse grupo, considerado como o mais inferior, pelos nazistas, e por

71 Sem dúvida, ele reage ao acontecimento com uma certa complacência em relação a si mesmo, que ele não precisa dissimular, mas o interesse principal se coloca nos acontecimentos políticos, militares, diplomáticos aos quais o redator esteve envolvido. (tradução minha)

72 Testemunhar, dizer tudo, exigir reabilitação do meu passado, desse passado que é também o de muitos outros, esquecidos, ocultos nas horas negras da Europa. Testemunhar para proteger o futuro, testemunhar para acabar com a amnésia dos meus contemporâneos. (tradução minha)

muitas pessoas ainda hoje. E é justamente contra a repetição dessas situações de barbárie que Seel escreveu a história de sua vida.

4. O TESTEMUNHO DE UM DOS ESQUECIDOS DA MEMÓRIA...

O século XX foi um período marcado por grandes catástrofes e genocídios, sendo um dos mais conhecidos a morte de milhares de pessoas pelo regime nazista. Recusa-se aqui a utilizar os termos comumente usados, Holocausto e *Shoah*, pois eles estão diretamente ligados aos judeus⁷³. Empregando tais palavras, ficam excluídos da memória todos os outros grupos perseguidos, entre eles os homossexuais, que estiveram por muito tempo fadados ao esquecimento. Uma das razões de tal situação é que, após o término da Segunda Guerra, muitas das narrativas testemunhais sobre o período de perseguição e extermínio nazista foram feitas prioritariamente pelos judeus, grupo que possui uma relação muito forte com a escrita e a transmissão. Isso trouxe como consequência a grande visibilidade deles como vítimas, e o fato de terem sido vistos por muitos como as *únicas* vítimas.

O italiano Primo Levi, por exemplo, judeu que havia estado no campo de concentração como preso político e uma das mais importantes vozes testemunhais desse período, em seus dois livros mais conhecidos, *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, menciona que os “hóspedes” do campo dividiam-se em três categorias: os criminosos, os políticos e os judeus. Em nenhum momento faz menção aos homossexuais. Seria porque no campo em que estava não se deparou com eles? Estariam eles incluídos na categoria de criminosos? É estranho, pois os homossexuais estavam presentes em Auschwitz e marcados diferentemente, com o triângulo rosa. Provavelmente Levi não tenha feito de propósito, porém, ao não mencionar esse outro grupo, acabou de certo modo contribuindo para deixá-lo no esquecimento.

Além disso, os homossexuais, após a guerra, ainda eram mal-vistos e estigmatizados pela sociedade. Inclusive, muitos diziam que os nazistas haviam agido corretamente em relação a eles. Houve, portanto, logo após o final da guerra, a impossibilidade dessas pessoas prestarem seu depoimento, escreverem suas memórias, e contarem, enfim, o que haviam passado, inclusive pelo fato de ainda existirem leis anti-homossexuais em vigor. Primo Levi, em seu livro *A Trégua*,

73 Holocausto, como afirma Agamben, significa “sacrifício supremo, no marco de uma entrega total a causas sagradas e superiores” (Agamben, 2008, p.39). Desse modo, alguns consideraram o extermínio nazista em relação aos judeus como uma dessas formas de sacrifício do povo judeu, utilizando a palavra com inicial maiúscula. *Shoah*, por sua vez, significa “devastação, catástrofe” e, na Bíblia, implica muitas vezes a ideia de uma punição divina” (Agamben, 2008, p.40). Além disso, é uma palavra que vem do hebraico, ou seja, a língua dos judeus, possuindo, assim, um caráter particularista. Portanto, tais termos remetem somente à dimensão judaica, deixando de lado todos os outros perseguidos e mortos. Embora os judeus tenham sido o grupo com o maior número de vítimas, não se deve excluir os outros grupos.

conta sobre um sonho recorrente seu, que refletia o medo de retorno ao campo, e a sensação de que esse momento de liberdade não passaria de uma trégua:

É um sonho dentro de outro sonho, plural nos particulares, único na substância. Estou à mesa com a família, ou com amigos, ou no trabalho, ou no campo verdejante: um ambiente, afinal, plácido e livre, aparentemente desprovido de tensão e sofrimento; mas, mesmo assim, *sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que domina*. E, de fato, continuando o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, todas as vezes de forma diferente, tudo desmorona e se desfaz ao meu redor, o cenário, as paredes, as pessoas, e a angústia se torna mais intensa e mais precisa. Tudo agora tornou-se caos: estou só no centro de um nada turvo e cinzento. E, de repente, sei o que isso significa, e sei também que sempre soube disso: *estou de novo no Lager, e nada era verdadeiro fora do Lager*. De resto, eram férias breves, o engano dos sentidos, um sonho: a família, a natureza em flor, a casa. Agora esse sonho interno, o sonho de paz, terminou, e no sonho externo, que prossegue gélido, ouço ressoar uma voz, bastante conhecida; uma única palavra, não imperiosa, aliás breve e obediente. É o comando do amanhecer em Auschwitz, uma palavra estrangeira, temida e esperada: levantem, “Wstavach”. (LEVI, 1997, p. 358, grifos meus)

Em relação a Levi, essa era apenas uma sensação imaginária, pois a guerra e o regime nazista já haviam terminado e ele não tinha motivo para ser capturado novamente. Porém, no caso dos homossexuais, era como se de fato eles ainda vivessem sob uma trégua, pois poderiam novamente ser presos, capturados, pelas leis que ainda vigoravam contra eles.

No caso da França, continuava a existir uma lei que havia sido promulgada em 1942, pelo governo colaboracionista Vichy. Ela reinscrevia no código penal, entre os “delitos” sexuais, as relações entre pessoas do mesmo sexo como uma incriminação agravante. Isso ocorreu, pois foram descobertos casos de marinheiros que haviam se envolvido com civis. Frente a essa situação, o vice-presidente do Conselho, o almirante Darlan, em uma nota secreta, afirma:

Mon attention a été attiré sur une importante affaire d'homosexualité où se trouvent compromis des marins et des civils. J'estime indispensable une répression énergique de ce genre d'affaire qui risque de porter un important préjudice moral à la Marine.⁷⁴ (DARLAN *apud* LE BITOUX, 2003, p. 15)

Assim, temendo o “prejuízo moral” e por uma “questão de honra militar”, criaram tal lei. Assinada pelo marechal Philippe Pétain, a alínea 1 do artigo 334 do Código penal francês, possuía a seguinte redação:

Sera puni d'un emprisonnement de six mois à trois ans et d'une amende 200 à 60 000 francs quiconque aura, soit pour satisfaire les passions d'autrui, excité, favorisé ou facilité la débauche ou la corruption de la jeunesse de l'un ou de l'autre sexe au-dessus de l'âge de 21 ans, soit pour satisfaire ses propres passions, commis un ou plusieurs actes symboliques ou contre

74 Chamou minha atenção um importante caso de homossexualidade em que se encontram envolvidos marinheiros e civis. Eu considero indispensável uma repressão enérgica desse tipo de caso que arrisca trazer um importante prejuízo moral à Marinha. (tradução minha).

nature avec un mineur de son sexe âgé de moins de 21 ans.⁷⁵ (Diário Oficial do Estado francês de 6 de agosto de 1942 *apud* LE BITOUX, 2002, p. 137)

Como afirma o historiador Michael Sibalís (2002, p. 302), isso possibilitou a perseguição de indivíduos que “corrompiam jovens” do mesmo sexo, além de reintroduzir na jurisprudência francesa a traiçoeira distinção entre relações sexuais naturais e as que iam contra a natureza, isso depois de um século e meio de tolerância social, pois, na França, desde a Revolução Francesa, não havia algo na lei semelhante ao Parágrafo 175 alemão. Sibalís ressalta que Vichy não foi o responsável direto por qualquer deportação homossexual. “It was the Germans, not the French government, who expelled or imprisoned homosexuals in eastern France; Vichy did no more than penalize homosexual relations between adults and minors under twenty-one.”⁷⁶ (SIBALIS, 2002, p. 313-314).

À la Libération, allié avec les communistes, le gouvernement provisoire de De Gaulle met en place une commission juridique chargée d'examiner, pour le purger, tout l'appareil judiciaire de l'Occupation. Ce comité abroge les nombreux décrets et lois antisémites. Mais personne ne proposera l'abrogation d'une loi parfaitement homophobe imaginée par Darlan et promulguée par Pétain.⁷⁷ (LE BITOUX, 2002, p. 145)

O comitê jurídico não propôs a revogação de tal lei. O que foi proposto, na verdade, foi a transformação da disposição do artigo 334 no artigo 331 do Código Penal, o que de fato ocorreu, em 8 de fevereiro de 1945 (LE BITOUX, 2003, p. 17). Após o final da guerra, caíram, portanto, as leis antissemitas, mas continuou a que punia os homossexuais. Como afirma o filósofo Javier Ugarte Pérez (2008), os governantes, ao penalizarem comportamentos que têm uma origem privada, faziam com que fosse muito difícil a formação de casais homoafetivos, dificultavam que outras pessoas seguissem o mesmo caminho e criavam obstáculos para a abertura da sociedade em relação a essa minoria.

El resultado de incluir la homosexualidad entre los delitos fue orientar la evolución social en una dirección predeterminada. A esos hechos debe añadirse que la conducta legal tiene importancia porque, con frecuencia, el repudio social es un producto secundario de la legislación.

75 Será punido com aprisionamento de seis meses a três anos e com uma multa de 200 a 60.000 francos quem, seja para satisfazer as paixões alheias, tenha excitado, favorecido ou facilitado a perversão ou a corrupção da juventude do mesmo ou de outro sexo menor de 21 anos, seja para satisfazer suas próprias paixões, tenha cometido um ou vários atos simbólicos ou contranatureza com um menor do mesmo sexo com menos de 21 anos. (tradução minha)

76 Foram os alemães, não o governo francês, que expulsou ou aprisionou homossexuais na França ocidental; Vichy não fez mais que penalizar relações homossexuais entre adultos e menores de 21 anos. (tradução minha).

77 Após a Libertação, aliado com os comunistas, o governo provisório de De Gaulle criou uma comissão jurídica encarregada de examinar, para fazer desaparecer, todo o aparelho judiciário da Ocupação. Esse comitê anula os numerosos decretos e leis antissemitas. Mas ninguém proporia a anulação de uma lei perfeitamente homofóbica imaginada por Darlan e promulgada por Pétain. (tradução minha)

Para muchas personas, las leyes orientan sobre la bondad o maldad de las conductas: si prohíben algo, por fuerza ha de ser nocivo.⁷⁸ (PÉREZ, 2008, p. 19)

Dessa forma, os homossexuais continuavam a ser vistos como seres nocivos à sociedade por grande parte da população. Como afirma Eribon (2008), os anos cinquenta e sessenta (e, primeiramente, os anos quarenta e o período da guerra) tinham jogado a subcultura homossexual numa clandestinidade mais rigorosa que nos anos vinte e trinta. Segundo o filósofo, a repressão havia se tornado muito mais intensa que nos anos anteriores à guerra.

Além disso, na França, em 1960, o parlamento havia criado uma emenda que definia a homossexualidade como uma “praga social” (“*fléau social*”), ao lado do alcoolismo, da tuberculose e da prostituição (LE BITOUX, 2002, p. 148). Nessa época, o país estava em plena guerra da Argélia. “La peur d'une guerre civile sur le territoire national put conduire les parlementaires à vouloir lutter contre tous les “ennemis de l'intérieur”, y compris ceux qui, comme les homosexuels, affaiblissaient le corps social du fait de leur comportement déviant”⁷⁹. (LE BITOUX, 2003, p. 53). Havia também uma preocupação natalista, e os homossexuais eram visto como um problema para essa questão, ou seja, era uma política sobre a vida que continuava com a mesma mentalidade nazista. Por fim, o ministro da Saúde francês considerava “o desenvolvimento considerável da homossexualidade” como uma das causas pelo aumento da sífilis. Portanto, no começo dos anos sessenta, a luta contra a homossexualidade aparecia como um dos principais pontos da política francesa (LE BITOUX, 2003, p. 54).

Os homossexuais, em consequência, passaram a ser vistos como verdadeiros delinquentes sociais. “Ainsi écartelés entre discrimination pénale, discrimination civile et discrimination de liberté d'expression, les homosexuels français de l'après-guerre n'apparaissent-ils pas comme des citoyens de seconde zone?”⁸⁰ (LE BITOUX, 2003, p. 20).

Isso tudo contribuiu para uma maior estigmatização desse grupo. Porém, em decorrência disso, muitos deles se convenceram da necessidade de uma mudança política e social radical. Isso ajudou, portanto, na criação do movimento de liberação homossexual do fim dos anos 60. Em

78 O resultado de incluir a homossexualidade entre os delitos foi orientar a evolução social em uma direção predeterminada. A esses fatos deve-se acrescentar que a conduta legal tem importância, pois, com frequência, o repúdio social é um produto secundário da legislação. Para muitas pessoas, as leis orientam sobre a bondade ou a maldade das condutas: se proibem algo, por obrigação deve ser nocivo. (tradução minha)

79 O medo de uma guerra civil no território nacional pôde conduzir os parlamentares a querer lutar contra todos os “inimigos do interior”, incluídos aqueles que, como os homossexuais, debilitavam o corpo social por seu comportamento desviante. (tradução minha)

80 Assim, espartilhados entre discriminação penal, discriminação civil e discriminação de liberdade de expressão, os homossexuais franceses do pós-guerra não apareciam como cidadãos de segunda zona? (tradução minha)

maio de 68, na Sorbonne ocupada, havia poucos comitês de liberação sexual, e o único de liberação homossexual, o CAPR (Comitê de ação pederástica revolucionário), sofreu forte resistência dos outros grupos, sobretudo os maoístas e os trotskistas da Liga Comunista Revolucionária. Como resultado, “l'esprit de Mai 68 que le CAPR représentait modifia de manière définitive la tendance dominante du mouvement homosexuel français en faisant de l'homosexualité une question politique, et même une question gauchiste radicale, voire révolutionnaire.”⁸¹ (LE BITOUX, 2003, p. 72-73).

Em 1971, portanto, nasceu a FHAR (Frente Homossexual de Ação Revolucionária). Proveniente da revolução cultural de Maio de 68, ela contestava as imagens convencionais da homossexualidade. Como afirma Le Bitoux, a Frente lutava contra as normas da vida cotidiana e a submissão à ordem social e sexual (LE BITOUX, 2003, p. 87). Como forma de ação, faziam intervenções nas ruas e havia um fórum principal que se situava na Escola de Belas Artes de Paris, lugar universitário que abrigava numerosas reuniões de agitação social contra o patriarcado, o sistema penitenciário e o militarismo. Era também um lugar que propiciava relações sexuais de toda ordem. Em 1974, no entanto, a polícia sitiou a Escola de Belas Artes e as reuniões militantes desapareceram por um longo tempo (LE BITOUX, 2003, p. 90).

Nesse período, sobretudo ao longo dos anos de governo de Georges Pompidou, ou seja, entre os anos de 1969 e 1974, era forte a intervenção estatal e a censura. Essa situação durou até o começo dos anos 80.

L'État marquait alors son emprise dans toutes les sphères de la production intellectuelle, qu'elle soit écrite ou audiovisuelle, et intervenait fréquemment pour limiter tout ce qui n'était pas considéré comme conforme à la norme, censure qui frappait la parole homosexuelle naissante, mais plus largement toutes les formes d'expression contestataires ou alternatives. Ainsi, en ce qui concerne la presse, le début des années soixante-dix a correspondu aux interdictions des journaux et publications du FHAR mais aussi à celles des journaux satiriques ou d'extrême gauche.⁸² (LE BITOUX, 2003, p. 114-115).

Ao longo dos anos 70, no entanto, alguns acontecimentos merecem destaque. No dia 25 de abril de 1976, pela primeira vez ao longo do Dia Nacional da Lembrança da Deportação, foi

81 O espírito de Maio de 68 que a CAPR representava modificou de maneira definitiva a tendência dominante do movimento homossexual francês, fazendo da homossexualidade uma questão política, e até mesmo uma questão esquerdista radical, inclusive revolucionária. (tradução minha)

82 O Estado marcava, portanto, sua influência em todas as esferas da produção intelectual, seja ela escrita ou audiovisual, e intervinha frequentemente para limitar tudo o que não fosse considerado conforme à norma, censura que golpeava a nascente voz homossexual, mas, mais amplamente, todas as formas de expressão contestadoras ou alternativas. Assim, no que concerne à imprensa, o começo dos anos sessenta correspondeu às interdições de jornais e de publicações do FHAR e também dos jornais satíricos ou de extrema esquerda. (tradução minha)

depositado um ramo de flores em memória dos homossexuais, apesar da grande hostilidade dos representantes das federações dos deportados. (LE BITOUX, 2003, p. 142). No ano seguinte, ocorreu a primeira Parada Gay francesa, na praça da República. Nesse mesmo ano e em 1978, ocorreram, em Paris, os primeiros festivais de filmes homossexuais. Além disso, ao longo dos anos 70, ocorreu uma grande produção literária e uma representação alternativa da homossexualidade na mídia cinematográfica e televisiva. Também nessa década, em 1979, surgiram duas importantes publicações, as revistas *Masques* e *Gai Pied* (anos mais tarde, *Gai Pied Hebdo*). No primeiro número dessa última, que teve uma tiragem de 30 mil exemplares e atingiu 20 mil quiosques, havia um artigo de Michel Foucault sobre homossexualidade e suicídio, uma nota sobre uma manifestação em Paris contra a repressão no Irã, trechos traduzidos do testemunho de Heinz Heger, homossexual austríaco deportado pelos nazistas, entre outras pautas (LE BITOUX, 2003, p. 199).

Le Bitoux afirma que a consciência da existência de uma cultura específica começou no seio dos meios homossexuais militantes dos anos 70, que se fazia visível pela constituição de certas publicações mais politizadas e bem direcionadas. Ele acredita que a criação de *Gai Pied* correspondeu a uma forte expectativa social. “Le courrier des lecteurs, dont je me suis occupé personnellement pendant des années, et qui doublait tous les mois, comportait de nombreux témoignages souvent poignants.”⁸³ (LE BITOUX, 2003, p. 201)

Podemos ver, portanto, que essa revista teve um papel político muito ativo. Isso também ocorreu ao longo da eleição presidencial de 1981, questionando os candidatos sobre a questão homossexual. Durante o segundo turno das eleições, perguntaram ao então candidato do Partido Socialista, François Mitterrand, se, caso ele fosse eleito, a homossexualidade deixaria de ser um delito. Ele respondeu afirmativamente. Um voto homossexual poderia contribuir para sua vitória. Isso poderia, portanto, ser apenas mais uma promessa para ganhar voto. Refletindo essa desconfiança, logo após sua vitória, a revista estampou na capa uma foto do novo presidente com a seguinte pergunta: “Sete anos de felicidade?”

De fato, o presidente François Mitterrand cumpriu com sua palavra, e em 4 de agosto de 1982, a lei anti-homossexual foi revogada e a homossexualidade deixou de ser ilegal na França⁸⁴

83 O correio de leitores, do qual eu me ocupei pessoalmente por vários anos, e que dobrava a cada mês, trazia numerosos testemunhos frequentemente comovedores. (tradução minha)

84 Na Alemanha, a revogação das leis contra os homossexuais se deu um pouco mais cedo. O Parágrafo 175 continuou em vigor no lado oriental até 1967, e, no lado ocidental, até 1969. (LE BITOUX, 2002, p. 146). Na

(SEEL p. 191, LE BITOUX, 2002, p. 137). Portanto, somente nessa década os gays foram amparados pelo plano jurídico e foi possível o fim da vida dupla, do segredo e da invisibilidade. A revista *Gai Pied*, por exemplo, atingiu seu auge, chegando a tiragem de 70 mil exemplares em 1982.

Dessa forma, essa série de fatores, como a revogação das leis anti-homossexuais, a emancipação dos movimentos militantes e o sucesso das publicações destinadas aos gays, possibilitou que esse grupo pudesse, enfim, “sair do armário” e deixar de se ocultar. Além disso, essas condições possibilitaram, por fim, que os perseguidos homossexuais do regime nazista pudessem testemunhar o que havia acontecido com eles, como fez Pierre Seel. Sua autobiografia pode ser vista, portanto, como um duplo testemunho. Primeiramente, pela questão das situações extremas vividas durante seu encarceramento e deportação, a exemplo dos outros testemunhos existentes. Porém, sua narrativa vai além, pois também é um testemunho das dificuldades enfrentadas pelos homossexuais, não somente em relação ao nazismo e ao reconhecimento desse grupo como perseguido, como também de vários outros pontos, em geral, cruciais na vida de um homossexual, como, por exemplo, a dificuldade de diálogo com a família e o preconceito da sociedade.

Um dos pontos-chave de seu testemunho é, portanto, a denúncia. Essa é, aliás, uma das características extremamente relevantes das narrativas de testemunho, pois elas existem apenas no contexto da contra-história, da denúncia e da busca pela justiça. “A verdade e a utilidade são, portanto, fundamentais” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 88). Busca-se um registro da história, da opressão, e há uma simbiose entre memória e história. Relatar o que aconteceu para mostrar a crueldade, cobrar justiça, e impedir que eventos como esses se repitam. Esse é um dos principais motivos que levaram Pierre Seel a contar sua história, como narra na passagem a seguir, quando comenta sobre o bispo de Estrasburgo, que havia declarado que a homossexualidade era uma enfermidade:

Moi, en attendant les propos de cet évêque de ma terre natale, je me dressai sur mon lit. *Terrifié, terrorisé, indigné*. Les homosexuels, des infirmes? Il me fallait réagir. La colère me submergeait. Il fallait faire cesser pour toujours de tels propos. Et pour cela *témoigner, tout dire, demander réhabilitation de mon passé, de ce passé qui était aussi celui de tant d'autres, oubliés,*

França, a legislatura 1981-1986 adotou outras importantes medidas contra a discriminação enfrentada pelos homossexuais. Em 1981, por exemplo, o Ministro da Saúde deixou de adotar a classificação da OMS (Organização Mundial de Saúde) que considerava a homossexualidade como uma doença mental. E, em 1985, a lei de discriminações também começou a levar em consideração a orientação sexual. (LE BITOUX, 2003, p. 301-303)

*enfouis dans les heures noires de l'Europe. Témoigner pour protéger l'avenir, témoigner pour faire cesser l'amnésie de mes contemporains. Déchirer une fois pour toutes mon anonymat: faire une lettre ouverte à monseigneur Elchinger*⁸⁵. (SEEL, 1994, p. 156-157, grifos meus)

Seel busca, portanto, testemunhar para proteger o futuro, para evitar a proliferação de discursos como esse. Afinal, foi por causa de afirmações como essa que os homossexuais foram exterminados durante o nazismo. Seel acredita que, se continuasse calado, discursos como esses continuariam se multiplicando e a possibilidade de ocorrerem novos assassinatos seria muito grande. Porém, apesar de seu esforço, não obteve sucesso com o processo que abriu contra o bispo, como narra logo em seguida:

Le tribunal trancha en leur faveur: 'Les propos rapportés n'ont visé aucune personne nommément désignée ou nommément identifiable.' *Aurait-on fait de même s'il s'était agi de propos antisémites? Mais la loi ne retient pas l'homophobie*⁸⁶. (SEEL, 1994, p. 157, grifos meus).

Aqui, mais uma vez, vemos a comparação com os judeus, pois afirma que se discursos semelhantes abordassem esse grupo, as consequências não seriam as mesmas. Provavelmente não perderiam o processo, como aconteceu. Assim, vemos que o fator de rebaixamento dado aos homossexuais como vítimas do nazismo é outro ponto muito forte de sua denúncia. É tanto uma denúncia do passado de barbárie nazista, quanto do presente de silenciamento e esquecimento dos homossexuais também como vítimas.

Seu testemunho é também uma grande denúncia a todo tipo de violência que ele sofreu. Não é possível, de fato, tratar de um tema como esse sem abordar essa questão. Como afirma Seligmann-Silva (2005), “essa ética e estética da literatura de testemunho possui o corpo – a dor – como um dos seus alicerces.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 111). Na autobiografia de Pierre Seel, observamos essa temática perpassar toda sua obra, com alguns trechos mais sangrentos, como o das torturas que sofreu dos algozes nazistas, como podemos ver na passagem a seguir:

L'engrenage de violence s'accéléra. Excédés par notre résistance, les SS commencèrent à arracher les ongles de certains d'entre nous. De rage, ils brisèrent les règles sur lesquelles nous étions agenouillés et s'en servirent pour nous violer. Nos intestins furent perforés. Le sang giclait

85 Eu, ao ouvir o discurso desse bispo da minha terra natal, me dirigi à minha cama. *Assustado, aterrorizado, indignado*. Os homossexuais, doentes? Eu tinha que reagir. A cólera me submergia. Era preciso acabar para sempre com tais discursos. E para isso, *testemunhar, dizer tudo, exigir reabilitação do meu passado, desse passado que é também o de muitos outros, esquecidos, ocultos nas horas negras da Europa. Testemunhar para proteger o futuro, testemunhar para acabar com a amnésia dos meus contemporâneos*. Romper de uma vez por todas meu anonimato: fazer uma carta aberta ao monsenhor Elchinger. (tradução e grifos meus)

86 O tribunal decidiu em seu favor: "As declarações reportadas não visaram nenhuma pessoa nomeadamente designada ou nomeadamente identificável." *Teriam feito o mesmo caso se tratassem de declarações antisemitas? Mas a lei não contempla a homofobia*. (tradução e grifos meus)

de partout. J'ai encore dans les oreilles nos cris d'atroce douleur⁸⁷. (SEEL, 1994, p. 39)

Os nazistas, como vimos, faziam uso da tortura para tentar descobrir outros homossexuais que ainda não haviam sido capturados. Uma violência extremamente cruel, através de um rebaixamento extremo, com a violação do lugar considerado o mais vergonhoso e humilhante para um homem. Seel narra também como foi o tempo em que esteve no campo de concentração e tudo o que foi obrigado a suportar:

Je vécus six mois de la sorte dans cet espace où *l'horreur et la sauvagerie étaient la loi*. Mais je tarde à évoquer l'épreuve qui fut la pire pour moi, alors qu'elle se passa dans les premières semaines de mon incarcération dans ce camp. Elle contribua plus que tout à faire de moi cette *ombre obéissante et silencieuse* parmi les autres.⁸⁸ (SEEL, 1994, p. 58, grifos meus).

Espaço onde o horror e a selvageria eram a lei. Espaço que transformava as pessoas em sombras obedientes e silenciosas, como afirma. Todas as torturas e situações enfrentadas foram deixando marcas e o transformando em um fantasma mudo, como ele mesmo se descreve mais adiante. Além disso, essa provação que menciona Seel é a de uma cena muito forte de violência no campo, quando Jo, seu antigo amor, foi brutalmente assassinado na frente de todos, inclusive na sua.

Les haut-parleurs diffusèrent une bruyante musique classique tandis que les SS le mettaient à nu. Puis ils lui enfoncèrent violemment sur la tête un seau en fer blanc. Ils lâchèrent sur lui les féroces chiens de garde du camp, des bergers allemands qui le mordirent d'abord au bas-ventre et aux cuisses avant de le dévorer sous nos yeux. Ses hurlements de douleur étaient amplifiés et distordus par le seau sous lequel sa tête demeurait prise. Raide et chancelant, les yeux écarquillés par tant d'horreur, des larmes coulant sur mes joues, je priai ardemment pour qu'il perde très vite connaissance⁸⁹. (SEEL, 1994, p. 60).

Primo Levi, em seu famoso livro *É isto um homem?*, ao falar sobre o espaço concentracionário, afirma:

Mas que cada um reflita sobre o significado que se encerra mesmo em nossos pequenos

87 A engrenagem de violência se acelerou. Irritados com nossa resistência, os SS começaram a arrancar as unhas de alguns de nós. Com raiva, eles romperam as réguas sob as quais nós estávamos ajoelhados e se serviram delas para nos violar. Nossos intestinos foram perfurados. O sangue salpicava por todo lado. Eu ainda escuto nossos atrozes gritos de dor. (tradução minha)

88 De maio a novembro de 1941, eu vivi seis meses desse jeito, nesse espaço onde *o horror e a selvageria eram a lei*. Mas eu demoro a evocar a provação que foi a pior para mim, embora ela tenha se passado nas primeiras semanas do meu encarceramento nesse campo. Ela contribuiu mais que tudo a fazer de mim *essa sombra obediente e silenciosa* entre os outros. (tradução e grifos meus)

89 Os auto-falantes difundiram uma barulhenta música clássica enquanto os SS o deixavam nu. Depois, enfiaram violentamente um balde de lata na cabeça dele. Soltaram sobre ele ferozes cães de guarda do campo, pastores-alemães que o morderam de início o baixo-ventre e os músculos, antes de devorá-lo sob nossos olhos. Seus gritos de dor eram amplificados e distorcidos pelo balde sob o qual sua cabeça estava presa. Firme e cambaleante, com os olhos estarecidos por tanto horror, com as lágrimas correndo no meu rosto, eu rogava ardentemente para que ele perdesse rapidamente a consciência. (tradução minha)

hábitos de todos os dias, em todos esses objetos nossos, que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado. Essas coisas fazem parte de nós, são algo como os órgãos de nosso corpo; em nosso mundo é inconcebível pensar em perdê-las, já que logo acharíamos outros objetos para substituir os velhos, outros que são nossos porque conservam e reavivam nossas lembranças. (LEVI, 1988, p. 25)

Portanto, além de perder objetos e hábitos cotidianos, imaginemos a situação de Pierre Seel, a de não somente perder algum objeto do ser amado, mas de perder o próprio ser amado, e de assistir a ele sendo assassinado, da forma mais cruel, devorado por cães ferozes aos olhos de todos. Isso tudo, de acordo com Levi, leva ao vazio e ao fundo do poço.

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana, na melhor das hipóteses considerando puros critérios de convivência. Ficará claro, então, o duplo significado da expressão “Campo de extermínio”, bem como o que desejo expressar quando digo: chegar no fundo. (LEVI, 1988, p. 25)

Portanto, tais situações trazem consequências para a vida toda. Pierre Seel, logo após narrar esse momento doloroso, desloca sua narrativa do passado no campo para o seu presente, relatando os resultados que momentos como esse acarretaram em sua vida:

Depuis, il m'arrive encore souvent de me réveiller la nuit en hurlant. Depuis plus de cinquante ans, cette scène repasse inlassablement devant mes yeux. Je n'oublierai jamais cet assassinat barbare de mon amour. Sous mes yeux, sous nos yeux. Car nous fûmes centaines à être témoins. Pourquoi tous se taisent-ils encore aujourd'hui? Sont-ils donc tous morts? Il est vrai que nous étions parmi les plus jeunes du camp, et que beaucoup de temps a passé. Mais je pense que certains préfèrent se taire pour toujours, redoutant de réveiller d'atroces souvenirs, comme celui-ci parmi d'autres⁹⁰. (SEEL, 1994, p. 60)

Podemos observar que a violência foi tanta que, não somente o corpo físico foi afetado, mas principalmente o lado psíquico. Isso não somente após o campo, mas ainda quando estava nele. Seligmann-Silva afirma que, “na literatura de testemunho de um modo geral é frequente a concepção do campo como constituindo a ‘única realidade’ e a afirmação da impossibilidade de saída dele, da impossibilidade de libertação dele.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 110). Também vemos essa questão presente nas memórias de Pierre Seel:

90 Desde então, ainda me acontece frequentemente de acordar à noite aos berros. Há mais de cinquenta anos, essa cena passa incansavelmente diante dos meus olhos. Eu não me esquecerei jamais desse assassinato bárbaro do meu amor. Diante dos meus olhos, diante dos nossos olhos, pois centenas de nós fomos testemunhas. Por que todos se calam ainda hoje? Já estão todos mortos? É verdade que nós estávamos entre os mais jovens do campo, e que muito tempo se passou. Mas eu acredito que alguns preferem se calar para sempre, temendo despertar lembranças atroz, como esta, entre outras. (tradução minha)

Le rythme infernal du camp, fait de journées répétitives ponctuées de brimades incessantes, s'était installé depuis longtemps dans mon corps, dans ma tête. Rien ne se passait si ce n'est le cycle quotidien d'atrocités tranquillement programmées par les SS⁹¹. (SEEL, 1994, p. 61).

A única realidade vivida era a das atrocidades programadas pelos SS. Levi também afirma que esqueciam tudo que era exterior, pois estavam restritos ao momento presente. “Dessa condição de aviltamento saíamos só a raros intervalos, nos pouquíssimos domingos de repouso, nos minutos fugazes antes de cair no sono, durante a fúria dos bombardeios aéreos, mas eram saídas dolorosas, justamente porque nos davam oportunidade de medir, de fora, nossa diminuição” (LEVI, 2004, p. 65). Também percebemos isso com Seel, quando narra que saíam dessa realidade nos raros momentos em que ele e outros detentos olhavam para além das cercas e imaginavam voltar pra casa:

Nous ne disions rien; mais je sais bien ce qu'était notre unique pensée, et sans nul doute celle de mes compagnons, la seule qui avait encore un peu de cohérence: rentrer à la maison, retrouver ceux que nous aimions, rejoindre notre lit, notre chambre. Rentrer chez nous.⁹² (SEEL, 1994, p. 62).

Eram, de fato, momentos dolorosos, pois observamos que nesses pequenos instantes de fuga dessa realidade do campo, desejava-se até mesmo o pior, libertar-se dela mesmo que através da morte, como conta:

Nous regardions au-delà des barbelés et des miradors cette nature ostensiblement belle et généreuse. Il m'arrivait souvent, en observant les cols des Vosges qui commençaient à s'enneiger, de souhaiter que quelque chose se passe, n'importe quoi, même le pire, mais que cessent cet engrenage et cet avilissement entre leurs griffes.⁹³ (SEEL, 1994, p. 61)

Outra forma de violência enfiada pelos presos dos campos de concentração era em relação à fome. Pierre Seel nos narra como isso se passava em Schirmeck:

Une des pires choses quotidiennes dont j'ai le souvenir, c'est celle de la faim. Elle était soigneusement entretenue par nos geôliers et elle fut la source de nombreuses querelles. La faim rôdait et nous animalisait, nous faisant prendre des risques considérables. Parfois, préposé au nettoyage des clapiers des lapins, je dévorais subrepticement quelques carottes. D'autres fois, au

91 O ritmo infernal do campo, feito de jornadas repetitivas pontuadas de humilhações incessantes, instalou-se por muito tempo em meu corpo, em minha cabeça. Nada se passava além do ciclo cotidiano de atrocidades tranquilamente programadas pelos SS. (tradução minha)

92 Nós não dizíamos nada; mas eu sei bem qual era nosso único pensamento, e sem dúvida alguma aquele de meus companheiros, o único que havia ainda um pouco de coerência: voltar para casa, encontrar aqueles que amávamos, recuperar nossa cama, nosso quarto. Voltar para nossa casa. (tradução minha)

93 Nós olhávamos para além das cercas e das torres de vigilância essa natureza ostensivamente bela e generosa. Acontecia-me geralmente, ao observar os passos dos Vosges que começavam a se cobrir de neve, de desejar que alguma coisa acontecesse, seja qual fosse, mesmo a pior, mas que cessasse essa engrenagem e esse aviltamento entre as garras deles. (tradução minha)

cours d'une énième interrogatoire, l'officier SS approchait de nous une cuillère de confiture. Il suffisait que nous disions ce qu'il avait envie d'entendre, et alors nous pourrions, disait-il, déguster cette délicieuse gourmandise. J'ai souvenir que de dépit, de rage de ne pouvoir vaincre notre résistance, il faisait valser la cuillère dans la pièce.

La faim rendit fous certains d'entre nous. Je me souviens de ce détenu qui était souvent du côté des 'toilettes', réduites à quelques planches au-dessus d'un trou malodorant dans lequel les plus faibles glissaient parfois. Lui, il rôdait toujours de ce côté car c'était là qu'il y avait le plus de mouches. À chaque fois qu'il réussissait à se saisir d'une, il étouffait de petits cris de contentement⁹⁴. (SEEL, 1994, p. 57).

Muito importante também em seu relato, que o diferencia de outros testemunhos referentes ao nazismo, é sobre o estigma que os homossexuais sofriam perante os outros prisioneiros. A falta de solidariedade por si só já era uma forma de violência muito forte, como discorreu Primo Levi:

Entrava-se esperando pelo menos a solidariedade dos companheiros de desventura, mas os aliados esperados, salvo casos especiais, não existiam; existiam, ao contrário, *mil mônadas impermeáveis* e, entre elas, uma luta desesperada, oculta e contínua. Esta revelação brusca, que se manifestava desde as primeiras horas de cativeiro, muitas vezes sob a forma imediata de uma *agressão concêntrica* por parte daqueles em que se esperava encontrar os futuros aliados, *era tão dura que logo derrubava a capacidade de resistir. Para muitos foi mortal, indiretamente ou até diretamente: é difícil defender-se de um golpe para o qual não se está esperando.* (LEVI, 2004, p. 32-33, grifos meus)

No entanto, apesar das dificuldades, alguns grupos se formavam, de acordo com certas afinidades que existiam, como afirma Seel:

Le baraquement était constitué en réseaux, selon des affinités diverses, politiques parfois, ce qui amoindrissait un peu l'isolement et la dureté du quotidien. Je ne faisais partie d'aucun de ces réseaux de solidarité. Avec mon ruban bleu, rapidement compris par mes compagnons d'infortune, j'avais conscience que je n'avais rien à attendre d'eux: *le délit sexuel est une charge supplétive dans l'identité carcérale.* Je pus le vérifier plus tard, quand je fus un temps, à Rouen, visiteur de prison. *Dans l'univers des détenus, j'étais un élément tout à fait négligeable, une demi-portion menacée à tout moment d'être sacrifiée, sans état d'âme, selon les exigences aléatoires de nos géoliers*⁹⁵. (SEEL, 1994, p. 51-52, grifos meus)

94 Uma das piores coisas cotidianas de que eu me lembro é a fome. Ela era cuidadosamente mantida por nossos carcereiros e foi a fonte de numerosas querelas. A fome rondava e nos animalizava, fazia-nos assumir riscos consideráveis. Às vezes, encarregado da limpeza da toca dos coelhos, eu devorava sorrateiramente algumas cenouras. Outras vezes, ao longo de um enésimo interrogatório, o oficial SS aproximava de nós uma colher de geleia. Bastava que nós disséssemos o que ele gostaria de ouvir, e então nós poderíamos, dizia ele, degustar essa deliciosa guloseima. Eu me lembro que, por despeito, por raiva de não poder vencer nossa resistência, ele fazia a colher valsar no quarto.

A fome deixava alguns de nós loucos. Eu me lembro de um detento que estava geralmente do lado dos "toilettes", reduzidos a algumas tábuas em cima de um buraco fedorento no qual os mais débeis às vezes deslizavam. Ele vagava sempre por ali, pois era ali que havia mais moscas. Cada vez que ele conseguia agarrar uma, ele sufocava pequenos gritos de contentamento. (tradução minha)

95 Os acampamentos eram constituídos por redes segundo afinidades diversas, políticas, às vezes, o que diminuía um pouco o isolamento e a dureza do cotidiano. Eu não fazia parte de nenhuma dessas redes de solidariedade. Com minha faixa azul, rapidamente compreendida por meus companheiros de infortúnio, eu tinha consciência de

Observa-se, portanto, que esses grupos de solidariedade não se davam, de fato, com os homossexuais. O “delito” homossexual, como afirma Seel, era uma carga adicional. Eles eram, portanto, um dos grupos mais estigmatizados no campo. E para que isso ocorresse, eram muito bem identificados. Em geral, pelo triângulo rosa, que era maior em relação aos outros triângulos. Mas no caso do campo de Schirmeck, onde estava Seel, era utilizada uma faixa azul, marcação usada para os “antissociais”. Estima-se que mais de cem mil homossexuais foram perseguidos. Desses, cerca de sessenta mil foram para a prisão, e mais de dez mil para os campos de concentração, onde dois terços morreram. A maioria desses, no decorrer de seu primeiro ano de internação.

La vie dans les camps était extrêmement difficile pour tous les détenus, mais il semble que la plupart du temps et dans la majorité des camps les homosexuels masculins ont connu des conditions de survie particulièrement redoutables. Contrairement aux juifs et aux Tsiganes, les détenus homosexuels n’ont jamais fait l’objet de mesures d’extermination systématique dans les camps conçus comme de véritables usines de la mort. Cependant, leur taux de survie dans l’univers concentrationnaire était inférieur à celui de tout autre groupe n’appartenant pas à ces deux catégories raciales⁹⁶. (KOSKOVICH *apud* LE BITOUX, 2002, p. 86).

Le Bitoux ressalta que a grande diversidade de presos homossexuais, tanto de gerações, quanto de percursos, quanto de meios sociais, gerava uma falta de solidariedade entre eles, falta de autodefesa coletiva, como o que ocorreu frequentemente entre os outros grupos, que compartilhavam mais afinidades. Eram, dessa forma, os mais solitários no campo, como ressalta Wolfgang Sofsky:

Ils n’étaient liés ni par une pratique religieuse, ni par une conviction politique, et n’avaient pas la même origine sociale ou nationale. Le stigmatisme raciste ne faisait pas de détail, et l’exposition au risque d’extermination bloquait toute possibilité de développer une conscience de groupe cohérente⁹⁷. (SOFSKY *apud* LE BITOUX, 2002, p. 87).

Gerard Koskovich acrescenta:

que eu não tinha nada a esperar deles: *o delito sexual é uma carga adicional na identidade carcerária*. Eu pude verificar isso mais tarde, quando passei um tempo visitando uma prisão em Rouen. *No universo dos detentos, eu era um elemento completamente desprezível, uma minúcia ameaçada de ser sacrificada a todo o momento, sem alma, segundo as exigências aleatórias dos nossos carcerários*. (tradução e grifos meus)

96 A vida nos campos era extremamente difícil para os detentos, mas parece que a maior parte do tempo e na maioria dos campos os homossexuais masculinos conheceram condições de sobrevivência particularmente terríveis. Contrariamente aos judeus e aos ciganos, os detentos homossexuais jamais foram o objeto sistemático de medidas de extermínios nos campos concebidos como verdadeiras fábricas da morte. No entanto, a taxa de sobrevivência no universo concentrationário era inferior àquelas de todos os outros grupos que não pertenciam a essas duas categorias raciais. (tradução minha)

97 Eles não eram ligados nem por uma prática religiosa, nem por uma convicção política, e não tinham a mesma origem social ou nacional. O estigma racista não era uma particularidade, e a exposição ao risco de extermínio bloqueava qualquer possibilidade de desenvolver uma consciência de grupo coerente. (tradução minha)

Les homosexuels masculins étaient affectés, dans des proportions considérablement plus élevées, aux travaux de commandos les plus pénibles et les plus dangereux, parmi lesquels la carrière à gravier et le rouleau compresseur de Dachau, la carrière d'argile de Sachsenhausen, les excavations du tunnel de Dora, la carrière de pierre de Buchenwald ou les escouades qui devaient ramasser les bombes intactes après les raids aériens alliés sur Hambourg. Les hommes affectés à ces tâches et à ces commandos avaient une espérance de vie inférieure à celle de tous les autres déportés.⁹⁸ (KOSKOVICH *apud* LE BITOUX, 2002, p. 88).

Eram, portanto, nessas condições que se encontravam os homossexuais. Dessa forma, vemos que eles, sim, eram verdadeiras “mônadas impermeáveis”. Como também afirma Levi, “a capacidade humana de cavar-se uma toca, de criar uma casca, de erguer ao redor de si uma tênue barreira defensiva, ainda que em circunstâncias aparentemente desesperadas, é espantosa e mereceria um estudo profundo” (LEVI, 1988, p. 56). Seel, para se defender e sobreviver, criou essa barreira defensiva se isolando dos demais:

Étant parmi les plus jeunes du camp, je craignais que l'attention ne se focalise sur moi. Aussi, entre deux corvées, *je m'efforçais de ne parler à personne et m'enfermais dans une solitude désespérée que ne traversait aucun désir sexuel*. L'idée même de désir n'avait aucune place dans cet espace. *Un fantôme n'ai ni fantasme, ni sexualité*⁹⁹ (SEEL, 1994, p. 54, grifos meus).

Como consequência de toda essa violência, percebemos também em Pierre Seel a “síndrome do sobrevivente”, termo usado por W. G. Niederland para representar o seguinte estado:

(...) situação crônica de angústia e depressão, marcada por distúrbios de sono, pesadelos recorrentes, apatia, problemas somáticos, anestesia afetiva, ‘automatização do ego’, incapacidade de verbalizar a experiência traumática, culpa por ter sobrevivido e um trabalho de trauma que não é concluído. (NIEDERLAND *apud* SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 68).

Após retornar do campo de concentração, Pierre Seel passou por esse estado vegetativo, de letargia, como podemos observar na passagem a seguir:

Je retrouvai ma chambre, mes livres, mes objets. D'une identité lointaine. D'avant ma destruction. Entre les draps soyeux de mon lit, à la chaleur idéale, je me *sentis horriblement oppressé*. *Je ne pus dormir que sur le tapis*. *La nuit, pris de fringales effrayantes, j'attaquai le garde-manger*. Ma famille se résolut à mettre des cadenas à tous les placards qui contenaient de la

98 Os homossexuais masculinos eram destinados, em proporções consideravelmente mais elevadas, aos trabalhos de comandos mais penosos e mais perigosos, entre os quais o canteiro de pedregulhos e o rolo compressor de Dachau, o canteiro de argila de Sachsenhausen, as escavações do túnel de Dora, o canteiro de pedra de Buchenwald ou os esquadrões que deviam recolher as bombas intactas depois dos ataques aéreos dos Aliados em Hamburgo. Os homens destinados a essas tarefas e a esses comandos tinham uma esperança de vida inferior àquela de todos os outros deportados. (tradução minha)

99 Estando entre os mais jovens do campo, eu temia que a atenção se focalizasse em mim. Por isso, entre as pausas do trabalho, *eu me esforçava para não falar com ninguém e me fechava numa solidão desesperada pela qual não passava nenhum desejo sexual*. A própria ideia de desejo não tinha lugar nenhum nesse espaço. *Um fantasma não possui nem fantasia, nem sexualidade*. (tradução e grifos meus)

nourriture. *Mes hurlements nocturnes, au sortir d'un cauchemar, réveillaient souvent la maisonnée.* Des médecins vinrent soigner ma *dysenterie*.¹⁰⁰ (SEEL, 1994, p. 66).

Nesse trecho, podemos retomar a questão dos objetos cotidianos perdidos sobre os quais Levi havia comentado. Vemos que, após passar pela experiência do vazio e do fundo do poço, é difícil recuperar tais pertences dessa identidade distante, como afirma. E depois das situações de desconforto extremo do campo, é difícil voltar a deitar em uma cama macia e quente sem se sentir oprimido. Dessa forma, só conseguiu dormir no chão. Além disso, os pesadelos e o desespero da fome também foram recorrentes. Após seu retorno da guerra, também observamos muito sintomas:

*Fantôme je revins, fantôme je restais: je ne devais pas avoir encore pris conscience que j'étais toujours vivant. Des cauchemars me visitaient la nuit et le jour, je pratiquais le silence. Je voulais oublier tous les détails et toutes les frayeurs de ces quatre années que je venais de vivre. Je revenais totalement épuisé par mes multiples affrontements avec la mort, et je constatais douloureusement l'impuissance qui avait été mienne devant la mort des autres. Une tristesse immense s'était effondrée sur moi. Et je n'éprouvais aucune envie.*¹⁰¹ (SEEL, 1994, p. 113).

Descreve-se, portanto, como um fantasma, exausto, imerso na tristeza e no silêncio. Além disso, outra consequência dessa situação limite é a memória fragmentada, como podemos observar quando relata sobre os anos em que foi obrigado a lutar na guerra, do lado nazista. Anos de muito sofrimento, percorrendo vários lugares da Europa, tendo sido transformado pelos nazistas em um fantasma a serviço da morte.

Donc la guerre, à dix-huit ans et demi, et sous l'uniforme allemand. Je ne me souviens pas de mon départ de Mulhouse ; et des trois années qui suivirent, où je traversai l'Europe en tous sens, bien des détails, des lieux, des dates m'échappent complètement. Je fais effort pour me rappeler et pour cerner les événements, mais ils s'esquivent: oubliés? refoulés? C'est comme si, dans les griffes des nazis, j'avais concentré toute ma volonté dans la seule idée de survivre, et non pas de me souvenir. Seules des bribes de mémoire demeurent, aléatoires, déroutantes dans leur désordre¹⁰². (SEEL, 1994, p. 69).

100 *Eu recuperei meu quarto, meus livros, meus objetos. De uma identidade distante. De antes de minha destruição.* Entre os lençóis sedosos de minha cama, no calor ideal, *eu me senti horrivelmente oprimido. Eu só consegui dormir no tapete. À noite, tomado de uma fome do cão medonha, eu atacava a despensa.* Minha família resolveu colocar cadeados em todos os armários que continham comida. *Meus gritos noturnos, ao sair de pesadelos, acordavam frequentemente a casa toda.* Os médicos vieram tratar minha disenteria. (tradução e grifos meus)

101 Um fantasma eu me tornei e um fantasma eu permanecia: não devia ainda ter tomado consciência de que eu continuava vivo. À noite, me visitavam pesadelos e durante o dia eu praticava o silêncio. Eu queria esquecer todos os detalhes e todos os terrores dos quatro anos que eu acabava de viver. Estava totalmente exausto por meus múltiplos enfrentamentos com a morte e constatava dolorosamente a impotência que eu havia sentido ante a morte dos outros. Uma tristeza imensa havia se apossado de mim. E eu não tinha desejo algum. (tradução e grifos meus)

102 Portanto, a guerra, aos dezoito anos e meio, e com o uniforme alemão. Eu não me lembro da minha partida de Mulhouse; e os três anos que se seguiram, em que eu atravesssei a Europa toda, muitos detalhes, lugares, datas, escapam-me completamente. Eu faço um esforço para me lembrar e para delimitar os acontecimentos, mas eles se

Esse é outro ponto que o diferencia de outras narrativas de eventos extremos, pois, muitas vezes, essa fragmentação aparece na própria escrita. Esse não é o caso de Seel, pois, além de ter tido um tempo maior para a elaboração de suas memórias, ele contou com a colaboração do jornalista Jean Le Bitoux, conferindo assim à sua narrativa uma maior linearidade.

Um outro sentimento muito presente após experiências como essas é o da vergonha. Primo Levi, em *Os afogados e os sobreviventes*, em um capítulo intitulado “A Vergonha”, afirma que é um fato verídico e confirmado por numerosos depoimentos que muitos sobreviventes, inclusive ele, tenham experimentado a “vergonha” e um sentimento de culpa durante o confinamento e depois. “O sentimento de vergonha ou de culpa que coincidia com a liberdade reconquistada era fortemente complexo: continha em si elementos diferentes, e em proporções diferentes para cada indivíduo singular.” (LEVI, 2004, p. 65). Uma explicação que formula é a seguinte:

À saída da escuridão, sofria-se em razão da consciência readquirida de ter sido aviltado. Não por vontade, não por pusilanimidade, nem por culpa, vivêramos durante meses ou anos num nível animalesco: nossos dias tinham sido assolados, desde a madrugada até a noite, pela fome, pelo cansaço, pelo frio, pelo medo, e o espaço para pensar, para raciocinar, para ter afeto, tinha sido anulado. Suportáramos a sujeira, a promiscuidade e a destituição, sofrendo com elas muito menos do que sofreríamos na vida normal, porque nosso metro moral havia mudado. Além disso, todos roubáramos. (LEVI, 2004, p. 65)

Alguns tiveram até que matar, como foi o caso de Seel, que traz essa confissão em um trecho do seu testemunho, quando fala dos anos em que lutou na guerra do lado alemão:

Un jour, hélas, comme je devais m'y attendre, je me retrouvai face à un partisan au détour d'un chemin escarpé. Nous étions trop près pour nous tirer dessus. Avec la crosse de son fusil, il me démolit la mâchoire. Mais je ne perdis pas connaissance, et réussis à riposter. Dans ce corps à corps fatidique, ça ne pouvait être que lui ou moi. Étant donné que je suis toujours vivant, on peut deviner l'issue du combat. Les nazis nous avaient appris à tuer, puis obligés à tuer: ils avaient fait de nous des assassins.¹⁰³ (SEEL, 1994, p. 77)

Além disso, no caso dos homossexuais, havia a vergonha por causa da homossexualidade, que gerava um forte estigma. Michael Pollak afirma que “o estigma condena a maioria ao silêncio

esquivam: esquecidos? reprimidos? É como se, nas garras dos nazistas, eu tivesse concentrado toda minha vontade na ideia única de sobreviver, e não na de me lembrar. Somente fragmentos de memória se mantêm, aleatórios, desconcertados em sua desordem. (tradução minha)

103 Um dia, infelizmente, como era de se esperar, eu me deparei com um combatente no desvio de um caminho íngreme. Estávamos muito perto para um atirar no outro. Com a culatra de seu fuzil, ele me destróu a mandíbula. Mas eu não perdi a consciência, e consegui contra-atacar. Nesse corpo a corpo fatídico, só podia ser ele ou eu. Dado que continuo vivo, pode-se adivinhar o resultado do combate. Os nazistas nos haviam ensinado a matar, depois obrigado a matar: eles haviam feito de nós assassinos. (tradução minha)

e a uma gestão solitária de sua identidade” (POLLAK, 1990, p.16), que foi justamente o que aconteceu com Pierre Seel. Em sua autobiografia, inclusive, há um capítulo cujo título é “Os Anos de Vergonha”, em que narra esse período em que reinaram o medo e o silêncio.

Depois de sua libertação do campo de concentração, a caminho de casa, Seel pensava angustiado como seria a reação de sua família, que havia descoberto sobre sua homossexualidade por conta de seu encarceramento:

Les rumeur des rafles d'homosexuels avaient dû faire le tour de la ville. Et depuis que je l'avais quittée, ma famille avait pris que j'étais un 'Schweinhund'. Catholiques et soucieux de leur bonne réputation, comment mes parents allaient-ils réagir? Allaient-ils m'accueillir ou non? Et comment? Mais que leur expliquer, puisque j'étais obligé de faire silence? Je me disais que vraisemblablement la famille tout entière s'alignerait sur l'attitude de mon père.¹⁰⁴ (SEEL, 1994, p. 65)

Podemos observar nesse trecho uma certa apreensão, insegurança e medo sobre como reagiriam os membros de sua família frente à sua homossexualidade. Afinal, eles haviam descoberto através dos nazistas, e não da boca do próprio Seel. Michael Pollak, baseado em suas entrevistas e análises antropológicas sobre os homossexuais e a AIDS, afirma:

Na maioria das vezes, não foi o homossexual que informou deliberadamente sua condição às pessoas com quem convive, mas estas que perceberam 'por acaso'. Para não provocar uma explicação, o homossexual fica condenado a gerir um silêncio que experimenta como uma exclusão que na verdade nunca foi formulada. Por não querer – ou não poder – remediar a situação, o 'excluído' (que é o único a saber que o é) aprendendo a acomodar-se a ela, trabalha para construir uma vida social em que se sinta equilibrado e seja percebido como tal. (POLLAK, 1990, p. 26)

Seel conta logo em seguida como se deu de fato sua chegada:

Ma famille dînait. Mon père se leva de table. Tandis que je m'avançais, il sortit sa montre en or de la poche de son gousset et me la tendit en disant: '*Voilà, mon fils, mon cadeau de bienvenue. Prends place parmi nous. N'en disons pas davantage. Et puis tu iras te reposer.*' La gouvernante rajoute un siège et un couvert. Je pus m'asseoir parmi les miens. Le repas se poursuivit en silence. À l'autre bout de la table, j'aperçus ma mère qui cherchait à retenir ses larmes. *Personne ne rompit le silence*¹⁰⁵. (SEEL, 1994, p. 65, grifos meus)

Podemos observar uma recepção fria, onde imperava o silêncio. Seu pai, apenas com uma

104 Os rumores de batidas policiais de homossexuais deviam ter circulado a cidade. E desde que eu a havia deixado, minha família havia se informado de que eu era um "Schweinhund". Católicos e preocupados com sua boa reputação, como meus pais iriam reagir? Iriam eles me acolher ou não? E como? Mas o que explicar a eles, como me explicar, já que eu estava obrigado a fazer silêncio? Eu me dizia que provavelmente a família toda se alinharia com a atitude de meu pai. (tradução minha)

105 Minha família estava jantando. Meu pai se levantou da mesa. Enquanto eu avançava, ele tirou seu relógio de ouro do bolso do seu colete e o estendeu a mim dizendo: "*Aquí está, meu filho, meu presente de boas-vindas. Tome um lugar entre nós. Não falemos nada mais. E depois você irá descansar.*" A governanta acrescentou um assento e um talher. Eu pude me sentar entre os meus. A refeição se seguiu em silêncio. Do outro lado da mesa, eu percebi minha mãe que procurava conter suas lágrimas. *Ninguém rompeu o silêncio.* (tradução e grifos meus)

frase, já deixou claro que não se deveria falar nada mais sobre o assunto. E, frente a essa ordem patriarcal, ninguém foi capaz de romper o silêncio, muito menos Seel, que, caso resolvesse falar algo, poderia ser expulso dali. Frente a isso, ele narra como de fato se sentiu ao se deparar com sua família. “Arrivé chez moi, je sonnai comme un étranger.¹⁰⁶” (SEEL, 1994, p. 65). Estrangeiro, aquele que é diferente, que vem de um outro lugar, que não pertence a um grupo, a uma cidade, a uma família. Aquele que não compartilha os mesmos signos, não é familiar, conhecido. Estranho. Era assim que se sentia. E foi aí que começou seu silenciamento.

Nous étions le 6 novembre 1941. *Un doublé secret venait d'un seul coup de se sceller: celui de l'horreur nazie et la honte de mon homosexualité.* De temps à autre, un regard glissait sur moi, plein d'interrogations sur mon aspect famélique. Qu'étais-je devenu pendant six mois? Ainsi donc j'étais homosexuel? Pourquoi m'avaient-ils libéré? *Ces questions naturelles, personne ne les posa. Mais quelqu'un les eût-il posées, que je n'aurais pas répondu: j'étais tenu à mon double secret. Et à ces regards silencieux, j'ai mis quarante ans à répondre*¹⁰⁷. (SEEL, 1994, p. 66, grifos meus).

Na esfera privada, temos a família como grande impositora do silêncio. Em sua narração, Seel observa que o pacto de silêncio imposto por seu pai em relação a sua homossexualidade era como uma lei, ninguém se atrevia a lhe desobedecer e comentar algo:

Le pacte de silence imposé par mon père au retour du camp de Schirmeck, concernant mon homosexualité, continuait à faire loi dans la famille: pas de confidences de ma part, pas de questions de la leur. Tous ensemble, nous faisons comme si de rien n'avait été. Mais mon étiquette d'homosexuel avait fait le tour de ma famille. Chez les plus haineux ou les plus sensibles à l'image publique, ma 'réintégration' familial gênait.¹⁰⁸ (SEEL, 1994, p. 116).

Porém, pode-se pensar que esse âmbito familiar apenas refletia o silêncio imposto pela esfera pública, com o qual Seel também se deparou, primeiramente em relação aos outros homossexuais da cidade:

Les grands bourgeois homosexuels de ma ville étaient tous de retour. Ils semblaient n'avoir aucunement souffert de l'Occupation. Ils ne parlaient de rien, ne faisaient aucune déclaration. *Aucune discussion publique sur ce qui s'était passé pour les homosexuels n'avait lieu.*

106 Quando cheguei em casa, eu toquei a campainha como um estranho. (tradução minha)

107 Nós estávamos em 6 de novembro de 1941. *Um duplo segredo acabava de se selar de uma só vez: o do horror nazista e o da vergonha de minha homossexualidade.* De vez em quando, um olhar caía sobre mim, cheio de interrogações sobre meu aspecto famélico. Em que eu havia me transformado em seis meses? Eu era, portanto, homossexual? Que me haviam feito passar os nazistas? Por que haviam me libertado? *Essas questões naturais, ninguém as colocava. Mas se alguém tivesse feito, eu não teria respondido: eu estava preso ao meu duplo segredo. E a esses olhares silenciosos, eu levei quarenta anos para responder.* (tradução e grifos meus)

108 O pacto de silêncio imposto pelo meu pai na volta do campo de Schirmeck, em relação à minha homossexualidade, continuava a ser lei na minha família: nenhuma confidência da minha parte, nenhuma pergunta da deles. Nós todos fazíamos como se nada tivesse acontecido. Mas minha etiqueta de homossexual girava em torno da minha família. Na casa dos mais raivosos ou dos mais sensíveis à imagem pública, minha "reintegração" familiar incomodava. (tradução minha)

*Rien ne venait au secours de mon mutisme*¹⁰⁹ (SEEL, 1994, p. 113-114, grifo meu).

Como afirma, não havia nenhuma discussão pública a respeito desse assunto. Seel critica essa atitude dos homossexuais burgueses, pois como haviam escapado das garras dos nazistas por terem dinheiro e terem conseguido fugir durante o período, era cômodo continuar no silêncio:

J'étais indigné, car s'ils n'avaient peut-être pas été soumis à la question, ils avaient bien dû constater la disparition de quelques-unes de leurs connaissances. Ils n'avaient peut-être pas vécu entre les barbelés d'un camp, mais ils avaient bien dû entendre parler des rafles d'homosexuels em Alsace. Ils n'avaient peut-être pas été obligés d'assister au massacre de leur ami, mais ils avaient bien dû apprendre au moins que les homosexuels, sur ce sol annexé quatre ans durant, avaient été indésirables et qu'ils avaient été torturés, expulsés et certains assassinés. Les fichiers de police remis à jour année après année avant l'arrivée des nazis, et la délation aidant pendant l'Occupation, avaient pourtant fait leur œuvre pour des certaines d'entre nous¹¹⁰ (SEEL, 1994, 114).

A vigilância policial que havia antes da guerra e a posterior perseguição aos homossexuais durante o nazismo tinha contribuído para gerar esse medo e dificuldade de falar. Mas um grande fator que contribuiu para isso foi a questão das leis contrárias aos homossexuais que ainda estavam em vigor, como vimos. Portanto, não era somente uma questão de comodidade, mas de segurança, sobretudo em relação às vítimas homossexuais, que se sentiam inseguras para contar suas verdadeiras histórias, por medo do estigma e de possíveis ações legais, e, assim, omitiam-nas, ou mesmo mentiam. O testemunho dos homossexuais era, portanto, socialmente inaudível, impossível e perigoso. Assim, relata Seel:

Apprenant l'existence de cette loi, je compris également qu'à parler, je risquais d'être menacé du côté des tribunaux et accusé de faire l'apologie d'une sexualité 'contre nature'. Cette disposition judiciaire expliquait peut-être le silence des bourgeois homosexuels de Mulhouse. Mais leur silence ne m'apparaissait pas de même nature que le mien. Je leur faussai donc compagnie. Quant à fréquenter les squares, cela était devenu très dangereux car les violences nocturnes s'étaient multipliées. D'où pouvait venir cette nouvelle haine des homosexuels? Peut-être du côté de ceux que la victoire des Alliés rendait furieux. La bière aidant, ratissant Mulhouse en pleine nuit, ils croisaient sans difficulté, comme les voyous et les truqueurs, des victimes toutes trouvées. Je m'isolai donc.¹¹¹ (SEEL, 1994, p. 115).

109 Os grandes burgueses homossexuais da minha cidade haviam todos voltado. Eles pareciam não ter tido nenhum sofrimento durante a Ocupação. Eles não falavam de nada, não faziam nenhuma declaração. *Nenhuma discussão pública sobre o que havia se passado com os homossexuais acontecia. Nada vinha socorrer meu mutismo.* (tradução e grifo meu)

110 Eu estava indignado, pois se eles talvez não tivessem sido submetidos à tortura, eles deviam ter constatado o desaparecimento de alguns de seus conhecidos. Eles talvez não tivessem vivido entre as cercas de um campo, mas eles deviam ter ouvido falar das batidas policiais contra os homossexuais na Alsácia. Eles talvez não tivessem sido obrigados a assistir ao massacre de seu amigo, mas eles deviam saber ao menos que os homossexuais, sob esse solo anexado por quatro anos, haviam sido indesejáveis e que eles haviam sido torturados, expulsos e alguns assassinados. Os arquivos de polícia colocados em dia ano após ano antes da chegada dos nazistas, com a ajuda da delação durante a ocupação, haviam, no entanto, feito seu trabalho com centenas de nós. (tradução minha)

111 Tendo conhecimento da existência dessa lei, eu compreendi também que ao falar, eu corria o risco de ser

Além de perceber que era arriscado falar e ser ameaçado judicialmente, Seel estava ciente que era extremamente perigoso sair à noite e frequentar certos lugares de encontros, como a praça onde costumava ir em sua adolescência. Portanto, isolou-se. Como mostra Gerard Koskovich, muitos homossexuais foram enviados ao sistema penitenciário tradicional após a guerra, pois muitos acreditavam que os nazistas estavam certo no tratamento que deram a eles, pois se tratavam, sim, de delinquentes. Na Alemanha Ocidental, por exemplo, entre 1949 e 1969, mais de cem mil homossexuais alemães foram inquietos ainda pelo Parágrafo 175. O historiador afirma:

Les témoignages montrent que, dans certains cas tout au moins, les forces d'occupation alliées ont rendu les déportés homosexuels au système pénitentiaire traditionnel, les considérant comme des délinquants sexuels qui avaient mérité leur châtimeut sous les nazis et qui continuaient à le mériter après la Libération.¹¹² (KOSKOVICH *apud* LE BITOUX, 2002, p. 151)

Primo Levi já comentava que, na maior parte dos casos, a hora da libertação não foi nem alegre nem despreocupada:

Soava em geral num contexto trágico de destruição, massacre e sofrimento. Naquele momento, quando voltávamos a nos sentir homens, ou seja, responsáveis, retornavam as angústias dos homens: a angústia da família dispersa ou perdida; da dor universal ao redor; do próprio cansaço, que parecia definitivo, não mais remediável; da vida a ser recomeçada em meio às ruínas, muitas vezes só. (...) Quase sempre coincidiu com uma fase de angústia (LEVI, 2004, p. 61).

No caso dos homossexuais mais especificamente, havia também angústia por ser homossexual e não poder contar tudo o que houve de fato. Seel afirma: “Je commençais déjà à censurer mes souvenir et je réalisais qu’en dépit de mes attentes, en dépit de tout ce que j’avais imaginé, de l’émotion du retour tant espéré, *la vraie Libération, c’était pour les autres*¹¹³” (SEEL, 1994, p. 110, grifo meu). Assim, após o fim da guerra, Pierre Seel se isolou, entregando-se à autocensura, ao silêncio e à solidão.

ameaçado do lado dos tribunais, e acusado de fazer apologia de uma sexualidade "contra-natureza". Essa disposição judicial explicava talvez o silêncio dos burgueses homossexuais de Mulhouse. Mas seu silêncio não parecia da mesma natureza que o meu. Eu lhes debandei, portanto. Quanto a frequentar as praças, isso havia se tornado muito perigosos, pois as violências noturnas haviam se multiplicado. De onde podia vir esse novo ódio aos homossexuais? Talvez do lado daqueles que ficaram furiosos com a vitória dos Aliados. Com a ajuda da cerveja, rastreamos Mulhouse em plena noite, cruzando sem dificuldade, como baderneiros e vigaristas, com vítimas idôneas. Eu me isolei, portanto. (tradução minha)

112 Os testemunhos mostram que, em certos casos pelo menos, as forças de ocupação aliadas enviaram os deportados homossexuais ao sistema penitenciário tradicional, considerando-os como delinquentes sexuais que haviam merecido seu castigo por parte dos nazistas e que continuavam a merecê-lo após a Libertação. (tradução minha)

113 Eu já comecei a censurar minhas lembranças e percebi que, apesar das minhas expectativas, apesar de tudo que eu havia imaginado, da emoção do retorno tão esperado, *a verdadeira Libertação era para os outros*. (tradução e grifo meu)

O sobrevivente Primo Levi faz também a seguinte constatação:

Aqueles que experimentam o encarceramento (e, muito mais em geral, todos os indivíduos que atravessaram experiências severas) se dividem em duas categorias bem distintas, com poucas gradações intermediárias: os que calam e os que falam. Ambos obedecem a razões válidas: calam aqueles que experimentam mais profundamente um mal-estar que, para simplificar, chamei de “vergonha”, aqueles que não se sentem em paz consigo mesmos ou cujas feridas ainda doem. Falam, e muitas vezes falam muito, os outros, obedecendo a impulsos diversos. Falam porque, em vários níveis de consciência, percebem no (ainda que já longínquo) encarceramento o centro de sua vida, o evento que no bem e no mal marcou toda a sua existência. Falam porque sabem ser testemunhas de um processo de dimensão planetária e secular. (LÉVI, 2004, p.127)

No caso de Pierre Seel, ele esteve em ambos os lados. À princípio, calou, por sua vergonha e pelo silêncio imposto pela sociedade, pois, como acrescenta Levi, os sobreviventes falam porque são convidados a fazê-lo, e, como vimos, isso não ocorreu com Seel por um longo tempo, inclusive no âmbito mais privado, pela própria família, exceto com sua mãe, como conta:

Ma mère fut la seule de ma famille à tenter en plusieurs occasions de me pousser à la confiance pour briser mon silence et soulager ma tristesse. Que m'avaient-ils fait à Schirmeck pour que je lui revienne si meurtri, si taciturne, si changé? Je semblais me traîner sans envie de retrouver goût à la vie. Pourquoi ne lui parlais-je pas? Elle me jurait qu'elle n'en dirait rien à personne. À chaque fois, alors, je lui tournais le dos pour cacher les larmes qui surgissaient dans mes yeux, et je mettais mes mains devant ma bouche pour ne pas subir la tentation de répondre à son imploration¹¹⁴. (SEEL, 1994, p. 119-120)

Vemos, portanto, que foi muito difícil lidar com essa situação. Levi acrescenta também que os ouvintes, amigos, filhos, leitores ou mesmo estranhos, compreendem (ou pelo menos tentam) a unicidade desse evento monstruoso, segundo suas palavras. “Por isso, estimulam-nos a narrar e nos formulam perguntas, às vezes colocando-nos em embarcação” (LEVI, 2004, p. 128). Sua mãe era uma dessas pessoas, entendia que Seel precisava desabafar, e por isso insistia para que ele falasse. Assim, depois de certo tempo, ele contou a sua mãe tudo que passou, pois ela já estava prestes a morrer e levaria consigo seu segredo. Seel narra:

Un soir, alors que je venais d'éteindre la lumière et de lui souhaiter une bonne nuit, elle approcha sa main de mon lit et, glissant ses doigts entre mes draps, elle me pressa l'épaule en disant: '*Pierre, dis-moi ce qui s'est passé. Je veux savoir quelles ont été tes souffrances. Tu sais que je n'en ai plus pour longtemps. Pierre, ne garde pas ce secret pour toi tout seul, parle-moi. Dis-moi ce qu'ils t'ont fait.*' Je rallumai en silence. Je ne sais plus pourquoi et je ne me rappelle plus quels mots j'utilisai, mais je finis par m'abandonner à la confiance. Ce que je lui dis, c'est ce que l'on a lu ici: mon homosexualité, cette différence si difficile à vivre dans une famille comme la

114 Minha mãe foi a única da minha família a tentar, em várias ocasiões, que eu fizesse confidências para quebrar meu silêncio e aliviar minha tristeza. Que me haviam feito em Schirmeck para que eu voltasse tão machucado, tão taciturno, tão mudado? Parecia que eu me arrastava sem vontade de encontrar gosto pela vida. Por que eu não lhe falava? Ela me jurava que ela não diria nada a ninguém. Toda vez, então, eu lhe dava às costas para esconder as lágrimas que surgiam nos meus olhos, e colocava as mãos diante da boca para não sofrer a tentação de responder sua imploração. (tradução minha)

*mienne, dans une ville comme Mulhouse. Je lui racontai aussi ma rencontre avec mon ami Jo. Puis j'en vins à mai 1941, ra raflé et les tortures à la Gestapo. Enfin l'assassinat sauvage de mon compagnon, puis ces longs mois d'horreur dans le camp de Schirmeck.*¹¹⁵ (SEEL, 1994, p. 120, grifos meus)

Essa foi a única vez que Pierre foi convidado a falar no âmbito familiar. Isso só iria se repetir muito tempo depois, em um contexto não familiar. Assim, em relação aos homossexuais, podemos perceber dois momentos. Um, logo após a guerra, em que eles não eram passíveis de compaixão por parte dos outros, e dessa forma não eram estimulados a narrar suas histórias, inclusive, pois o embaraço que menciona Levi, nesse caso, já estava concentrado na questão sexual, no estigma da homossexualidade desses sobreviventes, um assunto tabu e uma diferença ainda condenada por muitos. Em um outro momento, décadas depois, vemos que essa compreensão começou a surgir, porém de maneira ainda muito tímida. Assim, os homossexuais foram estimulados, por outros homossexuais, a narrar, também pela questão do reconhecimento e do resgate dessa memória que esteve ocultada por muitos anos. E foi nesse contexto que Seel foi convidado a falar e passou para esse outro lado. O convite, feito por Jean-Pierre Joecker, diretor e fundador da revista homossexual francesa *Masques*, foi o seguinte:

- Il faut témoigner. Anonymement si vous le souhaitez. Ce n'est pas un problème. L'essentiel est de dire. Vous portez un secret très lourd, et il concerne aussi beaucoup de disparus¹¹⁶. (SEEL, 1994, p. 153).

Seel narra também como foi a sensação de lhe contar:

Pour la première fois depuis plus de trente ans, je me surpris à pouvoir parler, depuis ma mère mourante. Leurs questions relançaient ma mémoire. Je parlais lentement, ayant trop peur de trahir mes souvenirs. Pour une chose toutefois, je n'arrivais pas à trouver les mots: mon viol par les nazis au siège de la Gestapo¹¹⁷. (SEEL, 1994, p. 153).

Esse trecho faz parte do último capítulo de sua autobiografia, intitulado "O Testemunho

115 Uma noite, logo que apaguei a luz e lhe desejei boa noite, ela aproximou sua mão da minha cama e, deslizando seus dedos entre meus lençóis, ela apertou meu ombro dizendo: "Pierre, diga-me o que aconteceu. Eu quero saber quais foram seus sofrimentos. Você sabe que eu não estarei aqui por muito tempo. Pierre, não guarde esse segredo para si, fale comigo. Diga-me o que eles te fizeram." Eu acendi a luz em silêncio. Eu não sei mais porque e não lembro mais quais palavras eu utilizei, mas eu acabei me abandonando à confidência. O que eu lhe disse é o que se leu aqui: minha homossexualidade, essa diferença tão difícil de viver em uma família como a minha, em uma cidade como Mulhouse. Eu lhe contei também meu encontro com meu amigo Jo. Depois, sobre maio de 1941, a batidas policiais e as torturas na Gestapo. Enfim, o assassinato selvagem de meu companheiro, seguido desses longos meses de horror no campo de Schirmeck. (tradução e grifos meus)

116 - É preciso testemunhar. Anonimamente, se você desejar. Não tem problema. O essencial é dizer. Você guarda um segredo muito pesado, e ele diz respeito a muitos desaparecidos. (tradução minha)

117 Pela primeira vez após quase trinta anos, desde que minha mãe morreu, eu me surpreendi por poder falar. Suas perguntas reavivaram minha memória. Eu falava lentamente, com muito medo de trair minhas lembranças. Para uma coisa, no entanto, eu não consegui encontrar palavras: meu estupro pelos nazistas na sede da Gestapo. (tradução minha)

Doloroso”. Aqui, vemos outra marca muito importante da literatura de testemunho. A narrativa:

é tecida como uma forma de se ‘libertar’ do passado como também se desdobra como um doloroso exercício de construção da identidade. Ela é uma narração necessária tanto em termos individuais como também – pensando universalmente – deve funcionar como um testemunho para a posteridade. Ela é um ato subjetivo e objetivo, psicológico e ético. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 114).

Embora esse processo de libertação seja bem dolorido, quando é atingido, traz um grande bem-estar. Testemunhar foi algo que lhe fez bem, como afirma:

Je reconnais que tout cela me rassura. Je me sentais soudainement entouré d’un nouveau respect pour mon identité. Et moi-même, je me regardai avec davantage de dignité. Sans doute parce que j’avais désormais un devoir: faire reconnaître la déportation des homosexuels. Pour autant, pouvais-je être confiant en l’avenir? Jusqu’à aujourd’hui en tout cas, dix ans après, je n’ai toujours pas obtenu réparation de l’histoire¹¹⁸. (SEEL, 1994, p. 159).

Houve, portanto, um alívio por ter se livrado desse pesado segredo e uma consequente mudança de percepção em relação a si mesmo. Sobre essa questão, Eribon ressalta:

E o gesto deliberado e libertador pelo qual, um belo dia, alguém decide romper com a obrigação do segredo, o ato pelo qual alguém torna pública sua homossexualidade, marca a recusa de se submeter por mais tempo à violência (interiorizada) exercida pela dicotomia intensamente vivida entre o que pode ser dito em público e o que deve ficar confinado na vida privada ou no íntimo. (ERIBON, 2008, p. 129)

Além disso, o filósofo afirma que a questão de dizer é central na experiência dos homossexuais e essa possibilidade de falar é primeiramente oferecida pelo encontro com outros homossexuais, como de fato se deu com Seel.

Em todo caso, o que caracteriza o homossexual é que ele é alguém que, um dia ou outro, é confrontado com a decisão de dizer o que ele é, ao passo que um heterossexual não precisa fazer isso, já que presumidamente todos os são. A relação com o “segredo” e com a gestão diferenciada desse “segredo” em situações diferentes é uma das características das vidas homossexuais. (ERIBON, 2008, p. 72).

Em relação a Seel, vemos que esse segredo é ainda mais forte, pois não se trata apenas de dizer que é homossexual, mas de dizer que foi perseguido e deportado por esse motivo. E essa escolha individual de revelar o segredo só é tornada possível (com raras exceções) pela existência do contexto social e cultural criado pela “cultura gay” e pela possibilidade de “contrassocialização” que ela instaura, afirma Eribon. “A decisão de não mais se esconder, a escolha de si mesmo abrem para uma nova temporalidade: é todo o futuro que se vê mudado”

118 Eu reconheço que tudo isso me tranquilizou. Eu me senti subitamente rodeado de um novo respeito pela minha identidade. E eu mesmo me olhei com mais dignidade. Sem dúvida porque eu tinha desse momento em diante um dever: fazer reconhecer a deportação dos homossexuais. No entanto, eu podia confiar no futuro? Até hoje, em todo caso, dez anos depois, eu ainda não obtive reparação da história. (tradução minha)

(Eribon, 2008, p. 134), o que é claramente visível com Seel.

Portanto, poder testemunhar mudou definitivamente sua vida. Ele pôde, assim, se livrar desse grande fardo que carregava. Seu duplo segredo que guardava há décadas, o de sua homossexualidade e de sua deportação. Como afirma, logo após ter saído à luz pela primeira vez, sentia-se livre de um segredo pesado, apesar das dificuldades que ainda encontrou pela frente:

Malgré le peu d'échos que suscita ma lettre ouverte au prélat, je me sentis délivré d'un lourd secret. Je décidai alors de me lancer dans une série de démarches pour faire reconnaître ma déportation et, à travers elle, la déportation des homosexuels par les nazis. Elles m'épuisèrent, et il faut bien dire qu'à ce jour, elles ne s'honorent pas de résultats tangibles. *Il me fallait vaincre une ignorance, pire: une incrédulité, dont je pris alors seulement la mesure.* Je me souviens de cette jeune femme, derrière un bureau, qui avait cessé de noter mon argumentation lorsque j'avais ajouté à "déporté", "homosexuel", et qui me regardait ébahie. Je lui demandai de continuer à noter ma requête. Elle se leva alors brusquement et appela sa supérieure. *Me prenait-elle pour un fou? Un fabricant de canulars?* Mon dossier de déporté n'existait plus: le mot "homosexualité" avait été prononcé et il frappait de nullité la déportation elle-même. Ce qu'elle ignorait, dans naïveté, c'est que c'était bien cela que j'avais vécu.¹¹⁹ (SEEL, 1994, p. 158, grifos meus).

Observamos, portanto, o que foi comentado no capítulo anterior, sobre a desconfiança frente ao seu testemunho. Ainda o olhavam com descrença, pois a deportação homossexual não era um assunto conhecido pela população, em geral. Dessa maneira, era necessário lutar por esse reconhecimento e pela obtenção de sua carteira de deportado, para que, assim, não o olhassem como um "louco" e "fabricante de farsas", como afirma.

Tout résiderait donc pour moi désormais dans des démarches administratives. Mais elles me paraissent sans issue. Car comment rassembler, cinquante ans après, toutes les pièces demandées 'par l'article L. 286 et suivants', comme cela s'était fait sans difficultés majeures, pour les autres déportés, au lendemain de la Libération? Je n'ai que depuis deux ans un document que m'a fait parvenir le ministère de la Justice et qui prouve mon transfert de la prison de Mulhouse au camp de Schirmeck. Mais c'est, pour eux, insuffisant.¹²⁰ (SEEL, 1994, p. 167-168).

Mais uma vez, reaparece aqui a comparação com os outros sobreviventes. Como afirma,

119 Apesar dos poucos ecos que suscitou minha carta aberta ao prelado, eu me senti libertado de um pesado segredo. Eu decidi então me lançar numa série de ações para fazer reconhecer minha deportação e, através dela, a deportação dos homossexuais pelos nazistas. Elas me esgotavam, e é preciso dizer que até hoje elas não comemoram resultados tangíveis. *Eu tive que vencer uma ignorância, pior: uma incredulidade, da qual eu tomei então a medida.* Eu me lembro de uma jovem, atrás de uma mesa de escritório, que havia deixado de anotar meu apelo quando eu acrescentei a "deportado", "homossexual", e que me olhou aturdida. Eu lhe pedi que continuasse a anotar minha petição. Ela então se levantou bruscamente e chamou sua superiora. *Ela me tomava por louco? Um fabricante de farsas?* Meu arquivo de deportado não existia mais: a palavra "homossexual" havia sido pronunciada e convertia em nula a própria deportação. O que ela ignorava, em sua ingenuidade, é que foi exatamente isso o que eu vivi. (tradução e grifos meus)

120 Portanto, para mim, a partir de então, tudo consistia a ações administrativas. Mas elas me pareciam sem resultado, pois, como juntar, cinquenta anos depois, todos os documentos pedidos "pelo artigo L. 286 e seguintes", feito sem dificuldades maiores, para os outros deportados, no dia seguinte à Libertação? Eu só tenho há dois anos um documento que me enviou o Ministério de Justiça e que prova minha transferência da prisão de Mulhouse ao campo de Schirmeck. Mas, para eles, é insuficiente. (tradução minha)

eles puderam reunir os documentos sem muitas dificuldades logo após a Libertação. Ele, em comparação, cinquenta anos depois, sentia-se um personagem kafkiano, em um processo longo e burocrático.

Cette exigence administrative, qui est celle de la loi, semble sortie d'un roman de Kafka. Sans doute, je dois m'y plier. Les témoignages qu'on rédigeés mes frères ne semblent pas leur suffire. Qui contacter alors? À Schirmeck, j'étais l'un des plus jeunes. J'ai aujourd'hui soixante-dix ans. Quel octogénaire, quel nonagénaire rescapé et toujours vivant, au courant de mon appel, va-t-il pouvoir, en toute certitude, s'écrier: 'Je me souviens de vous!?' À quel délire bureaucratique mon combat est-il donc finalement lié?¹²¹ (SEEL, 1994, p. 169)

Foi, portanto, um longo caminho, que parecia não terminar. Logo no final do livro, coloca duas questões: “Quand pourrai-je faire reconnaître ma déportation? Quand pourrai-je faire reconnaître la déportation des homosexuels par les nazis?” (SEEL, 1994, p. 170). Vemos, desse modo, uma preocupação a nível individual e a nível coletivo. A publicação de seu livro foi um passo muito importante nessa luta. Em 1995, um ano depois do lançamento do livro, recebeu, finalmente, sua carteira de deportado. Sua autobiografia, desde então, foi republicada quatro vezes na França. No exterior, foi traduzida nos EUA, na Alemanha, na Espanha e na Rússia. Estima-se que a tiragem dessas edições estrangeiras seja de 20 mil exemplares. Foi feita também uma versão teatral na Alsácia. Além disso, Seel participou constantemente de programas de rádio e TV para falar sobre o tema, e saiu em reportagens da mídia impressa. Foi também um dos que deram seu depoimento no documentário americano “Parágrafo 175”, realizado por Rob Epstein e Jeffrey Friedman, lançado em 2000. Seu livro também inspirou o telefilme francês “Amor em tempos de guerra” (“Un Amour à taire”), de Christian Faure, exibido pela primeira vez em 2005, e o documentário “Amants des hommes” (“Amantes dos Homens”, em tradução livre), de Isabelle Darmengeat, lançado em 2006.

Portanto, o testemunho de Seel foi decisivo na questão da visibilidade, da memória e do reconhecimento dos homossexuais como vítimas do nazismo. O estado francês, através do então primeiro-ministro Lionel Jospin, reconheceu em abril de 2001 as perseguições que os homossexuais enfrentaram durante a Segunda Guerra Mundial¹²² (LE BITOUX, 2002, p. 237, e

121 Essa exigência administrativa, que é a da lei, parece sair de um romance de Kafka. Sem dúvida, devo me submeter a ela. Os testemunhos que redigiram meus irmãos parecem não ser suficientes. Quem contactar então? Em Schirmeck, eu era um dos mais jovens. Eu tenho hoje setenta anos. Qual octogenário, qual nonagenário sobrevivente e ainda vivo, ciente do meu chamado, com toda certeza, exclamará: “Eu me lembro de você!”? A qual delírio burocrático meu combate está por fim ligado? (tradução minha)

122 O governo alemão pediu desculpas em novembro de 2000 pelas deportações e torturas sofridas pelos homossexuais (LE BITOUX, 2002, p. 151).

SIBALIS, p. 301). E, em 2005, o fato foi evocado pela primeira vez durante a cerimônia do Dia Nacional da Lembrança da Deportação, pelo então presidente Jacques Chirac¹²³. Nesse mesmo ano, alguns meses depois, Pierre Seel faleceu, aos 82 anos. Assim, depois de muito lutar pelo reconhecimento oficial, pôde, enfim, descansar em paz.

Seu grito, no entanto, não cessou com sua morte e continua a ecoar. Em fevereiro de 2008, foi inaugurada, na cidade francesa de Toulouse, uma rua que leva seu nome e contém uma placa informativa de que se tratou de um deportado francês por homossexualidade. Além disso, no último dia 15 de maio de 2010, foi inaugurada em Mulhouse a primeira placa francesa em homenagem às vítimas homossexuais¹²⁴. Outra está prevista para ser inaugurada no campo de Struthof durante o outono europeu. Também nesse ano de 2010, foi lançado um filme inspirado na história de Seel, “L'Arbre et la Forêt” (“A Árvore e a Floresta”, em tradução livre), de Olivier Ducastel e Jacques Martineau. Por fim, outro sobrevivente homossexual resolveu sair à luz e contar sua história. Rudolf Brazda, que completou seus 97 anos em junho, acabou de publicar seu testemunho no livro *Rudolf Brazda, itinéraire d'un Triangle rose* (“Rudolf Brazda, itinerário de um Triângulo Rosa”, em tradução livre), onde conta sobre sua deportação e seus três anos preso no campo de Buchenwald. Brazda é provavelmente o último sobrevivente homossexual vivo.¹²⁵ É, portanto, outro grito que chama atenção para o fato.

Todos esses acontecimentos mencionados vêm, assim, ao encontro de Seel e, desse modo, participam da construção dessa memória emblemática dos homossexuais em relação ao nazismo, que, como vemos, é algo que continua em processo ainda nos dias de hoje.

123 Disponível em: <http://www.tetu.com/actualites/france/Jacques-Chirac-reconnait-la-deportation-des-homosexuels-en-France-durant-lOccupation-1607> . Acesso em 26 de maio de 2010.

124 Disponível em: http://www.devoirememoire.org/actualites/a_la_une/index.html . Acesso em 26 de maio de 2010.

125 Disponível em:

http://www.gayclic.com/articles/inauguration_a_mulhouse_de_la_premiere_plaque_commemorative_francaise_qui_rend_hommage_aux_triangles_roses_videos.html . E também em: <http://www.tetu.com/actualites/france/livre-temoignage-bouleversant-du-dernier-triangle-rose-survivant-17049> . Acesso em 26 de maio de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS...

Este presente estudo busca, portanto, contribuir para a rememoração desse passado que por tanto tempo esteve oculto e que tem seus resquícios até os dias atuais, pois a perseguição aos homossexuais não terminou com o fim da guerra. Continua na maioria dos países, passando por vários níveis de homofobia, pois, ainda hoje, muitas pessoas relacionam homossexualidade à doença, à perversão e à imoralidade e muitos ainda são perseguidos e mortos por esse motivo. Segundo levantamento feito pelo jornalista francês Philippe Castetbon (2010), a relação entre pessoas do mesmo sexo ainda é ilegal em 83 países, sobretudo na África. Desse total, sete países usam a pena de morte como condenação: Mauritânia, Sudão, Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Nigéria e Somália. Por isso, é importante que testemunhos como o de Seel continuem realmente visíveis, pois eventos como o vivenciado por ele não só podem voltar a acontecer, como ainda continuam ocorrendo com frequência. Nesse países citados, os homossexuais não só são desamparados no plano jurídico, como são condenados à morte. Porém, em muitos outros lugares não existe essa perseguição estatal, mas ela se dá de outras formas, através de pessoas que continuam com essa mentalidade nazista e fazem uso da violência contra os homossexuais, chegando muitas vezes a assassiná-los. No Brasil, por exemplo, onde a homossexualidade não é condenada por lei, foram assassinados em 2009, segundo levantamento feito pelo Grupo Gay da Bahia¹²⁶, 198 homossexuais, 9 a mais que em 2008 (189 mortes), que já havia tido um aumento de 61% em relação a 2007 (122). Isso faz do país o campeão mundial de crimes contra LGBT. Portanto, é importante recuperar a memória desse passado de repressão e relacionar com o presente.

No entanto, apesar dessa forte questão histórica e política presente, o teor literário não é desconsiderado nesse estudo. Buscou-se analisar o que o relato autobiográfico de Seel pôde trazer para o âmbito da literatura. Pode-se indagar aqui a questão sobre o que é literatura. Se a resposta para essa pergunta considerar apenas o trabalho estético, ou seja, as características formais e estilísticas, talvez seja questionado o valor dessa autobiografia, que é construída de maneira linear, em um tom jornalístico forte, e às vezes com alguns clichês. No entanto, é necessário considerar que o autor não era um escritor e contou, de fato, com a ajuda de um jornalista. Porém, isso não diminui o valor de sua obra, pois ela não deixa de trazer muitas imagens fortes e

126 Disponível em:

<http://www.ggb.org.br/dossier%20de%20assassinatos%20de%20homossexuais%20em%202009.html> . Acesso em 26 de maio de 2010.

metáforas interessantes, que provocam forte impacto no momento da leitura. Além disso, como vimos, sua autobiografia se enquadra em todos os aspectos comumente encontrados nas escritas de si, como a questão da mudança interior, do “eu” em conflito, do desnudamento, entre outros pontos. Literatura, portanto, vai além da questão estética. É também uma ilustração de determinada época e ajuda a compreender melhor os processos históricos e as mudanças de comportamento. Ademais, permite o contato com as experiências vividas por outros. Permite, dessa forma, a transmissão.

Portanto, a autobiografia de Pierre Seel é um livro muito rico, por todas as questões que consegue suscitar nessas diferentes esferas. Através dele, foi possível fazer uma contextualização da época em que Seel viveu sua adolescência, os anos 30 e 40, décadas da ascensão do nazismo. Possibilitou também fazer a relação entre o regime de Hitler e a homossexualidade, observando como se deu a perseguição aos homossexuais e como se davam os processos de sujeição através da sexualidade. Foi possível também vislumbrar o desnudamento de si através da escrita e a libertação de um sujeitamento para uma subjetividade e um cuidado de si. Além disso, trouxe uma contextualização histórica dos anos do pós-guerra na França até o período de publicação do livro, mostrando o porquê desse silenciamento durante décadas. Por fim, evidenciou a posterior busca pelo reconhecimento e pela visibilidade dessa memória, que dura até os dias atuais. É, dessa forma, um importante livro.

BIBLIOGRAFIA:

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo, Boitempo, 2003

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo, Boitempo, 2008.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Obras escolhidas*. Volume 1. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Textos escolhidos. Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas* (Volume Os Pensadores). São Paulo, Editora Abril, 1980.

BOISSON, Jean. *Le Triangle rose*. Ed. Robert Laffont, 1987.

CASTETBON, Philippe. *Les condamnés. Dans mon pays, ma sexualité est un crime*. Le Triadou, Editions H&O, 2010.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1993.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 1999

_____. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

_____. *Segurança, Território, População*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo, Editora 34, 2006.

GUSDORF, Georges. *Les écritures du moi*. Paris, Ed. Odile Jacob, 1991.

JOSEF, Bella. “(Auto)biografia’: os territórios da memória e da história”, in: J. Leenhardt e S. Pesavento (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, Editora da Unicamp, 1998.

LE BITOUX, Jean. *Les oubliés de la Mémoire*. Paris, Hachette Littératures, 2002.

LE BITOUX, Jean; CHEVAUX, Hervé; PROTH, Bruno. *Citoyen de seconde zone. Trente ans de lutte pour la reconnaissance de l'homosexualité em France (1971-2002)*. Paris, Hachette Littératures, 2003.

LEJEUNE, Phillipe. Definir Autobiografia. In: MORÃO, P. (org.) *Autobiografia. Auto-representação*. Lisboa, Fac. Letras de Lisboa, 2003.

_____. *Le Pacte autobiographique*. Paris, Seuil, 1975.

- LEVI, Primo, *É isto um homem?* Rio de Janeiro, Rocco, 1988.
- _____. *A trégua*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- MOSSE G. *Nationalism and sexuality. Middle-class morality and sexual norms in modern Europe*. Nova York, Howard Fertig, 1985.
- PÉREZ, Javier U. *Sin derramamiento de sangre. Un ensayo sobre la homosexualidad*. Barcelona/Madrid, Editorial Egales, 2005.
- PÉREZ, Javier U. (org.) *Una discriminación universal. La homosexualidad bajo el franquismo y la transición*. Barcelona/Madrid, Editorial Egales, 2008.
- PLANT, Richard. *The Pink Triangle*. Nova York, Henry Holt, 1986.
- POLLAK, Michael. *Os Homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia*. São Paulo, Estação Liberdade, 1990.
- RIKOEUR, Paul. *A memória, a História, o Esquecimento*. Campinas, Editora da Unicamp, 2008.
- SEEL, Pierre; LE BITOUX, Jean. *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*. Paris, Éditions Calmann-Lévy, 1994.
- _____. LE BITOUX, Jean. *Pierre Seel, deportado homosexual*. Barcelona, Edicions Bellaterra, 2001.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio; NESTROVSKI, Arthur. (org.). *Catástrofe e Representação*, São Paulo, Escuta, 2000.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2003.
- _____. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo, Editora 34, 2005.
- _____. *Palavra e imagem, memória e escritura*. Chapecó, Argos, 2006.
- SHERMAN, Martin. *Bent au Théâtre de Paris. Quand les nazis déportaient les homosexuels : (documents)*. Editado por Jean-Pierre Joecker. Paris, Persona, 1981.
- SIBALIS, Michael. Homophobia, Vichy France, and the "Crime of Homosexuality": The Origins of the Ordinance of 6 August 1942. In: *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*. Volume 8, Número 3, Durham, Duke University Press, 2002, pág. 301-318.
- STERN, Steve J. "De la memoria suelta a la memoria emblemática: hacia el recordar y el olvidar como proceso histórico (Chile, 1973-1998)", in GARCÉS, Mário et al. (compiladores). *Memoria*

para un nuevo siglo. Chile, miradas a la segunda mitad del siglo XX. Santiago, LOM, 2000.

STAROBINSKI, Jean. Le style de l'autobiographie. In: Revista *Poétique*, Número 3, Paris, Seuil, 1970.

Sítios:

<http://www.devoiretmemoire.org/home.html>

<http://triangles-roses.blogspot.com/>